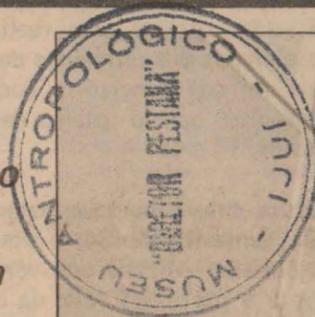


**plebiscito**

*A Estrutura do Poder chega ao teste das urnas, depois de quatro anos de experiência na Cotrijuí. Votação será dia 21 de agosto, em todas as unidades da Pioneira, Mato Grosso do Sul e Dom Pedrito.*



## HORA DE DECIDIR

Páginas 11 a 14

### INVERNO

## O crédito fica de lado e o trigo é plantado por conta

*Muitos produtores preferem perder o direito de contar com Proagro, formando a lavoura de trigo com recursos próprios, nesta safra em que a área destinada à cultura é a menor dos últimos anos na Pioneira.*

Páginas 4 e 5



Mato Grosso do Sul iniciou as manifestações de protesto.

### POLÍTICA AGRÍCOLA

## O fim do médio produtor, o baixo custeio, o mercado, os juros

*Reação dos agricultores pode levar a um boicote nacional.*

Páginas 6, 7 e 8

**27 anos**

**COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.**



Rua das Chácaras, 1513  
Caixa Postal 111 - Ijuí, RS  
Fone: PABX - (055) 332-2400  
Telex: 0552199

CGC ICM 065/0007700  
Inscr. INCRA N° 248/73  
CGC MF 90.726.506/0001-75

**ADMINISTRAÇÃO**  
Diretoria Executiva

Presidente:  
Ruben Ilgenfritz da Silva  
Vice-presidente:  
Arnaldo Oscar Drews  
Superintendente:  
Clóvis Adriano Farina

Diretores Contratados:  
Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues Borges, Oswaldo Olmiro Meotti, Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto, Bruno Eisele, Renato Borges de Medeiros, Vilmar Hendges, Lurdes Froemming, Lotário Beckert.

**Conselheiros (Efetivos)**

Waldemar Michael, Walter Luiz Driemeyer, Arnaldo Hermann, Telmo Roverno Roos, Joaquim Librelotto Stefanello, Reinhold Luiz Kommers.

**Conselheiros (Suplentes)**

Rodolfo Gonçalves Terra, Euclides Marino Gabbi, Constantino José Goi, Vicente Casarin, Ido Marx Weiller, Erni Schünemann.

**Conselho Fiscal (Efetivos)**

Leonides Dallabrida, Aquilino Bavaresco, Abu Souto Bicca.

**Conselho Fiscal (Suplentes)**

Paulino Ângelo Rosa, Delarmando Portolan, Luiz Neri Beschorner.

**Capacidade em Armazenagem:**

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto - Sede	77.000 t
Sto. Augusto - Esq. Umbú	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Jóia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	91.000 t
Maracajú - Sede	65.000 t
Maracajú - Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	29.000 t
Dourados - Sede	82.000 t
Itaum (Dourados)	25.000 t
Indápolis (Dourados)	17.000 t
Douradinha	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã - Posto Guaíba	42.500 t
Ponta Pora	29.000 t
Itaporã - Montese	17.000 t
Campo Grande - Anhandu	17.000 t
Aral Moreira - Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t



Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 18.500 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da



Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob número 9.

Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 número 022.775 de 13.11.73 e figurativa M/C11 número 022.776, de 13.11.73.

**REDAÇÃO**

Dária C. Lemos de Brum Lucchese  
Moisés Mendes

Composto no Jornal da Manhã, em Ijuí, e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

**Ao leitor**

O dia 21 de agosto deverá ser um dos mais movimentados dos últimos anos, nos municípios da área de ação da Cotrijuí. Naquela data, uma terça-feira, os associados da Cooperativa estarão decidindo se a Estrutura do Poder deve ou não ser mantida, depois de quatro anos de experiência. O sistema será finalmente submetido ao teste das urnas, através do voto secreto do produtor, que terá duas opções: o "sim" ou o "não". Do resultado deste plebiscito dependerá a incorporação ou não de uma série de normas aos estatutos da Cotrijuí, com a oficialização da figura do representante, dos critérios para realização das assembleias e das eleições dos dirigentes da Cooperativa pelo voto de cada um dos associados. Todas as informações sobre o plebiscito, com o roteiro das urnas, estão nas páginas centrais, 14 e 15.

Agricultura brasileira pode estar chegando, neste segundo semestre de 84, a um total estrangulamento. As decisões oficiais que vêm sendo tomadas, principalmente a partir do final da década de 70, são complementadas agora com uma série de medidas que certamente comprometerão o setor primário e, em consequência, toda a economia nacional. Estas medidas têm como reflexos os baixos VBCs para as lavouras de verão; a provável falta de recursos para custeio da safra; o desaparecimento do médio produtor na classificação oficial para distribuição de financiamentos; e a extinção do subsídio ao crédito. Como reação a tudo isso, os produtores já estão mobilizados, e ninguém será surpreendido se houver um colapso na produção de alimentos no país. Páginas 6, 7 e 8.

**Do leitor**

No mês de julho a redação do Cotrijornal recebeu diversas felicitações pela passagem do décimo primeiro aniversário de sua fundação. Os textos de algumas mensagens dizem o seguinte:

"Na oportunidade em que este prestigioso meio de comunicação completa mais um ano de fundação, queira aceitar meus cumprimentos e votos de crescente sucesso". - **Ney Sá, procurador geral do Estado.**

"A prática da democracia pressupõe liberdade de opinião e liberdade de informação, tanto no acesso às fontes como na sua divulgação. Assim, é com satisfação que, em nome da diretoria do Grupo Hospitalar Conceição, formulo os cumprimentos ao Cotrijornal pela passagem de mais um aniversário. Sua direção, funcionários, colaboradores e toda a comunidade estão de parabéns por este 20 de julho. **Dr. Cláudio José Allgayer, diretor superintendente.**

"O desempenho do Cotrijornal está sendo importante para que o Brasil vença a crise". **Elmar Ricardo Wagner e Antônio D'Amico - Grupo Capão Novo.**

"No dia em que se comemora mais um aniversário desse prestigioso órgão, quero me aliar às manifestações de apreço e reconhecimento pela passagem desta data. A seriedade no tratamento da informação, fez do seu jornal, símbolo de credibilidade junto aos seus leitores. Parabéns". **Sérgio Ross - Coordenador de Comunicação Social do Ministério dos Transportes.**

"Envio meus cumprimentos ao Cotrijornal que nesta data completa mais um ano de atividades. Desejo que a equipe desse veículo de Comunicação Social continue a registrar novos sucessos em seu expressivo trabalho". **Jair Soares - governador do Estado.**

"Nesta aldeia global em que trans-

formou o mundo contemporâneo, os meios de comunicação social adquirem cada vez mais uma importância significativa. É com imensa satisfação que registramos a passagem, no dia 20 de julho, de mais um aniversário desse periódico, com os nossos cumprimentos pela efeméride, e os sinceros votos de que continue a colaborar para que a comunidade gaúcha se mantenha devidamente informada, ao mesmo tempo que lhes apresentamos nossos agradecimentos pelo feliz desempenho de sua missão". **Eng. Agr. Ney Cardoso Azevedo - Prefeito Municipal de Palmares do Sul.**

"A Associação Riograndense de Imprensa tem a satisfação de formular congratulações ao Cotrijornal, sua direção, colegas e servidores, pelo transcurso de sua data de fundação. A todos almejamos os votos de prosperidade e felicidades". **Alberto André - presidente.**

"Queremos nesta oportunidade parabenizar esse órgão de comunicação pela passagem de mais um ano de existência em nosso meio. Congratulamos com a direção e seus colaboradores, e auguramos, que através da atuação sempre dinâmica e consciente, em harmonia com o trabalho deste povo, seja alcançado o êxito em todos os empreendimentos, coroando todos os esforços com realizações que atendam ao bem comum". **Wanderley Agostinho Burmann - prefeito municipal de Ijuí - Valdir Heck - vice-prefeito e João Batista Lucchese - Secretário Municipal de Turismo.**

"No dia em que se comemora mais um aniversário desse jornal, quero me aliar às manifestações de seus leitores, enviando meus cumprimentos pela passagem desta data. Parabéns". **Cloraldino Soares Severo - Ministro dos Transportes.**

"Parabenizamos este veículo de comunicação social na data em que comemora a passagem de mais um ano de trabalho sempre voltado para a divulgação e defesa dos interesses da comunidade em

A comemoração dos 27 anos de fundação da Cotrijuí não aconteceu em meio a festas ou solenidades. Apenas para marcar a data foi realizada mais uma Feira de produtos da colônia, quando os produtores tiveram a oportunidade de negociar diretamente com o consumidor. A Feira de produtos coloniais, na sua terceira edição, fez sucesso na cidade mais uma vez. Página 10.

Faltando pouco mais de dois meses para o início da colheita de trigo, o país já se prepara para colher uma das menores safras dos últimos 10 anos e aumentar as importações do cereal. Justamente nesta safra, um número bem expressivo de produtores largou mão de vez do crédito de custeio, como forma de dar um basta nos altos custos financeiros, que tanto têm tirado o lucro do produtor. Os números fornecidos pelo Banco do Brasil, agência de Ijuí, mostram claramente que de 1980 a 1984 houve uma redução de 84 por cento na área de trigo financiada a produtores da região (computados aqui apenas produtores de Ijuí, Augusto Pestana e Ajuricaba). As informações sobre as estimativas de colheita de trigo, a redução na área de plantio, a fuga dos produtores dos financiamentos estão nas páginas 4 e 5.

Neste mês, o Cotrijornal chega à sua edição de número 116, completando 11 anos de circulação. Este mensário, que foi o primeiro jornal de cooperativa do Estado, se propõe a enfrentar os desafios de uma segunda década, com a mesma postura mantida até aqui. Como órgão de cooperativa e, especialmente, como veículo a serviço de 21 mil pessoas que, com suas famílias, conseguem o quase milagre de continuar produzindo alimentos.

que atua". **Wilson João Cignachi - prefeito municipal de Farroupilha.**

"Na oportunidade em que esse prestigioso jornal comemora mais um ano, desejo transmitir a minha manifestação de reconhecimento face aos relevantes serviços que vem prestando a comunidade dessa próspera região. Ficaria agradecido se fosse intérprete de minha saudação a quantos vêm contribuindo para o crescente e sólido prestígio desse jornal perante seus leitores. Colocando-me ao dispor da equipe jornalística, aproveito o ensejo para testemunhar o meu sincero apreço". **Dalvin Rospide Neto - deputado estadual**

"Transmito cumprimentos pelo aniversário deste jornal que muito vem colaborando com o cooperativismo gaúcho". **Horst Volk - deputado estadual.**

**Registramos ainda o recebimento de mensagens enviadas por:** jornalista Luiz Carlos Vaz, chefe do Departamento da Rede Ferroviária Federal S.A.; jornalista D. R. Martins Mano, coordenador da Assessoria de Comunicação Social da Secretaria da Educação e Cultura do Estado; Carlos Willy Grün, prefeito municipal de Crissiumal; Paulo Sérgio Weirich, coordenador da assessoria de Comunicação Social da Procuradoria Geral do Estado; Antônio Lorenzi, deputado estadual; Engenheiro Antonio Carlos Carrion Vidal de Oliveira - Superintendente Regional da Rede Ferroviária Federal S.A.; Lademiro Dors, prefeito Municipal de Sobradinho; Celito De Grandi, diretor-presidente da Cia. União de Seguros Gerais; Juarez da Silva Fontoura - Cap. PM - Cmt do 2º Sub-Grupamento de Incêndio de Ijuí; deputado Renan Kurtz - presidente da Assembleia Legislativa; Aldo Pinto - deputado estadual; Antônio Carlos Porto, assessoria de Com. Social da Justiça do Trabalho; Francisco Salzano V. da Cunha, secretário de Estado de Educação e Cultura; Remy Gorga, filho, chefe da Representação do Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

## O terraço gigante

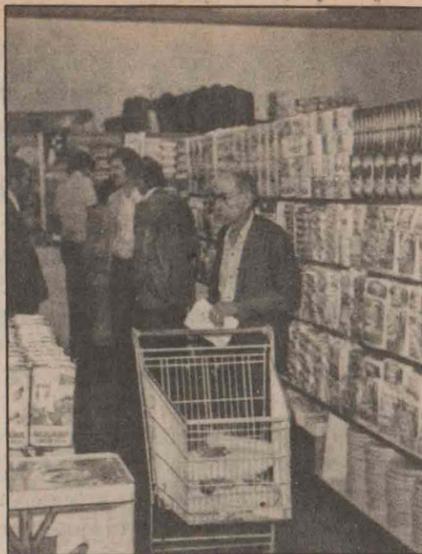
Quem já viu um terraço com dois metros e meio de altura e uma base com três metros de largura? Estes verdadeiros muros de terra existem, na região de Toledo, no oeste do Paraná, onde técnicos da Cotrijuí foram conhecer o Projeto de Microbacias para conservação do solo. Os terraços, conhecidos como "munrunduns" (veja na página 19), são construídos em espiral, cortando as propriedades, como se todas fizessem parte de apenas uma área. Eles surgiram através de um programa comunitário, e se transformaram, é claro, no aspecto mais controvertido desta iniciativa. Afinal, os "munrunduns" podem ser de fato uma boa idéia, mas existem em função de todos os problemas causados ao solo pela monocultura. O diretor técnico da Cotrijuí, Renato Borges de Medeiros, reconhece que o trabalho comunitário dos paranaenses merece ser elogiado, mas ressalta que a solução apresentada pelos terraços gigantes deve ser vista com muita cautela. Renato lembra que a preocupação com a preservação do solo deve levar em conta uma série de práticas que a Cooperativa vem difundindo há vários anos, entre as quais se inclui o plantio de forrageiras. Os "munrunduns" surgem assim como uma espécie de curativo para um problema que exige bem mais do que paliativos. Isso não quer dizer que o programa do Paraná não considere este aspecto, pois são muitos os pontos positivos da iniciativa, e que certamente servirão de exemplo para trabalhos comunitários em outras regiões e na própria área de ação da Cotrijuí. Só que dificilmente os "munrunduns" poderiam ser reproduzidos de forma maciça na Região Pioneira, onde o solo pode ter suas condições melhoradas sem a necessidade de um tratamento de choque como este. É claro também que ninguém irá impedir que grupos de produtores venham aderir a idéia. No Paraná, os terraços vêm sendo construídos com recursos do crédito rural para investimentos, e os custos são rateados entre os produtores.

## Francês rejeita óleo de soja

Os franceses preferem o farelo do Brasil para a alimentação do gado, suínos e aves, mas rejeitam o óleo de soja e a margarina vegetal em suas cozinhas. Lá, o óleo consumido é o de girassol, e a manteiga continua sendo usada no pão, mesmo que seja mais cara que a margarina. Os franceses produzem leite em excesso, e é claro que sobra manteiga no país. O óleo de soja não é bem aceito por uma questão de hábito. Isso faz com que o país, que também importa grãos, seja obrigado a exportar o óleo para outras nações européias, ficando apenas com o farelo para consumo interno. As informações são do pesquisador Vincent Leclercq, do Laboratório de Economia Internacional de Montpellier, que recentemente andou por Ijuí. Ele é um dos técnicos franceses envolvidos num intercâmbio com cooperativas brasileiras, coordenado pela Fidene. Na página 9, Leclercq comenta as perspectivas para o farelo brasileiro na França.

## Impasse de ponta a ponta

O brasileiro está comprando menos roupas, eletrodomésticos e outros artigos considerados supérfluos. Isso já acontece há bastante tempo. Agora, o brasileiro está também comendo menos. Pesquisa realizada em São Paulo, e que serve bem de amostra, revela que as vendas de produtos essenciais (arroz, feijão, carne, leite, farinha, etc) caíram em torno de 18 por cento este ano nos supermercados, em relação aos primeiros seis meses de 83. A população já cortou gastos com vestuário, lazer e outros itens, e começa a cortar também no rancho. E o que, afinal, o produtor tem a ver com isso? Pois tem, e muito. Com o poder de compra do povo reduzido mês a mês, por uma inflação que está acumulada nos últimos 12 meses em 218 por cento, não há nem mesmo como manter o nível de consumo de alimentos básicos. Por isso, se prevê, para este ano, uma queda de 17 por cento no padrão médio de vida do brasileiro, na qualidade de vida do povo. Os salários não evoluem de acordo com a inflação, e não acompanham os preços nem mesmo da comida. Assim é que o agricultor, que não consegue remuneração justa para o que produz, vê, lá adiante, o consumidor não ter acesso aos alimentos que saem da lavoura. "O comprador já deixou, há muito tempo, de adquirir produtos de acordo com as marcas, e prefere sempre o



Como encher o carrinho?

mais barato", observa Valdir Zardin, diretor de Compras e Abastecimento da Cotrijuí. Assim, os estoques são renovados de acordo com este comportamento. Hoje, também vende-se menos roupas, tecidos, eletrodomésticos, brinquedos, lembra ele. A situação é crítica, em todo o país. O agricultor enfrenta os altos custos da lavoura, não obtém um justo preço, e a população, sem poder de compra, não tem acesso ao que há de mais elementar para sobreviver. Dentro deste quadro é que qualquer especulação sobre aumento na produção de alimentos para consumo interno (milho, arroz, feijão, batata) esbarra num enorme obstáculo. Como produzir alimentos, a altos custos, para uma população que come cada vez menos? O produtor está numa ponta, e o consumidor na outra. Os dois na mesma situação.



A reunião com os representantes da Região Pioneira, em Ijuí

## Desmembramento em debate

As reformulações administrativas que vêm sendo discutidas já há bastante tempo na Cotrijuí incluem a proposta de desmembramento das regionais Pioneira, Dom Pedrito e Mato Grosso do Sul. Esta alternativa já não é novidade para ninguém, mas agora é que começa a ser analisada mais a fundo. O debate tem sido ampliado, entre as lideranças, através da apresentação de uma série de dados sobre a situação de cada Regional e da Cotrijuí como um todo. Esses números, referentes a patrimônio, análise de balanços e outras informações, foram mostrados, de 4 a 6 de julho, aos representantes e conselheiros do Mato Grosso do Sul. Em agosto, no dia 6, foi a vez dos representantes da Pioneira tomarem conhecimento do levantamento, e no dia 14 a discussão em torno das mesmas informações aconteceu em Dom Pedrito. É a partir desta avaliação dos dirigentes

e líderes de núcleos que a proposta de desmembramento chegará aos associados com dados concretos, que permitirão um melhor exame desta alternativa. A troca de idéias irá evoluir ainda mais, em agosto, com um novo encontro, nos dias 30 e 31, em Campo Grande, com a participação dos representantes e conselheiros das três regionais. Essa será a primeira reunião conjunta das lideranças dos dois Estados, para debate da proposta. Todos esses encontros vêm tendo a participação do presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva; do vice, Arnaldo Drews; e do diretor administrativo e financeiro, Oswaldo Meotti, além de outros dirigentes. Após a interpretação dos dados levantados pelas lideranças, o assunto aos poucos irá sendo amadurecido junto às bases, que decidirão sobre o desmembramento, através de voto secreto, possivelmente no próximo ano.

## Terra cara, mas sem comprador

A zona da soja do Rio Grande do Sul possui as terras para agricultura mais caras do país. Esta a conclusão a que chegou o jornal Gazeta Mercantil, de São Paulo, através de um levantamento realizado em vários Estados. Esta pesquisa revela, por outro lado, um dos tantos sintomas de que a agricultura não se apresenta no momento como atividade muito promissora: a venda de terras no Brasil caiu bastante no primeiro semestre deste ano, em relação a igual período de 83. E tudo por causa dos altos custos da lavoura, da baixa remuneração e da falta de recursos para o custeio, que desestimulam investimentos no setor. Segundo o levantamento, em São Paulo as terras mais caras estão localizadas na região onde vem sendo explorada a citricultura, nas proximidades de São São do Rio Preto. Ali, com a valorização da laranja, o hectare chega a custar Cr\$ 3 milhões e 300 mil. No Paraná, os preços das terras para a agricultura oscilam entre Cr\$ 1 milhão e meio e Cr\$ 3 milhões. Mas é no Rio Grande do Sul, na zona da soja, que estão as terras mais caras, com preços médios oscilando entre 4 a 5 milhões. Na zona da Campanha, em Alegrete e outros municípios, e em Cachoeira do Sul, o hectare de terra para arroz custa em torno de Cr\$ 2 milhões. Mas em qualquer região os negócios andam bastante parados, depois de um bom movimento de vendas no segundo semestre de 83, em função da promessa de bons preços para a soja, principalmente. O jornal conclui que comprar terras atualmente não é lá muito atraente. Afinal, a agricultura há tempos vem deixando de ser compensadora, e não são muitos os que se arriscam a empatar dinheiro numa atividade que de prioritária tem muito pouco. Ou quase nada.

## A Previdência e as viúvas

Quando se anunciou, no mês passado, que o Plano Paraná passaria a valer também para os produtores, já se sabia que a medida não era de entusiasmar (veja Cotrijournal de junho). Os hospitais não receberam reajustes para os serviços que prestam aos segurados da Previdência, no dia 1º de julho, como esperavam, e é claro que a diferença entre os custos do atendimento e o valor pago pelo INAMPS vai aumentar. A diferença, afinal, acaba sendo paga pelo segurado, muitas e muitas vezes. E a situação vai piorar. A Previdência não consegue reduzir seu déficit, que foi de mais de Cr\$ 800 bilhões no primeiro semestre deste ano. O setor gasta mais do que arrecada. Todos sabem que parte dessa arrecadação, nos últimos anos, foi parar em outras áreas, e terminou faltando para a manutenção dos níveis da assistência que o beneficiário merece. Agora, a Previdência conta até com parte do que se arrecada com combustíveis, para tentar cobrir seu déficit. Mas o prejuízo cresce, ano a ano, e não há nada que indique uma saída, a curto ou médio prazo. Isso fez com que o ministro Jarbas Passarinho afirmasse, no final de julho: "Eu quero zerar o déficit. Se não for possível, a viúva pagará a diferença". As viúvas, no caso, são as esposas de trabalhadores falecidos, que recebem minguadas pensões do INPS. Passarinho só não esclareceu que "diferença" é esta.

# Nunca se plantou tão pouco

*Nesta safra a área destinada à cultura do trigo é a menor dos últimos anos*

O Brasil vai colher neste ano uma das menores safras de trigo dos últimos 10 anos. As estimativas do Departamento de Comercialização do Trigo - Ctrin-, do Banco do Brasil, órgão responsável pela compra estatal da produção, indicam que a colheita não vai passar de 1,8 milhão de toneladas, contra os modestos 2,2 milhões de toneladas colhidas na safra anterior. A menor safra registrada na década foi a de 1975, quando a área cultivada com trigo atingiu 2,9 milhões de hectares, mas a produção ficou em pouco mais de 1,7 milhão de toneladas. Outra safra ruim da década foi a de 1982, quando os poucos mais de 2,8 milhões de hectares de trigo renderam ao Brasil uma safra de 1,8 milhão de toneladas.

Diante da evidência de uma safra minguada, já se fala em aumentar as importações de trigo. Todo o esforço do governo de reduzir o consumo nacional, através dos cortes nos subsídios não surtiu nenhum efeito. Para suprir um consumo interno que anda em torno de 5,5 milhões de toneladas, o país se prepara para comprar dos Estados Unidos em torno de 3,7 milhões de toneladas de trigo.

A estimativa de área de trigo no país está em torno de 1,7 e no máximo 1,9 milhão de hectares, frustrando assim as expectativas dos mais otimistas que ainda acreditavam que a área chegasse a 2,2 milhões de hectares. Os dados referentes a área total do país ainda não são os oficiais, porque o Rio Grande do Sul encerrou seu plantio de trigo em 31 de julho. Em razão do excesso de chuvas durante o período ideal de plantio, que oficialmente se encerra em 30 de junho, foi dado mais um prazo para aqueles produtores que tinham pego financiamento, mas não conseguiam fazer o plantio. Mas mesmo não contando com números oficiais, está mais do que claro que este ano o país terá a menor área de trigo dos últimos 11 anos. Na safra passada a área cultivada com trigo ficou em 1,8 milhão de hectares. A maior área plantada desde 1974, foi a de 1979, com 3,8 milhões de hectares e uma produção em torno de 2,9 milhões de toneladas. Em 1976 registrou-se a maior produção de trigo, quando os 3,5 milhões de hectares produziram em torno de 3,2 milhões de toneladas (Ver quadro A).

## DESINTERESSE

Os motivos de tanto desinteresse pela cultura do trigo já são bastante conhecidos. Os produtores não estão tendo mais condições de suportar as altas despesas financeiras e muito menos vêm conseguindo conciliar os baixos valores de custeio com os altos custos de formação da lavoura. Afora estes motivos, que por si só já são mais do que suficientes para desestimular qualquer interesse maior, os produtores contam ainda com preços mínimos defasados, mercado inseguro e a retirada do subsídio.

Outro fator alheio à vontade do produtor, mas que vem castigando a cultura tem sido o clima, responsável por

muita quebra na produtividade em safras anteriores. Também neste ano, o clima não tem sido favorável ao trigo. O excesso de chuvas em determinadas regiões tritícolas do país, já começa a provocar o aparecimento de doenças fúngicas.

Enquanto no Brasil a safra de trigo promete ser das mais pobres, nos Estados Unidos já se anuncia uma superprodução do cereal. E isso que o trigo nem começou a ser plantado ainda. Segundo as estimativas do Departamento de Agricultura americana, a colheita poderá ficar em torno de 2,52 bushels de trigo (cada bushel corresponde a 27,215 quilos de trigo), sendo considerada desde agora a terceira safra na história dos Estados Unidos. Frente a uma safra que poderá ser recorde em termos de produção, já se fala num maior emprego do trigo como forragem, servindo de alimento para os animais.

## MENOS LAVOURA FINANCIADA

Se a área de trigo vem caindo ano a ano, mais surpreendente no entanto é o fato de que a cada safra, um menor número de produtores recorre a financiamentos para formar suas lavouras. Certamente que para essa decisão, o que mais pesou foi o custo do dinheiro financiado. Enquanto no ano de 1980 a agência do Banco do Brasil de Ijuí, financiou 62.226 hectares de trigo para produtores de Ijuí, Ajuricaba e Augusto Pestana (Ver quadro B), em 1981 ela não conseguiu contratar mais do que 37.854 hectares, na mesma área de atuação. A redução da área financiada de um ano para o outro foi de 39 por cento. Em 1982 a lavoura financiada voltou a crescer na região, para diminuir novamente em 1983. Nesse ano foram financiados apenas 21.791 hectares de trigo, com uma redução de 57 por cento.

Nesta safra apenas 16.962 hectares foram plantados com o custeio oficial, sendo que apenas 861 produtores procuraram a agência do Banco do Brasil para contratar financiamento para a lavoura de trigo. Vale lembrar, que estes 16.962 hectares de trigo financiado em Ijuí, Ajuricaba e Augusto Pestana não representam o total da área plantada neste inverno, pois muitos produtores andaram plantando com recursos próprios. Só em Ijuí, por exemplo, apenas 8.692 hectares foram financiados; em Ajuricaba 4.587 hectares e em Augusto Pestana 3.683 hectares. Na safra de 1983, a área financiada de trigo no município de Ijuí foi de 10.917, contra 5.044 hectares plantados em Ajuricaba e 5.830 hectares plantados em Augusto Pestana. Fica bem claro que foi justamente a partir da safra passada que o produtor começou a plantar mais "por conta".

## O PESO DO CUSTO FINANCEIRO

Os custos financeiros em razão da correção integral, mais os juros de 3 por cento ao ano são os responsáveis pela decisão do produtor de correr o risco de plantar com recursos próprios. Em 1980

as despesas financeiras representavam apenas 10,64 nos custos totais da lavoura de trigo, enquanto os insumos tinham uma maior participação, de 52 por cento (Ver quadro C). Na safra de 1983 os custos financeiros tiveram um peso maior na formação da lavoura, aumentando para 29,10 por cento, contra os 26,20 por cento dos insumos e 22,48 por cento referente a mão-de-obra. Nesta safra os custos financeiros passaram a ter uma participação de 45,64 por cento. Segundo os cálculos levantados pelo Luís Juliani, responsável pelos custos do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, o custo financeiro, de 83 para 84, cresceu em torno de 600 por cento, em função da retirada de mais uma parcela do subsídio, ao crédito.

Em razão dos custos de produção, que nesta safra totalizaram, segundo os cálculos levantados pela Cotrijuí, em Cr\$. 749.761,00 por hectare de trigo, o custo para produzir um saco de trigo, conside-

rando para tanto uma produtividade média de 20 sacos por hectare, ficou em Cr\$ 37.488,05. O preço necessário, para a época de comercialização - a partir de primeiro de dezembro -, seria de Cr\$ . . 48.546,00, com um aumento, em relação a safra anterior, de 388 por cento.

O próprio VBC do trigo foi considerado desestimulante e certamente também contribuiu para a decisão do produtor de plantar com recurso do próprio bolso. Para uma faixa de produtividade entre 1.001 a 1.200 quilos por hectare, o governo liberou como verba de custeio apenas Cr\$ 193.800,00, ficando, segundo os cálculos do Juliani, 64 por cento do necessário. Diante desta situação, muito produtor que não tinha recursos suficientes para fazer sua lavoura por conta, até deixou de plantar o trigo nesta safra, só para não ter que plantar lavoura financiada e ficar sujeito aos altos custos financeiros.

Quadro A - Demonstrativo da área de trigo do Brasil nos últimos 11 anos

Ano	Área (ha)	Produção (ton)
1974	2.471.000	2.859.000
1975	2.932.000	1.788.000
1976	3.540.000	3.216.000
1977	3.153.000	2.066.000
1978	2.811.000	2.691.000
1979	3.831.000	2.921.000
1980	3.122.000	2.702.000
1981	1.920.000	2.210.000
1982	2.829.000	1.849.000
1983	1.879.000	2.236.000

Fonte: Criaec - Fidene

Quadro B - Demonstrativo da lavoura de trigo financiada pela Agência do Banco do Brasil de Ijuí - abrangendo as Unidades de Ijuí, Augusto Pestana e Ajuricaba - no período de 1980 a 1984.

Ano	Total da área financiada	Percentual de crescimento ano a ano (%)
1980	62.226	-
1981	37.854	- 39,17
1982	51.185	+ 35,21
1983	21.791	- 57,43
1984	16.962	- 22,17

Fonte: Banco do Brasil - agência de Ijuí

Quadro C - Demonstrativo da participação das despesas financeiras, insumos, mão-de-obra, máquinas e implementos no custo de produção

Ano	Despesas financeiras	Insumos	Mão-de-obra	Máquinas/implementos
	%	%	%	%
1980	10,64	52,03	9,19	22,62
1981	22,84	41,98	7,22	21,26
1982	21,57	34,36	8,34	20,43
1983	29,10	26,20	11,30	22,48
1984	45,64	25,00	4,43	16,62

Fonte: custo de produção - Diretoria Agrotécnica - Cotrijuí

# Lavoura, só "por conta"

"O meu trigo está bonito porque a lavoura não é financiada", diz o seu Harry Reisdorfer, produtor de Arroio Bonito, em Augusto Pestana ao contar que desde a safra anterior vem utilizando apenas recursos próprios na formação de sua lavoura de trigo. Já nesta safra ele plantou 22 hectares de trigo por conta, da variedade Maringá, e garante que fez toda a lavoura com muito capricho, tomando o cuidado de seguir as recomendações da pesquisa. "Não é por falta de tratos culturais que a minha lavoura vai falhar", diz ele.

O seu Harry é apenas mais um dos tantos produtores que em razão das altas despesas financeiras gastas com o dinheiro do governo, optou por plantar com recursos do próprio bolso, correndo o risco em caso de frustração. Mesmo com risco, seu Harry ainda vê vantagens em plantar por conta.

— Ainda prefiro correr o risco de perder todo o dinheiro aplicado na lavoura do que continuar na dependência do crédito rural. Se der alguma frustração, lavro a terra e planto outra cultura em cima, mas não fico pagando juro. Tem muito produtor fazendo a mesma coisa do que eu porque também não está tendo condições de suportar as altas taxas de juros que o governo está botando para cima da agricultura.

Agora os juros de financiamento seu Harry acha que plantar por conta dá maior liberdade e até uma certa independência ao produtor. De dois anos para cá tem semeado o trigo no cedo, fora da época recomendada pela pesquisa e tem se saído muito bem. Se a lavoura é financiada, o plantio tem que ser dentro da época estabelecida pelas normas do Proagro.

— Sendo minha a lavoura, faço dela o que bem entender e não tenho que dar satisfações a ninguém. Se vejo que o trigo não vai dar, arranco tudo e planto a soja em cima, sem precisar depender de vistoria de Banco.



Harry Reisdorfer



Ramão Kopezinski



Édio Fengler



Brasil da Rosa

## REDUZIU A ÁREA

Depois de plantar por muito tempo uma área de trigo que nunca baixava de 50 hectares, o seu Brasil Carneiro da Rosa, produtor em Potreirinhos, Jóia, também achou que já era hora de diminuir a dependência do custeio oficial. Já na safra anterior ele reduziu a área de trigo para apenas 5 hectares, mas ainda fez a lavoura financiada. Para esta safra, fez proposta de financiamento, mas desistiu na última hora. A verba de custeio era pequena e segundo seu Brasil, mal dava para cobrir as despesas com a semente. Pegou o dinheiro que tinha, comprou semente e adubo e fez os 5 hectares de lavoura por conta.

A lavoura está correndo bem e seu Brasil acha que vai fazer uma boa safra. Gostou da experiência, principalmente por saber que a colheita que fizer será boa e até já anda lamentando a falta de dinheiro para aplicar na lavoura de soja. Mesmo assim, vai plantar meio a meio,

um tanto financiada e outro tanto por conta. Acredita que desta forma vai conseguir se livrar aos poucos dos financiamentos e até juntar algum dinheiro, para daqui um tempo, só trabalhar com recursos próprios. Diz ele:

— O produtor tem que começar a procurar um jeito de cair fora dos financiamentos e das altas taxas de juros que estão acabando com a agricultura. Na safra de trigo de 82, por exemplo, peguei Proagro e ainda me faltaram Cr\$ 640 mil para pagar. Parece mentira, mas esse valor já quase triplicou.

## DEIXOU DE PLANTAR

Outro produtor que não quer nem ouvir falar em financiamento para a lavoura é o seu Ramão Kopezinski. "Prefiro deixar minha lavoura virar capoeira do que pegar financiamento e trabalhar só para pagar os juros", diz ele, que nesta safra plantou 22 sacos de trigo da variedade Maringá e mais 8 sacos de cevada, com

seus próprios recursos. Seu Ramão conta porque desistiu de vez de pegar financiamento:

— Fiz 10 hectares de soja financiada. A verba de custeio que peguei, no valor de Cr\$ 1.200.000,00, já se transformou numa dívida de Cr\$ 3 milhões. Vou ter que vender quase 200 sacos de soja, só para cobrir o financiamento. A minha sorte é que vendi soja futuro para julho e ainda peguei um bom preço. Se o produtor não tomar cuidado, daqui um tempo, do jeito que vão as coisas, ele vai plantar só para pagar os juros do financiamento.

Em Povoado Santana, onde mora o seu Ramão, muito produtor andou escanteando os financiamentos para a formação das lavouras de inverno e plantando por conta. Aquele produtor que não teve dinheiro, preferiu deixar de plantar do que recorrer a financiamentos.

— Quem vai querer pegar, por exemplo, Cr\$ 1 milhão de financiamento e pagar Cr\$ 1.800 milhão só de juro. Assim, plantando com o meu dinheiro, se der uma frustração, perco a servizama, mas em compensação, não tenho dívidas para pagar.

## APLICANDO NA LAVOURA

Tudo que o seu Édio Fengler, da Linha 6 Oeste em Ijuí gastou ao plantar 35 sacos de trigo, com recursos próprios foram Cr\$ 2.200 milhões. Já na safra anterior ele havia plantado apenas a metade da área de trigo com financiamento, mas viu que não compensou do mesmo, porque ainda continuou pagando juros. Pensou melhor e chegou a conclusão que aquele dinheiro que poderia gastar no pagamento dos juros de financiamento, seria melhor aplicado na formação da lavoura.

— Não quero mais saber de lavoura financiada. Só em plantar por conta, o produtor faz uma grande economia. Toda a minha lavoura de soja vai ser plantada nessa base, sem financiamento.

# Redução na área foi de 15%

Depois de muitas estimativas, as previsões mais pessimistas é que terminaram sendo acertadas. Em vez de crescer, a área de trigo na Região Pioneira caiu de 81.500 hectares, no ano passado, para 70.500 este ano, numa redução de 15,60 por cento. Esta é a menor lavoura de trigo na Pioneira, desde 1977, quando a Cotrijuí iniciou o controle estatístico na Região. No Estado, a lavoura cresceu, mas não como se esperava, pois chegou a se anunciar que a área de plantio chegaria ao redor de um milhão de hectares. Na verdade, o trigo ocupa hoje 721.946 hectares no Rio Grande do Sul, contra os 690.977 de 83, num aumento de somente 4,28 por cento.

É claro que tanto os números da Região Pioneira da Cotrijuí, levantados pelo tecnólogo Ênio Facco, como os referentes ao Estado, divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), não incluem as áreas plantadas "por conta", sem financiamento. No Rio Grande do Sul, a área total de inverno este ano chega a 886.453 hectares, considerando-se o trigo e as outras culturas alternativas para produção de grãos (veja a tabela). A lavoura cresceu 3,13 por cento em relação a de 83.

## REDUÇÃO

Na Pioneira, houve uma redução da

área total de inverno, de 100.755 hectares para 93.110, caindo em 8,21 por cento. Os motivos já são conhecidos, para explicar esta situação: o alto custo das lavouras, os baixos custeios e preços mínimos e as incertezas do mercado. Na Pioneira, cresceram as áreas com cevada, linhaça e colza. É bom que se diga, a respeito da colza, que no total de 2.830 hectares plantados este ano estão incluídas áreas onde a planta servirá como adubação verde, e que são expressivas.

O que se nota, tanto no Estado como na Pioneira, é que o produtor preferiu não investir no trigo e, ao mesmo tempo, deu pouca atenção às culturas alternativas. Em síntese, as lavouras não ocupadas com o trigo não estão sendo substituídas por outras opções porque os riscos não estimulam um investimento mais maciço. As alternativas vêm se firmando aos poucos, tanto na parte técnica como no que se refere a mercado, e o agricultor prefere, em muitos casos, deixar a terra parada ou plantar forrageiras.

## FORRAGEIRAS

As forrageiras são, aliás, a melhor saída para quem não se arrisca a investir em grãos, porque não só garantem a alimentação do gado de leite, especialmente, como ajudam na preservação do solo. Na Região Pioneira, pela primeira

vez este ano o Departamento Agrotécnico fez um levantamento sobre as áreas com pastagens, e chegou a um dado interessante. Estas lavouras ocupam este ano 21.787 hectares.

Este levantamento não vinha sendo feito porque fica difícil de se saber, afinal, o que há de lavouras com forrageiras, em função do plantio ter sido realiza-

do, na maioria das propriedades, por conta, sem custeio. No Estado, é quase impossível de se conseguir uma estimativa sobre as áreas de pastagens, em função do mesmo motivo. Com os altos custos das lavouras de grãos, dentro de pouco tempo pode se tornar impossível também uma estimativa nesta área, onde os financiamentos vão sendo colocados de lado pelo produtor.

## ÁREAS DE GRÃOS NO ESTADO E NA PIONEIRA

Cultura	Estado (ha)			Pioneira (ha)		
	1983	1984	%	1983	1984	%
Trigo	690.977	721.946	+ 4,28	81.500	70.500	- 15,60
Cevada	88.567	62.855	- 40	5.660	7.090	+ 20,16
Aveia	54.000	62.296	+ 13,31	8.930	5.510	- 37,93
Linho	19.874	34.227	+ 58,06	2.790	7.080	+ 139,40
Alho	2.214	2.077	- 1,78	145	100	- 45
Centeio	1.152	1.342	+ 14,15	—	—	—
Colza	2.018	1.710	- 18,01	1.730	2.830	+ 61,13
Totais	858.702	886.453	+ 3,13	100.755	93.110	- 8,21

## FORRAGEIRAS NA PIONEIRA EM 84

Culturas	Área total	Área para pastejo	Área para semente
Aveia	10.140	9.100	1.040
Azevém	10.337	9.390	947
Trevos	335	297	38
Centeio	48	12	36
Ervilhaca	537	382	155
Alfafa	390	360	30
Totais	21.787	19.541	2.246

# Cresce a insatisfação



## BOICOTE

“A mutuca tira o boi do mato”. A frase saiu da boca do vice-presidente do Sindicato Rural de Dourados, Cícero Irajá Kurtz, dias depois de iniciado o movimento Pró-Plantio. A mutuca, no caso, era o protesto que crescia em todo o Mato Grosso do Sul, na tentativa de sensibilizar o governo para a situação dos agricultores. No dia 16 de julho, a manifestação ganhou corpo e milhares de máquinas foram parar nas ruas de quase 20 municípios onde se concentra a maior parte das lavouras do Estado. Enquanto isso acontecia no Centro do país, no Rio Grande do Sul os arroteiros sustentavam um boicote que, depois de suspenso, deve ser retomado, também em terras gaúchas, na forma de um movimento bem mais amplo. As máquinas foram levadas às cidades do Mato Grosso do Sul como último recurso, segundo as lideranças do Estado, diante da ameaça da agricultura se tornar inviável. A situação é danada: há estimativas indicando que mais da metade dos produtores do Estado estão inadimplentes, ou seja, não têm como pagar suas dívidas nos bancos. E o pior é que eles não conseguirão também formar a próxima lavoura, com os altos custos dos insumos e do dinheiro emprestado e os reduzidos recursos dos VBCs (veja nas páginas seguintes e na última página).

### O APELO

O Movimento Pró-Plantio foi iniciado em Maracaju, e dali saiu, no 30 de julho, um telex endereçado à área econômica do governo federal. A mensagem relembra as principais reivindicações dos produtores, e deixa claro que poucos conseguirão plantar, se a política agrícola não for alterada. Basicamente, o agricultor do Mato Grosso do Sul pede a prorrogação dos débitos junto aos bancos por três anos e com juros de no máximo 50 por cento da ORTN (a taxa é de 85 por cento); e custeios com cobertura integral dos custos da lavoura de verão, sem diferenciação da categoria do produtor e eliminação do aval.

O telex não deve ter sensibilizado o governo, pois dois dias depois, 1º de agosto, o Conselho Monetário Nacional aprovou os novos VBCs, sem atender a nenhum dos apelos. O comunicado da Comissão de Maracaju observa que o custo de um hectare de soja, na próxima safra, não ficará por menos de Cr\$ 1 milhão e 500 mil. Considerando-se que o produto venha a ser vendido a Cr\$ 50 mil, e com base numa produtividade média de 30 sacas por hectare, a receita empataria com as despesas.

### IMPATRIOTAS?

No caso do arroz e do milho, a situação é mais grave, pois os ganhos do produtor ficam longe de cobrir as despesas, incluindo-se os juros dos financiamentos. “Sabemos da atual crise que o país enfrenta. Sabemos dos problemas internacionais, dos grandes rombos econômicos que o governo teve de cobrir, e das divergências na área econômica da nação. E é

por isso que queremos participar. Mas participar sugerindo, concordando e discordando, sem sermos considerados impatriotas por não ter condições de continuar trabalhando”, diz o telex.

Este apelo apenas reforçou assembleias, contatos com políticos e lideranças de outros setores e a própria manifestação que resultou na romaria de máquinas às cidades. Mas nada indica que a ameaça dos agricultores, de plantar apenas para subsistência, obtenha uma resposta concreta das autoridades. A possibilidade de redução nas áreas de plantio está, no entanto, bem mais próxima do que poderia parecer a alguns setores, até pouco tempo, quando tanto se falou nos ganhos conseguidos pelo produtor, através de preços remuneradores, este ano.

### COLAPSO

A perspectiva favorável a um colapso na produção de alimentos no Brasil foi apenas estimulada, após a reunião do Conselho Monetário Nacional, que decidiu atender apenas parte da demanda de crédito necessário para a lavoura. Na mesma reunião, desapareceu — num passe de mágica — a figura do médio produtor. A partir de agora, e por critérios ainda não definidos, existirão apenas duas categorias de agricultor, o grande e o pequeno. Com que objetivo esta decisão foi tomada?

A tentativa de simplificar as diferenças econômicas entre os produtores, como se todos eles fossem iguais, não será suficiente para agradar uns ou outros, e tampouco irá melhorar o desempenho da agricultura. Todas as previsões feitas até agora estão a indicar que a queda na produção de alimentos no país chegará a

níveis críticos, nos próximos anos, como decorrência dessa política que eleva os custos da lavoura, corta recursos e não garante preços remuneradores.

Um trabalho realizado pela Secretaria da Agricultura de São Paulo mostra que, em 1981, 40 por cento do crédito aplicado na agricultura se destinavam à produção de alimentos. Em 83, esta participação ficou ao redor de apenas 16 por cento, e deve cair em 85. Afinal, as verbas para a agricultura têm de ser canalizadas também para o plantio da cana-de-açúcar, que se transforma em álcool, abastece os carros e viabiliza a indústria automobilística.

### TRÉGUA

O argumento de que faltam recursos a crédito subsidiado é recomendado pelo FMI, que determina o fim dos subsídios, a contenção da “base monetária” (dinheiro em circulação), o arrocho salarial. Estes aspectos são, aliás, lembrados no telex saído de Maracaju, onde nos primeiros dias de agosto as máquinas iniciaram o retorno às lavouras. Mas a retirada de tratores e automotrizas das cidades é apenas uma trégua, segundo as lideranças do Estado.

Na verdade, a insatisfação cresce também em outras regiões, onde o produtor se reorganiza para questionar não só questões imediatas, como os baixos VBCs, mas toda a política agrícola nacional. No Rio Grande do Sul, a mobilização é coordenada pela Fetag (Federação dos Trabalhadores na Agricultura), Farsul (Federação da Agricultura) e Fecotrigo (Federação das Cooperativas de Trigo e Soja). Essas e outras entidades deverão, ainda em agosto, definir posição diante do quadro desalentador, que pode se agravar em 85.

Também em outros Estados os produtores estão sendo mobilizados, e a ameaça é a mesma: reduzir as áreas de plantio, caso as reivindicações não sejam atendidas. Até agora, contudo, os apelos, os protestos do Mato Grosso do Sul e as manifestações que vêm sendo organizadas não obtiveram nenhum sinal de que merecem maior atenção do governo. A mutuca pode trazer, com um boicote, problemas para toda a economia nacional, mas, ao que parece, mesmo assim não é levada a sério.



Em Dourados, centenas de máquinas ocuparam a Avenida Marcelino Pires

# Ruim hoje, pior amanhã



## CRÉDITO

A situação para a agricultura pode ficar pior do que está? Realmente pode, e já a partir do preparo da lavoura de verão. Para a próxima safra de soja, milho e outras culturas, o produtor volta a enfrentar o que mais apavora no momento, os juros com correção monetária e mais 3 por cento ao ano, que já vigoraram para as lavouras de inverno. Além disso, deve enfrentar também a escassez de verbas para custeio. E pior ainda: depois da colheita de verão, talvez venha ficar sabendo que a lavoura de inverno de 1985 terá juros a taxas de mercado, bem mais altas que as atuais.

Esse quadro pode estar sendo pintado de forma muito pessimista, como certamente dirão os que se recusam a admitir o que ainda vem por aí. Mas esta é a realidade, que ameaça a agricultura nacional e, em consequência, a população em geral, pois o Brasil terá uma menor produção, menos alimentos. A situação é crítica, e começa a se agravar com a escassez



## JUROS

As taxas de mercado, como são chamados os juros livres cobrados pelos bancos, oscilam bastante, porque não são tabeladas. A especulação financeira fez com que estas taxas crescessem muito nos últimos anos no Brasil, inviabilizando investimentos e inclusive atividades antes consideradas sólidas, nas áreas do comércio ou

de recursos para o custeio da próxima safra de verão. Nesse caso, não conta apenas a alta taxa cobrada, mas o pouco dinheiro disponível para formação das lavouras.

### LEVANTAMENTO

As autoridades da área econômica fizeram um levantamento sobre as necessidades de verbas para custeio das lavouras de verão, e concluíram que seriam necessários em torno de Cr\$ 7 trilhões e 200 bilhões de cruzeiros. Logo depois, esses cálculos foram refeitos, porque se concluiu que o produtor não irá tomar todo este dinheiro para financiar a lavoura. Os técnicos apuraram então que 20 por cento desta necessidade de recursos seriam aplicados na safra por conta do produtor, sem empréstimos. Assim, o agricultor tentaria fugir do alto juro.

Retirando-se estes 20 por cento, a lavoura precisaria de Cr\$ 5 trilhões 700 bilhões de cruzeiros. Acontece que o Banco do Brasil e os bancos privados teriam para aplicar na agricultura somente Cr\$ 4 trilhões e 735 bilhões. Ficam faltando Cr\$ 1 trilhão e 35 bilhões. E de onde tirar este dinheiro com juros que equivalem a 100 por cento da correção monetária e mais 3 por cento? O governo argumenta que não há recursos, e que, se quiser, o agricultor terá que recorrer a taxas de mercado. Estas taxas (veja abaixo) são bem superiores às cobradas atualmente, e praticamente inviabilizam a atividade.

### NOVAS TAXAS

Pode ser que, com esta alegada falta de verbas, já esteja se preparando o produtor para o mais grave. Vários setores do governo vêm anunciando que a partir de 1985 a taxa de mercado é que vai prevalecer para o setor primário. Termina-se finalmente com o subsídio ao crédito, num momento em que o produtor não tem como suportar altas taxas e, em sua maioria, não consegue capitalizar, ou seja,

reinvestir na lavoura o que ganhou com a safra anterior.

É claro que a produção irá cair, e que todo o país enfrentará as consequências desta política, pois os alimentos serão mais escassos. A população não tem poder de compra (veja na página 3), para suportar os altos preços de produtos básicos e, pelo menos, sobreviver. O cinto aperta o produtor, com altos custos dos insumos e do dinheiro emprestado, e o consumidor, com a alimentação atingindo preços proibitivos para a grande maioria.

### RECESSÃO

A população brasileira vem crescendo numa média de 2,4 por cento ao ano, desde 1977, mas o crescimento da economia está longe de acompanhar esta evolução. Há mais bocas para se alimentar, mais braços para trabalhar, mas faltam alimentos e falta trabalho. É a tal de recessão, que atinge o país especialmente a partir de 1981. A economia é de saqueada, não cresce ou anda para trás, a lavoura produz menos, a indústria fica ociosa e o povo, ao mesmo tempo, reduz seu poder de consumo. A participação da agricultura, nessa situação, é decisiva. E tudo porque esta é a receita do FMI, para que o país, segundo o Fundo, possa pagar sua dívida externa.

De 1981 a 1983, a produção nacional na lavoura, considerando-se uma lista de 16 produtos, cresceu apenas 1,4 por cento, conforme dados levantados pelo professor Ricardo Rondinel, da Fidene, e publicados no último boletim da Criac (Central Regional de Informações Agropecuárias e Econômicas). Ele chega à conclusão de que o setor primário, incluindo aí a pecuária, também está em recessão. Assim, se reduz a oferta de alimentos, e — automaticamente — os preços pressionam o aumento do custo de vida e da inflação.

O pior é que a produção de alimentos para consumo interno (arroz, batata, feijão, mandioca, milho e trigo) se mantém praticamente estagnada, desde 1979. Em 83, o país produziu 53,9 milhões de toneladas destes alimentos básicos, ou seja, pouco mais do que em 79, quando a produção chegou a 56,1 milhões de toneladas. Rondinel calcula que para manter o nível de consumo de 1979, a safra deste ano de alimentos básicos deveria ficar em pelo menos 63 milhões de toneladas, mesmo que já há cinco anos atrás o abastecimento fosse insuficiente. Para 84, no entanto, se prevê uma safra de 57,4 milhões de toneladas.

### MAIS CANA

O próprio ministro da Agricultura admite que o Brasil poderia produzir bem mais, para suprir suas necessidades internas. O país possui — segundo Nestor Jost — 850 milhões de hectares de terra, mas aproveita apenas 40 por cento desta área e planta de fato em somente 50 por cento destes 40 por cento, ou seja, explora com a agricultura em torno de 170 milhões de hectares. Apesar da anexação de novas áreas, no Centro e Norte do país, a produção não corresponde às necessidades da população.

A oferta de alimentos básicos não acompanha a demanda porque as áreas agricultáveis não são ocupadas, com prioridade, por culturas destinadas ao consumo interno. Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) comprovam isso, de forma alarmante. A oferta destes alimentos caiu tanto, de 1977 até agora, que cada habitante tem à sua disposição hoje 11,8 por cento a menos de comida do que há sete anos. Em compensação, a oferta de cana-de-açúcar, para produção de álcool, também em relação a 1977, cresceu 74,4 por cento, e a de produtos exportáveis (algodão, soja, laranja e outros) 11,2 por cento.

## Taxa de mercado, nova ameaça

da indústria. A partir de 85, estes juros, que podem chegar a até 50 por cento ao ano mais correção, talvez venham a inviabilizar também a agricultura, com a total extinção do crédito subsidiado ao setor, conforme se especula.

Julio Feil, da Gerência de Crédito da Cotrijui, realizou alguns cálculos que mostram como o juro para a lavoura poderá evoluir, até o próximo ano, considerando três situações. Ele calculou os custos dos financiamentos, para custeio da última safra de verão, da atual safra de inverno e de uma lavoura que venha a ser financiada com taxa de mercado. Os dados mostram que a situação pode mesmo ficar alarmante.

Para todos os casos (veja tabela ao lado) foi considerado um empréstimo de Cr\$ 5 milhões. No custeio da safra de verão, quando o juro era de 3 por cento ao ano mais 85 por cento das variações da ORTN (Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional), a taxa cobrada fica

em 159,34 por cento ao ano. Considerando-se um contrato normal de 10 meses, só de juro o produtor pagou Cr\$ . . . . . 6.047.869,00, ou seja, mais do que o capital emprestado. Na liquidação, o produtor terá que devolver Cr\$ 11.049.869. A taxa ao mês ficou em 8,26 por cento.

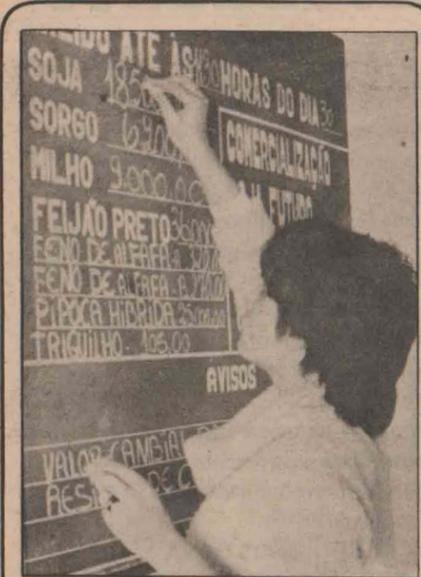
Na safra de inverno, o juro continua de 3 por cento ao ano, mas considerando-se 100 por cento da ORTN. Ai, com base em estimativas, só de juro o produtor paga Cr\$ 7.583.354,00, e tem que devolver

um total de Cr\$ 12.583.354 ao banco. A taxa anual fica em 203,06 por cento, e no mês em 9,68 por cento. Já com taxa de mercado, considerando-se um juro médio de 27 por cento ao ano, ao final de 10 meses o agricultor terá que pagar Cr\$ . . . 14.917.547,00, também conforme estimativa. O custo do juro, neste caso, é de Cr\$ 9.917.547, ou seja, representa o dobro do capital tomado de Cr\$ 5 milhões. Com taxa de mercado, o juro ao mês ficaria em 11,68 por cento, e no ano 276,44.

### A EVOLUÇÃO DOS CUSTOS DO DINHEIRO

	Lavoura de verão/83	Lavoura de inverno/84	Provável custo em 85
Capital	5.000.000,00	5.000.000,00	5.000.000,00
Juros	6.047.869,00	7.583.354,00	9.917.547,00
Total	11.049.869,00	12.583.354,00	14.917.547,00

# Uma promessa: comércio livre



## MERCADO

Quantas vezes, este ano, o governo trancou as exportações de grãos e óleo de soja? Quantas autorizações para importação foram emitidas, mesmo para produtos com excedentes no mercado interno? Quem for parar para chegar a estes núme-

ros levará um bom tempo pesquisando. O governo federal sempre interferiu no mercado, trancando vendas para o exterior, controlando preços ou comprando produtos de outros países. Mas agora se anuncia que essa interferência pode deixar de existir, a partir do próximo ano, com a comercialização agrícola livre de obstáculos e entregue apenas ao setor privado.

Quem aposta nessa promessa? O ministro Nestor Jost, da Agricultura, já falou inúmeras vezes sobre o assunto, garantindo que a livre comercialização só não acontecerá se a inflação não cair. Pelo que se sabe, este ano a inflação pode ser superior a de 83, que fechou em 211 por cento. Mesmo que registre quedas, a partir de agora, talvez ela pouco venha a influir na execução de uma medida tão liberalizante. Acontece que a participação do governo, nesta área, dificilmente deixará de existir de uma hora para outra, segundo os economistas.

### ARGUMENTOS

Para trancar exportações, sempre se argumentou que é preciso garantir o abastecimento interno, mesmo que o produtor saia perdendo. E para permitir importações, a explicação é a mesma: formar estoques, para que a população não fique sem alimentos. Outra justificativa usada, nestes casos, é a de que as compras no exterior fazem com que se force uma baixa nos preços dos produtos que estejam muito caros no Brasil. E isso já aconteceu muitas vezes nos últimos anos.

Todos sabem que o produtor é um dos poucos que não podem especular com o resultado de seu trabalho. A especulação, quando existe, acontece da lavoura pra frente. Mas as importações prejudicam, é claro, quem produz, porque acabam achatando a margem de ganho do agricultor. No final de julho, por exemplo, um frigorífico do Rio de Janeiro conseguiu autorização da Cacex (Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil), para importar papada e toucinho de porco. Imediatamente essa compra se refletiu no comportamento dos preços internos dos suínos, com quedas de quase 10 por cento.

### MENOR PREÇO

Só que a banha de porco, adquirida da Hungria e Iugoslávia, não chega ao Brasil por falta de oferta do produto, pois os estoques nacionais estariam em torno de 12 mil toneladas. Assim, o importador especula no preço, porque a gordura importada seria mais barata. O produtor, em consequência, fica sem ter para quem vender, com um mercado mais restrito. Mas a liberação da comercialização da produção agropecuária, como se anuncia, terminará beneficiando também quem produz, a partir de 85.

Até agora, quando os compradores de outros países acenavam com bons preços, o produtor não podia tirar proveito disto, porque os alimentos deveriam ficar aqui, "garantindo o abastecimento interno e o controle da inflação". A partir de

85, o produtor poderá fazer como o frigorífico do Rio, saindo em busca de negócios mais compensadores, conforme esta promessa, vista com muita desconfiança. No início de julho, quando falou no assunto, o diretor da Cacex, Carlos Viacava, deu como exemplo o caso do milho, que poderia ser vendido com preços, no exterior, 20 por cento superiores aos praticados no Brasil, onde a saca de 60 quilos estava a Cr\$ 9 mil.

Mas, vendendo o milho para o estrangeiro, o produtor se vê envolvido em outro problema: cai a oferta interna e crescem os custos da criação de suínos. O exemplo vale para outros produtos. Neste "compra lá e dá cá", dificilmente o produtor sairia ganhando, simplesmente porque os mecanismos de controle do mercado não são por ele manejados. A livre comercialização surge assim como algo muito nebuloso, que não traz promessas concretas de compensações para o agricultor.

As atividades, no setor primário, são mais ou menos dependentes umas das outras, e há tempos o produtor lida com um desequilíbrio que a livre comercialização não deve contornar. Plantar milho para criar porco pode ser bom hoje, mas não amanhã, e essa instabilidade se prolonga há tempos. E tudo porque o poder da especulação, que leva o mercado para onde quer, se concentra em outras mãos ou no colo dos grandes grupos, que devem estar ansiosos, à espera do livre comércio prometido.

# Seguro acumula prejuízos e deve mudar



## PROAGRO

Estes números são de assustar qualquer um: para cada milhão de cruzeiros que arrecadou como taxa de Proagro, desde a criação do seguro, em dezembro de 1973, o governo teve depois que pagar 2 milhões e meio de cruzeiros como indenização e outras despesas. Esta é a relação entre o que se arrecadou até agora para manutenção do seguro, e o dinheiro necessário para pagamento das coberturas, gastos com perícia e remuneração dos agentes financeiros, conforme dados do Departamento Regional do Banco Central em Porto Alegre. O déficit é grande, e vem preocupando as autoridades federais há muito tempo.

A regional do BC mostra que, desde

73 e até janeiro deste ano, o Proagro havia arrecadado Cr\$ 86 bilhões 899 milhões e 434 mil. Este volume de dinheiro se refere à receita do seguro, que é o valor pago como adicional pelo produtor, ou seja, a taxa cobrada quando da contratação do financiamento. O total das despesas, por sua vez, incluindo indenizações, neste mesmo período, chega a Cr\$ 226 bilhões 940 milhões e 606 mil. É claro que os valores não estão corrigidos, mas os números deixam clara a distância entre a receita e as despesas do Proagro.

### INVIÁVEL

Por gastar muito mais do que arrecada é que o Proagro se tornou um seguro inviável, num momento em que o governo pretende terminar com qualquer tipo de subsídio. No início deste ano, andou se falando que ainda em 84 esse seguro passaria a ser optativo. O produtor é que iria decidir se aceitava ou não o Proagro, quando da liberação dos empréstimos de custeio ou investimento. Mas essa alternativa parece não ter sido bem aceita, e talvez tenha ficado de lado.

O seguro existe, afinal, para que se garanta assim a devolução do dinheiro tomado como financiamento, e é, portanto, uma segurança para o banco. Com o Proagro sendo optativo, o agricultor não iria cair na tentação de reduzir os custos da lavoura, deixando de pagar a taxa do seguro? E como ficaria ele quando da frustração de uma safra de alto risco, como o trigo? "O agricultor zeloso não pensa em Proagro, e somente recorre à indenização

quando isso é realmente necessário", diz o presidente do Sindicato dos Empregadores Rurais de Ijuí, Reinhold Luiz Kommers.

Para ele, o Proagro teve inclusive efeito contrário, como instrumento que deve incentivar a utilização de tecnologia adequada, pois "em outros Estados, pelo que se sabe, o seguro terminou estimulando o mau uso dos recursos". O ideal, segundo o presidente do sindicato, seria a criação de um seguro agrícola que realmente indenize o produtor — e não o banco — quando de uma safra frustrada. Esta também é a opinião de José Barassuol, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Catuípe.

### SEGURANÇA?

"Com o Proagro cada vez mais caro, o que vai acontecer é que o produtor deixará de plantar com financiamento, passando a usar, quando puder, recursos próprios", afirma ele. "O que se nota — diz Barassuol — é que todo o sistema de crédito, no qual se inclui o Proagro, visa permitir a venda de insumos modernos, de máquinas e tecnologia, e não a segurança de quem produz". Mas de que forma um seguro poderia vir de fato a representar garantia de indenização para o produtor, e não para o banco?

É claro que, neste caso, o seguro teria um custo maior que o do Proagro, que já é caro. As taxas do Proagro são variáveis (veja Cotrijornal de abril último), e podem custar até 18,50 por cento do financiamento tomado. O certo é que o programa deverá sofrer alterações, já sugere-

ridas por uma comissão de técnicos de vários ministérios, mas ainda não aprovadas. O escritório da Cotrijornal em Brasília tentou conseguir cópia deste trabalho, mas foi informado de que os estudos não podem ser divulgados. O grupo teria proposto, sem sucesso, até mesmo a extinção do Proagro. E o que surgiria em seu lugar?

### ADICIONAL

O que se sabe é que na reunião do dia 1º de agosto o Conselho Monetário Nacional decidiu que, a partir de agora, o Proagro passa a cobrir também os recursos próprios utilizados pelo agricultor para custeio da lavoura. Teriam sido sugeridos aumentos no adicional pago pelo produtor, e mudanças nas faixas de cobertura, que são atualmente de 80, 90 e 100 por cento. Mas o CMN não aprovou as propostas, que iriam encarecer ainda mais o seguro. É provável, no entanto, que outras alterações continuem sendo buscadas.

Enquanto vai estudando saídas, para que não tenha que pagar mais do que arrecada com o seguro, o governo é beneficiado por algumas iniciativas tomadas fora de Brasília. Em São Paulo, por exemplo, a Companhia de Seguros do Estado, que pertence ao governo estadual, vem operando com seguro agrícola desde 1970. Estas operações envolviam, até agora, apenas bancos paulistas, mas o governo federal autorizou, recentemente, a Companhia a lidar com seguro também quando de financiamentos do Banco do Brasil. Assim, uma seguradora livra em parte o Proagro de arcar com maiores prejuízos, pelo menos num Estado.

# Europeus querem menos farelo

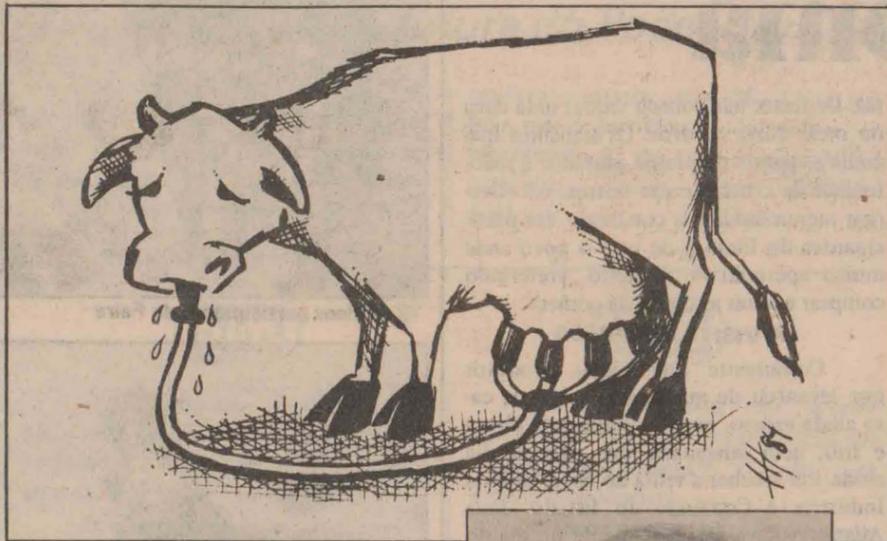
Num período de apenas três anos, entre 1979 e 1982, a França triplicou sua produção de colza e girassol. Essas oleaginosas passaram a ocupar áreas antes destinadas a outras culturas, numa tentativa do governo francês de aumentar a disponibilidade interna de farelo, que serve de ração ao gado de leite, suínos e aves. Mas porque, afinal, isso pode interessar aos produtores brasileiros? Pois interessa, e muito, especialmente aos plantadores de soja, já que a França é o maior comprador do nosso farelo. Se esse mercado reduzir sua demanda, para quem iremos vender os excedentes?

A situação da França é bem um exemplo do jogo de forças que acontece no mercado internacional não só de grãos, mas de alimentos, e do qual o Brasil está dependente. Mas até bem pouco tempo, quase nada se sabia a respeito dessa atenção dos franceses ao aumento da produção interna de oleaginosas, e dos vários fatores que determinam esse comportamento. As informações passaram a ser coletadas e analisadas a partir de um intercâmbio entre pesquisadores do Brasil e da França, implantado em 83, por iniciativa da Fidene, de Ijuí.

Participam desse trabalho de cooperação diversos órgãos oficiais e entidades ligadas ao setor primário francês, e, do lado brasileiro, além da Fidene, a Fecotriço e a Cotrijuí. Esse intercâmbio pretende ser permanente, para que não se avaliem apenas questões imediatas de interesse dos dois países, na área comercial. Os técnicos esperam estabelecer um relacionamento capaz de fazer com que se conheça mais de perto o sistema de produção da França, e vice-versa.

## DEPENDÊNCIA

É claro que a soja está no centro das atenções, como motivadora do início do trabalho. E as primeiras informações indicam o que pode acontecer na França e na Comunidade Econômica Européia, integrada por 10 países, entre os quais estão outros compradores de farelo do Brasil, como observam dois pesquisadores envolvidos nesse projeto, Argemiro Luís Brum, da Fidene, e Vincent Leclercq, do Laboratório de Economia Internacional, de Montpellier, ligado ao Instituto Nacional de Pesquisa Agrícola, que é um órgão do ministério da agricultura da França.



Leite é ração para o gado na França

Leclercq é quem relembra a história da dependência da França ao farelo importado, e que representa em torno de 90 por cento do produto consumido como ração naquele país. Em 1952, os franceses tinham um consumo de 360 mil toneladas de farelo, a maior parte importada da Argentina, Senegal e outros países. Mas este farelo era de girassol, de linho e de amendoim, porque a soja não tinha expressão na época. Em 1970, o consumo cresce para 2 bilhões de toneladas, e a soja já participou com 59 por cento. E em 1982, o salto vai para 4 bilhões e meio de toneladas, com uma participação de 90 por cento da soja.

## PRESSÃO

A dependência das importações foi criada pela prioridade que os franceses deram a outras culturas e à criação de animais na década de 60, quando a Comunidade Econômica Européia estabeleceu como meta a auto-suficiência na produção de alimentos. As oleaginosas não ganharam tantos espaços, enquanto crescia a produção de leite, trigo, milho, açúcar e carne. Acontece que os Estados Unidos, ditando as regras na área de alimentos, exerceu pressão para que a produção interna de farelo não crescesse na Europa. Afinal, os EUA vendiam grãos e farelo aos franceses e outros países da Comunidade. Com o boom da soja, em 1973, os



Vincent Leclercq

preços do produto estouraram e os franceses passaram a procurar outros compradores. O Brasil entrou então nesse mercado, e é hoje o país que mais vende farelo para a França. "Os preços do produto brasileiro eram mais compensadores", explica Leclercq, lembrando que outros fatores, menos importantes, também influíram na época. Mas, quase 10 anos depois da conquista deste comprador, a situação pode ser alterada, com desvantagem para o Brasil.

## EXCEDENTES

São muitos os fatores que provocam essa reviravolta. A França aumentou tanto sua produção de leite, trigo e açúcar, que enfrenta dificuldades para vender os excedentes. O mercado comprador não

consegue pagar um preço que cubra os custos da produção, pois a atividade agropecuária francesa é altamente tecnificada e intensiva. Com tecnologia moderna, o produtor tira o máximo de pequenas áreas, pois as propriedades têm, em média de 35 a 40 hectares. O governo subsidiava então as exportações, cobrindo cerca de um terço do preço que deveria ser pago pelo comprador, para que o produtor não tenha prejuízos. Sobra tanto leite na França, que o produto é usado como ração para o gado.

O subsídio pode ser bom para quem produz, mas para o país como um todo é prejuízo. A situação chega a ser curiosa, pois o aumento da produção não traz vantagens e se transforma num problema. Para sair deste impasse, o governo decidiu, em 79, ampliar as áreas com colza e girassol, reduzindo as lavouras de cana-de-açúcar e trigo. A produção de girassol era de 400 mil toneladas em 79, e evoluiu para mais de 2 milhões em 82. A de colza salta de 300 mil toneladas para mais de um milhão. Mas a expansão das duas lavouras chegou ao limite, pois a fronteira agrícola da França está esgotada.

## DÓLAR

Essa oleaginosa interna custa o dobro do preço do produto importado, segundo o pesquisador francês. Mesmo assim, é preferível ter um grão mais caro, do que depender totalmente de um mercado internacional, no qual o dólar também tem bastante peso. O dólar é, aliás, outro fator determinante desse comportamento da França, pois as altas nas cotações da moeda americana reduzem o poder de compra dos europeus. Para complicar, há também o aumento dos juros dos empréstimos concedidos pelos americanos.

"É claro — afirma Leclercq, que a França e os outros países da Europa não deixarão de importar farelo, mas a demanda, se não cair, deve no mínimo se manter estável". O governo quer reduzir as importações, em função de todos os motivos apontados, e isso deve merecer atenção dos brasileiros. Afinal, se um comprador tradicional diminuir seus negócios, os preços do farelo excedente tenderão a cair. Mas o mais difícil mesmo é conseguir outro comprador para o produto que a França deixar de adquirir.

## Americanos controlam quase todo mercado

A Comunidade Econômica Européia reúne, além da França, Itália, Holanda, Dinamarca, Alemanha, Bélgica e outros países. A organização estabelece uma política comum, que disciplina o comportamento dessas nações em muitas áreas do comércio europeu e internacional. É uma forma de se conseguir mútua ajuda, e isso acontece desde 1959, quando a CEE foi criada. A França é parte dessa Comunidade de nações desenvolvidas, que absorvem a maior parte do farelo que o Brasil exporta. Os franceses, no entanto, são um caso especial, pois compraram 3 milhões de toneladas do produto brasileiro em 83, quando o país exportou um total de 8 milhões de toneladas.

O volume comprado pela França representou 75 por cento do farelo de soja consumido naquele país, onde a demanda andou ao redor de 4 milhões de toneladas no ano passado. É por isso que a tendência de redução nas importações deve pelo

menos merecer uma análise cuidadosa da parte do Brasil, segundo Argemiro Luís Brum, o diretor da Criaec — Central Regional de Informações Agropecuárias da Fidene. Ele ressalta que o farelo é o produto nobre da soja para exportações, pois o Brasil vende em torno de 80 por cento do que produz. Os grãos participam, nessas exportações, com apenas 8 por cento, e o óleo com 30 por cento.

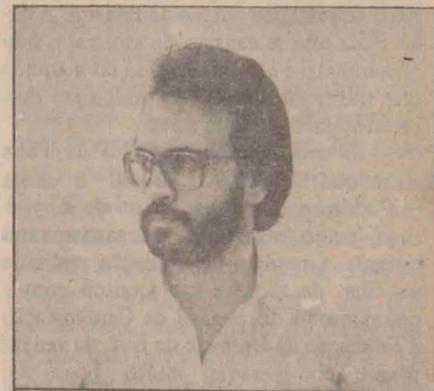
## HÁ SAÍDAS?

Se tiver que vender menos para os franceses, como as tendências indicam, é pouco provável que o Brasil possa negociar os excedentes de farelo com os demais países da Comunidade. Estes dificilmente conseguirão seguir o exemplo da França, aumentando áreas destinadas às oleaginosas, pois a maioria já não dispõe de terras agricultáveis que permitam essa expansão. Mas eles compram farelo dos Estados Unidos, que continua controlando a maior fatia do mercado da CEE. O

produto dos americanos entra na Europa sem restrições, sem sobretaxas que possam desestimular estes negócios.

O que resta para o Brasil? Argemiro observa que a União Soviética pode aumentar suas importações, como mercado em potencial, mas certamente comprará da Argentina, sua aliada anos atrás, quando os EUA trancaram a venda de grãos para os russos. A China também está na mira dos vendedores, mas igualmente neste caso as portas deverão ser abertas aos Estados Unidos. E o Oriente Médio, com a redução nos preços do petróleo, teve seu poder de compra diminuído e não se apresenta como mercado promissor.

O quadro geral não é de alarmar, como ressalta Argemiro, pois muita novidade pode surgir. Por enquanto, contudo, é bom que se esteja alerta para o que deve acontecer a médio prazo, considerando-se a atual conjuntura. O diretor da Criaec faz questão de salientar que uma queda



Argemiro: quadro ainda não é alarmante

nos preços do farelo, no mercado internacional, pode coincidir com as safras que se rão colhidas no Brasil, a partir de agora, com crédito sem subsídio. O produtor terá uma safra com altos custos, e não será nada bom se houver uma recaída nas cotações.

27 ANOS

# Uma Feira só de produtos da colônia

Nada de festas no aniversário da Cotrijuí. Mas para que os 27 anos de fundação da Cooperativa não passassem tão despercebidos, a Unidade de Ijuí, através do Departamento de Comunicação e Educação organizou a III Feira de Produtos Coloniais, que mais uma vez repetiu o sucesso alcançado pelas duas feiras anteriores. Todo o sucesso pode ser creditado a organização dos núcleos de associados, que mesmo enfrentando um dia de muita chuva e frio, tiveram a coragem de trazer seus produtos de fabricação caseira, como salames, cucas, queijos, natas, e mais frutas e verduras para serem vendidos na cidade. Só a organização dos núcleos valeu muito mais do que qualquer resultado comercial. Além de marcar o aniversário da Cooperativa, a Feira também tem a intenção de mostrar para a comunidade local e regional, que na colônia não se produz apenas o trigo e a soja como o pessoal da cidade pensa, mas também outros produtos que podem muito bem fazer farta a mesa do produtor. Para o consumidor, a Feira representa a oportunidade de negociar direto com o produtor, sem ter que enfrentar o intermediário.

A Feira, como vem se repetindo há três anos, foi realizada no dia 20 de julho — data de aniversário da Cooperativa —. Os estandes com os produtos da colônia foram montados em frente ao mercado, atraindo a atenção do pessoal. A procura foi tão grande, que no final da manhã já não havia quase mais nada para ser vendido, além de frutas e verduras. O consumidor que deixou para fazer suas compras na parte da tarde, já não levou mais queijos, natas, salames, presuntos ou melados.

## QUASE NADA DEIXOU DE SER VENDIDO

Este ano foram 12 núcleos que trouxeram salames, presuntos, queijos, schmier, melado, nata, banha, mel, comotas, pão, cuca, vinhos, bolachas, feijão, abóboras, frutas e sucos para serem vendidos. Até uma antiga roca, de fabricação bem artesanal, mas bastante original, foi colocada em exposição, atraindo a atenção da maioria dos visitantes. Para dar as explicações de funcionamento da roca lá estava sentada fiando lã de ovelha, a dona Rosa Schultz, do núcleo de Piratini. A dona Rosa não se cansava de mostrar o funcionamento e as vantagens da tal máquina que transformava a lã de ovelha em fios, prontos para serem tecidos.

O movimento financeiro da Feira alcançou Cr\$ 3.727.500,00 e desta vez muito pouca coisa deixou de ser vendida, como ressaltaram os participantes durante a reunião de avaliação realizada no final da tarde e que contou com a coordenação do pessoal da Comunicação e Educação da Unidade de Ijuí. As vendas foram consideradas muito boas. Os participantes chegaram à conclusão de que se tivesse mais produtos de comer, também teriam saído todos, porque a procura foi muito grande até o encerramento da Feira. Também neste ano, a quantidade de produtos vendidos foi superior ao da Feira anterior. Os produtos que menos saíram foram as hortaliças e algumas fru-

tas. De resto, não sobrou sequer uma cuca ou meia dúzia de ovos. Os trabalhos manuais — panos de pratos pintados à mão, toalhas de crochê, entre outros, não tiveram menor saída e a conclusão dos participantes da Feira é de que o povo anda muito apertado de dinheiro, preferindo comprar apenas as coisas de comer.

## A VISITA SURPRESA

Certamente que aquele produtor que levantou de madrugada e saiu de casa ainda escuro, embaixo de muita chuva e frio, nem imaginava, que naquele dia ainda iria receber a visita do Secretário da Indústria e Comércio do Estado. Luiz Adams visitava Ijuí justamente no dia do aniversário da Cotrijuí e fez questão de visitar a Feira e cumprimentar cada um dos participantes. O Secretário, acompanhado de seus assessores foi recebido pelo presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva e pelo vice-presidente, Arnaldo Oscar Drews.

## NÃO FICOU NADA QUE ERA DE COMER

O seu Helmuth Serves e o seu Reinoldo Dorn, do núcleo de Aracy Serves trouxeram de tudo e um pouco, mas o que mais fez sucesso mesmo foi o salame de fabricação caseira. Quase 60 quilos de salame, ao preço de Cr\$ 2.700,00 o quilo, foram vendidos em pouco mais de uma hora. Para o seu Helmuth, o que ajudou nas vendas foram os preços, que este ano estavam mais ao agrado do bolso do consumidor e também a qualidade dos produtos da colônia "que hoje já está confirmada". A todos que procuravam salame, seu Helmuth fazia questão de contar que todo o segredo da fabricação está em muito no tempero e na dosagem de mistura de carne de porco com carne de gado. A receita não é difícil de seguir:

— A porção de carne de porco tem que ser bem maior. Apenas uns 25 por cento de carne de gado. Moer a carne e temperar com alho e sal. Para cada 10 quilos de carne moída, são suficientes umas 300 gramas de sal grosso. Pronto o salame, deixar uns quatro dias na fumaça. Não tem grandes segredos.

Participando da Feira pela primeira vez, a dona Leonira Maria Padoin, do Salto, estava surpresa com a venda que fez. "Não sobrou quase nada", disse. Para a próxima Feira a intenção da dona Leonira é de se programar melhor e trazer uma variedade maior de produtos. A experiência valeu e o seu núcleo estava mais do que satisfeito com os resultados.

Gertrudes Commandeuer, do núcleo de Piratini participa da Feira desde 82. Considerou as vendas muito boas, "principalmente se considerarmos o dia que fez". Tem participado todos os anos porque vê a Feira como uma oportunidade do produtor ir ao encontro do consumidor, "as duas classes que vivem mais apertadas". Disse também que neste ano a Feira atingiu mais o pessoal dos bairros.

— Deu prá notar que o consumidor que apareceu aqui foi diferente. Ele veio dos bairros à procura de alimentos com



12 núcleos participaram da Feira



O secretário Luís Adams visitou todos os estandes



A copa saiu em poucos minutos



A roca chamou a atenção do pessoal

preços mais acessíveis. O pessoal do centro da cidade quase não apareceu. O que era de comer não sobrou nada. Mas o que era de artesanato ficou. Criatividade hoje é luxo e alimento é uma necessidade.

## O SUCESSO SE REPETE

As copas presuntadas do seu Armando Boniatti, da Colônia Santo Antônio voltaram a fazer sucesso. As 16 copas que levou para a Feira foram vendidas em menos de meia hora. O salame, cerca de 12 quilos, também não chegou a esquentar no estande. Também o queijo saiu em poucos minutos, tão grande foi a procura. Aliás, o queijo, foi um dos produtos que teve a maior procura nesta Feira. Também a graspa fabricada pelo seu Boniatti, teve uma saída grande. "Trouxe 35 litros e achei que não ia conseguir vender nada, mas já estou arrependido de não ter trazido mais". A graspa é uma espécie de cachaca feita da casca da uva. Ela é processada duas vezes no alambique. "Não tem coisa melhor para espantar o frio da ma-

nhã do que tomar café com graspa", diz seu Boniatti.

No estande da dona Santa Dalla Rosa, o que mais fez sucesso foi a erva-mate, de fabricação do seu Pedro Dalla Rosa. Foram vendidos cerca de 150 quilos de erva-mate. A dona Joana e a dona Córdula Kommers e mais a dona Ildegard Brudna, de Mauá, também estavam participando pela primeira vez e lamentavam não terem tido tempo de se preparar para a feira com mais antecedência. Mas tudo o que trouxeram foi vendido. Mesmo assim, garantiram que o importante mesmo foi a participação.

A dona Inelde Sandri, de Dr. Bozano, vendeu os sete quilos de queijo em 15 minutos. Na sua estande também não sobrou nada além de laranjas e bergamotas. A dona Hildegard Friedrich, do Alto da União não gostou muito das vendas, "o tempo atrapalhou demais". Mas mesmo assim, disse que não ia levar nem salame, charque, costela de porco, nata ou ovos de volta para casa.



# A hora do "sim" ou "não"

*Pelo voto, produtor vai dizer se Estrutura do Poder deve ou não ser mantida*

Depois de quatro anos de experiência, a Estrutura do Poder implantada pela Cotrijuí será finalmente colocada à prova, passando pelo teste das urnas. No dia 21 de agosto, uma terça-feira, os associados da Cooperativa poderão dizer, através de plebiscito, se esta Estrutura deve ou não ser incorporada aos estatutos. Se a maioria decidir pelo "sim", o sistema estará aprovado, passando então a fazer parte das normas que orientam a participação do associado na vida da Cotrijuí.

O plebiscito irá movimentar muita gente, entre representantes, associados, funcionários da Cooperativa e dirigentes de outras entidades do setor, que também acompanharão esta votação. Haverá urnas em cada uma das unidades, na Região Pioneira, em Dom Pedrito e no Mato Grosso do Sul. Além destas urnas fixas, outras urnas cumprirão um roteiro no interior dos municípios (veja nas páginas seguintes), para que o associado possa votar em sua própria localidade.

## QUEM VOTA

A votação será iniciada, em alguns municípios, às 7 horas, mas a grande maioria abrirá o processo às 8 horas, prolongando-se até às 18 horas. Para votar, o associado deve se dirigir a estes locais com a sua carteira social. O direito de voto é assegurado a todos os que entregaram a produção à Cooperativa no último exercício, de 1983. Os novos associados, que ingressaram a partir de janeiro deste ano, também podem votar, desde que tenham entregue a produção nesse período.

O associado que tem direito a voto, mas que no dia do plebiscito não puder comparecer aos locais onde estarão as urnas, poderá ser representado pela esposa. Ela irá substituir o marido, devendo ape-

nas levar a carteira social. Mas é bom lembrar que a participação da mulher, em substituição ao esposo, é assegurada, por enquanto, apenas neste plebiscito. Acontece que a legislação da área

cooperativista ainda não assegura o direito de voto a mulher em outros casos.

## O QUE MUDA

Este plebiscito estava previsto desde 1979, quando se implantou a Estrutura do Poder como experiência na Cotrijuí, no momento em que, como parte do sistema, surgiu a figura do representante. No dia 21, o associado irá dizer se o representante deve ou não continuar, considerando ainda outras medidas que fazem parte da Estrutura do Poder. Esta tentativa de se democratizar as decisões da Cooperativa é abrangente, e trata também das assembleias e das eleições.

As assembleias gerais de fim de ano, para apreciação do balanço, continuarão como vêm sendo realizadas, com o representante tendo direito a voto. Antes, no entanto, todos os assuntos em pauta são levados à discussão nas bases, através destes mesmos representantes. O associado pode participar da assembleia e dos debates, apenas sem direito a voto, como ocorre desde 1979.

As assembleias para decisões políticas, como desmembramento, fusão ou incorporação, não serão realizadas num único local. Nestes casos, todos terão direito a voto secreto, e não só os representantes. Também será pelo voto secreto de todos os associados a eleição dos conselheiros de Administração e da área Fiscal, como acontecerá em março de 85. Sobre isso é que o associado irá decidir, dizendo "sim" ou "não" no dia 21 de agosto.

**SIM**

O associado que disser "sim", no plebiscito do dia 21 de agosto, estará aprovando a Estrutura do Poder, que consiste basicamente no seguinte:

- É mantida a figura do representante, eleito pelo voto dos associados. Estes líderes de núcleos continuarão então o trabalho que realizam desde 1979, como experiência, atuando como portavoza de suas localidades junto à direção da Cooperativa, e vice-versa.

- As assembleias gerais para eleição dos conselhos de Administração e Fiscal não serão realizadas num único local. Haverá urnas para que todos possam votar e indicar os dirigentes da Cooperativa. Também quando de decisões como desmembramento e incorporação, o voto será secreto.

- As assembleias de fim de ano continuarão sendo realizadas num único local, para aprovação do balanço e outras decisões de rotina. Neste caso, só o representante terá direito a voto, mas todos poderão participar das assembleias e das discussões.

**NÃO**

Ao se decidir pelo "não", o associado votará contra a incorporação das mudanças aos estatutos. O "não" terá estas conseqüências:

- Desaparece a figura do representante, e quase tudo o que vem sendo feito como parte da Estrutura do Poder. Deixa de existir então a liderança do núcleo eleita pelo voto dos associados. O trabalho de base, as discussões e outras atribuições deixam de estar a cargo de um líder eleito.

- O voto secreto, para eleição dos conselhos de Administração e Fiscal, que também já foi exercido como experiência em 82, não fará parte dos estatutos. A votação volta a ser feita numa assembleia, num único local, como ocorreu até 1979.

- Nas assembleias para aprovação do balanço, que acontecem todo ano, todos terão direito a voto. Isto porque desaparecerá, neste caso, a figura do representante, que vem coordenando as reuniões preparatórias nos núcleos antes de cada assembleia.

## A expectativa dos associados

**Juarez Aquiar Padilha**, representante desde 1980, possui 93 hectares em Estrada dos Potreirinhos, Jôia: "O importante, para mim, é que o associado saiba que não irá decidir apenas sobre a manutenção ou não da figura do representante no dia 21. Eu acho que a incorporação das mudanças previstas aos estatutos dará maior respaldo às decisões que vêm das bases, e nesse trabalho o representante será, ao mesmo tempo, mais valorizado. Ele se sentirá com mais força para participar das decisões. Nós percebemos que ainda há quem pense que o representante toma o espaço do associado, que fica mais afastado das discussões. Mas aos poucos fica claro que a situação é inversa, com fortalecimento do que se debate nos núcleos, com uma maior aproximação entre produtor e Cooperativa. O que se prevê para as assembleias, por exemplo, é uma forma de democratização, e nesse aspecto conta muito a participação, nas eleições e outras medidas, do associado através do voto secreto. Através do representante, do debate nas bases, é que este sistema será aperfeiçoado, possibilitando também a renovação de lideranças, ao mesmo tempo em que se entende melhor a situação geral da Cooperativa".



Juarez Padilha

Luiz Bester

Eva Okaszkeski

**Luiz Bester**, proprietário de 61 hectares na Linha 13 Norte, em Ajuricaba: "Eu não tenho participado muito de reuniões, e não tenho maior conhecimento sobre o plebiscito. A respeito do representante, se deve continuar ou não, eu entendo que ele não tem muita força para falar. Eu não acredito que o representante participe muito das decisões, que ele realmente possa influir em medidas tomadas. Mas eu acho que ele deve mesmo assim ser mantido, só que participando mais, decidindo mesmo. Sobre as assembleias, entendo que é boa essa idéia do voto secreto, quando das eleições. Mas eu

me lembro que as assembleias de fim de ano, anos atrás, eram realizadas dentro de um armazém, e bem discutidas. Acho que poderia se tentar de novo a realização de assembleias assim, com todos participando, com todos debatendo. Eu não tenho participado das reuniões de núcleos, antes das assembleias, e também não tenho ido às assembleias. Nessas reuniões de núcleos, acho que pouco se decide, e muitas vezes as perguntas dos associados ficam sem resposta. No dia do plebiscito é que eu vou decidir se voto sim ou não. Até lá, vamos ver".

**Eva Natal Okaszkeski**, esposa do seu Francisco Okaszkeski. Ela é quem se dedica à lavoura, em 8,5 hectares, em Povoado Santana, Ijuí, enquanto o marido cuida de outras atividades: "Eu tenho esperança que a situação irá melhorar, depois do plebiscito. Tenho participado das reuniões, e acho que é assim, com todos discutindo, que se encontram as soluções. Hoje, a agricultura não dá mais, com estes altos juros, pois se faz a colheita e não sobra nada. A participação do representante, para que se discuta mais isso tudo, é importante. Em Povoado Santana, o seu Luís Kusiak, que é o representante, aproveita para reunir o pessoal depois dos cultos. Ali, se comenta a nossa situação e ele orienta os associados sobre o que está acontecendo. Mas ainda há muitas mulheres que não participam de reuniões. Eu acho que a mulher deve acompanhar mais o que acontece. Assim como ela, muitas vezes, é quem cuida mais da lavoura, como é o meu caso, ela deve também estar mais a par dos assuntos. O representante e as coordenadoras de núcleos ajudam bastante neste trabalho e precisam continuar, para que a Cooperativa apoie mais o produtor, pois de nada resolve ficar só esperando que as coisas melhorem".



# O roteiro das urnas

O roteiro das urnas foi montado de acordo com sugestões dos representantes e associados, em conjunto com o pessoal da Cotrijuí. Isso irá facilitar a votação no dia 21, pois haverá urnas não só nas

unidades, mas também percorrendo as localidades do interior, na Região Pioneira, em Dom Pedrito e no Mato Grosso. O associado deve conferir nesse roteiro o horário em que a urna permanecerá na sua

localidade. No Mato Grosso do Sul, por exemplo, a votação será iniciada mais cedo que na Pioneira e em Dom Pedrito, estando prevista para o período das 7 às 18 horas. O produtor irá notar também que em

Augusto Pestana as urnas irão ao interior somente à tarde, mas haverá urnas fixas na unidade, na loja e no mercado desde às 8 horas. O escrutínio será iniciado logo depois do encerramento da votação.

## AJURICABA

Núcleo	Horário	Local	Mesários
Linha 18 Norte	.08,00 às 09,00	Capela	.Antonio Marquesin, José Carlos Rambo, Arnaldo Redlich
Linha 15 Tuiuti	.09,15 às 10,30	Escola	.Leonildo Heck, José Carlos Rambo, Arnaldo Redlich
Linha 13 Norte	.10,45 às 11,30	Escola Castelo Branco	.Jaime Sperotto, José C. Rambo, Arnaldo Redlich
Linha 14 Norte	.14,00 às 15,30	Esc. Marechal Rondon	.Edgar Prauchner, José C. Rambo, Arnaldo Redlich
Linha Carovi.	.16,00 às 17,30	Salão	.José Bestler, José Carlos Rambo e Arnaldo Redlich
Monte Alvão.	.08,00 às 09,00	Escola	.Ernest Fritz Horing, Silvino Costa Beber e Antônio Bandeira
Linha 21 Toso.	.09,15 às 10,30	Clube	.Orélio Toso, Silvino C. Beber, Antonio Bandeira
Linha 24 Lausmann.	.10,45 às 11,30	Escola	.Atilio Zan, Silvino Costa Beber e Antônio Bandeira
Linha 23 Esquina	.14,00 às 15,30	Escola	.Neri Bortolini, Silvino C. Beber e Antonio Bandeira
Linha 23 Ressaca	.16,00 às 17,30	Esc. Souza Lobo	.Leoniro Brigo, Silvino Costa Beber, Antonio Bandeira
Linha 26	.08,00 às 09,00	Esc. 25 de Julho.	.Vitor Tremêa, Clóvis Carbonera, Miguel Sapiezinski
Linha 26 Esquina	.09,15 às 10,30	Escola	.Anselmo M. Bandeira, Clóvis Carbonera, Miguel Sapiezinski
Linha 27	.10,45 às 11,45	Escola Souza Docca.	.Orlando Mews, Clóvis Carbonera, Miguel Sapiezinski
Linha 29	.14,00 às 15,00	Capela	.Lino C. Dallabrida, Clóvis Carbonera, Miguel Sapiezinski
Linha 30 Norte	.15,15 às 16,15	Esc. Luiz de Camões	.Doralino Barbosa, Clóvis Carbonera, Miguel Sapiezinski
Esquina Umbu.	.16,30 às 17,30	Escola	.Wilson Tovo, Clóvis Carbonera, Miguel Sapiezinski
Timbosal.	.08,00 às 09,00	Escola	.Jaci Fernandes de Vargas, Nestor Schoffel e Valfrides Alves de Souza
Barro Preto	.09,15 às 10,15	Posto de Saúde	.Alvino de Jesus, Nestor Schoffel, Valfrides Alves de Souza
1º de Maio.	.10,30 às 11,30	Escola	.Ricardo Didoné, Nestor Schoffel, Valfrides Alves de Souza
Bom Sucesso.	.13,30 às 14,30	Escola	.Florindo Bona, Nestor Schoffel, Valfrides Alves de Souza
Planchada	.15,00 às 16,00	Capela	.Alcides Bandeira, Nestor Schoffel, Valfrides Alves de Souza
Madeiraira	.16,15 às 17,30	Escola	.Augusto Dambrós Filho, Nestor Schoffel, Valfrides Alves de Souza
Ajuricaba.	.08,00 às 18,00	Unidade	.Olimpio Bandeira, Clementino Sperotto, Cláudio José Perusatto, Dair Fischer
Sindicato	08,00 às 18,00	Sindicato.	.Valdir Eickoff, Ernesto Gerke, Carmem Michalski, Paulo Ottonelli
Linha 28 Mercado.	.08,00 às 18,00	Mercado	.Irani Sangiovo, Júlio Guilherme Emmel, Luiz Carlos Depieri, Floriano Jorge Breitenbach
Formigueiro	.08,00 às 18,00	Clube	.Augusto Zencker, Helvin Matter, Egon Mosak, Emilio Uhde
Pinhal.	.08,00 às 18,00	Mercado	.Diolindo Aquiles Bandeira, José Adorian, João Francisco Bauer, Vitalino Francisconi

## S. AUGUSTO

Núcleo	Horário	Local	Mesários
Unidade	.08,00 às 17,00	Escritório	.Italvino Sperotto, Aniceto Nicoli, Irani Antônio Gonzatto
Sind. Trab. Rurais.	.08,00 às 17,00	Sede	.Valcir Luiz Gonzatto, Lino Alberto Depieri
São Valentim	.08,00 às 17,00	Salão Comunitário	.João Carlos Baraldi, Cláudio Nicoli, Adilson Moresco
São Jacó	.08,00 às 17,00	Salão Comunitário	.Edgar Prochnow, Orlando Pettenon
Esq. Nossa Sra. de Fátima	08,00 às 17,00	Salão Comunitário	.João Orlando Schind. Valdir Vender, Valzumi Calgato
Passo da Lage	.08,00 às 17,00	Salão Comunitário	.Luiz Radin, Sylvino Pettenon, Aparício Rodrigues Sobrinho
Coroados.	.08,00 às 17,00	Salão Comunitário	.José Heitor Copetti, Neri Radin, Luiz Mario Tamiozzo
São Valério	.08,00 às 17,00	Salão Comunitário	.Aloisio Drausio Steiger, Mario Bussiol, Leonildo Brigo
São Martinho	.08,00 às 17,00	Sindicato Trab. Rurais	.Altino Weiller, Romeu Sphor
Assis Brasil (Ajuric.)	.08,00 às 17,00	Salão Comunidade	.Acácio G. de Camargo, Arcelino Beazi, Eldevir Albino Bordignon

## A. PESTANA

Núcleo	Horário	Local	Mesários
Boca da Picada	.14,00 às 18,00	Escola	.Alfredo Wildner, Décio Simon
Fundo Alegre	.14,00 às 18,00	Escola	.Bruno Schneider e Erny Kern
Fundo Grande.	.14,00 às 18,00	Escola	.Osmar Gerhardt e Arno Goergen
Marmeleiro.	.14,00 às 18,00	Salão	.Hardy Kern e Otmar Reisdorfer
Linha Progresso	.14,00 às 18,00	Escola	.Arnaldo Matte e Benno Bruisma
Ijuizinho	.14,00 às 18,00	Salão	.Ivo Losch e Flávio Kern
Rincão dos Ferreira.	.14,00 às 18,00	Escola	.Olavio Hoerle e Osvaldo Bremm
Bom Princípio.	.14,00 às 18,00	Salão	.Nelson Wusth e Antonio Wildner
Linha São João	.14,00 às 18,00	Salão	.João E. Schneider e Vilson R. Beck
Esquina Renz	.14,00 às 18,00	Bolicho.	.Waldir Walter e Harry Renz
Rincão dos Müller.	.14,00 às 18,00	Salão Comunitário	.Amandio Schneider e Selvino E. Müller
Linha Santo Antônio.	.14,00 às 18,00	Escola	.Nelci Rhoden e Meno Desbessel
Ponte do Ijuizinho	.14,00 às 18,00	Escola	.Elió Schneider e Alvaro Wotheier
Cambará	.14,00 às 18,00	Escola	.Dionel Rhoden e Vilson Fritz
Parafso	.14,00 às 18,00	Armazém de Abilio Jantch	.Renato Mergen e Helvin Solinger
Rincão Seco	.14,00 às 18,00	Salão Comunitário	.Emilio Hasse e Sighart Drews
Esquina Gaúcha.	.14,00 às 18,00	Salão	.Oscar Hoerle e Hélio Helbich
Rosário.	.14,00 às 18,00	Mercado e Loja da Cotrijuí.	.João Helio Tissot e Darci Pascoal
Formigueiro	.14,00 às 18,00	Capela São João.	.Pedro Guiotto e Antonio Menegol
São Miguel	.14,00 às 18,00	Escola	.Aldair Marsaro e Ari Reisdorfer
Arroio Bonito	.14,00 às 18,00	Escola	.Aldair A. Barassuol e Alzevir Frantz
Rincão dos Klein	.14,00 às 18,00	Escola	.Jorge Matte e Leomar Heuser
Rincão do Progresso	.14,00 às 18,00	Escola	.Nelio Ceribola e Oliver Sostemeyer
Escritório	08,00 às 18,00	Augusto Pestana.	.Walter Driemayer e Alberto Bauer
Mercado e Loja	.08,00 às 18,00	Mercado e Loja	.Albino Gislene e Mirto Drews



## Veja o modelo da cédula

A cédula para o voto do associado terá apenas duas opções. O "sim", que deve ser marcado com um "x" pelos que aprovam a Estrutura do Poder, e o "não", para quem entende que as mudanças não devem fazer parte dos estatutos.

O ASSOCIADO APROVA INCORPORAR AO ESTATUTO A ESTRUTURA DO PODER, EM EXPERIÊNCIA DESDE 1979?

**SIM**

**NÃO**



COTRIJUI

### M. GROSSO

Núcleos	Horário	Local	Mesários
Sidrolândia	07,00 às 11,30 13,00 às 18,00	Supermercado	Paulino Stragliotto Carlos Stefanello
Sidrolândia	07,00 às 11,30 13,00 às 18,00	Unidade	Bernardo Stefanello, Eurico Alves de Souza
Rio Brilhante	07,00 às 11,30 13,00 às 18,00	Supermercado	Darci Aléssio, Inácio Baungaertner
Rio Brilhante	07,00 às 11,30 13,00 às 18,00	Unidade	Ivo Vicente Basso Paulo Ezio Cuel
Rio Brilhante	07,00 às 11,30 13,00 às 18,00	Posto Douradina	Cláudio Pradella, Jus- timiano M. Simas
Maracaju	07,00 às 11,30 13,00 às 18,00	Unidade	Eldo Miguel Vieira, An- tonio Abraão Zardim
Maracaju	07,00 às 11,30 13,00 às 18,00	Supermercado	Mário Alberto Krüger, Fidêncio Antonio Vieira
Maracaju	07,00 às 11,30 13,00 às 18,00	Vista Alegre	Pedro Valentim Seibert, José Henrique Adams
Bonito	07,00 às 11,30 13,00 às 18,00	Loja	Wagner Monteiro Sah, Mauri Domingues Bor- tolotto
Bonito	07,00 às 11,30 13,00 às 18,00	Unidade	João Carlos Schi- netzki, Jurandir Faustini
Jardim	07,00 às 11,30 13,00 às 18,00	Mercado	Julio Krombauer, Cláu- dio Bortolotto
Dourados	07,00 às 11,30 13,00 às 18,00	Unidade	Frederico Stefanello, Darci Potrich
Dourados	07,00 às 11,30 13,00 às 18,00	Mercado	Willy Guntzel, Luiz Fecci
Montese	07,00 às 11,30 13,00 às 18,00	Posto	José Joaquim Correia, Hugo Carmachini
Montese	07,00 às 11,30 13,00 às 18,00	Sta Terezinha	Darci Beuder, Cacildo Endres
Indapolis	07,00 às 11,30 13,00 às 18,00	Posto	Hermes Zevianni, Oli- veiro Hoffmann
Indapolis	07,00 às 11,30 13,00 às 18,00	Colégio D. Bosco	Izalino Potrich, Leo- nesio Hall
Vicentina	07,00 às 11,30 13,00 às 18,00	Posto Leite	Dimas Arruda, Nério Stefanis
Itahum	07,00 às 11,30 13,00 às 18,00	Posto	Reny Eid, Clemente Menchie
Caarapo	07,00 às 11,30 13,00 às 18,00	Unidade	Emilio Maran, Walde- mar Krudi
Caarapó	07,00 às 11,30 13,00 às 18,00	Mercado	Antonio C. Teno, Ry- miti Matsubara
Laguna	07,00 às 11,30 13,00 às 18,00	Laguna	Dilvo Parizotto, Ade- mar Dalbosco
Ponta Forã	07,00 às 11,30 13,00 às 18,00	Posto	Francisco Sperotto, Norberto Schneider
Tagi	07,00 às 11,30 13,00 às 18,00	Posto	Artemio Agostini, An- tonio Carlos Abbott
Guaíba	07,00 às 11,30 13,00 às 18,00	Posto	Cláudio Eid, Erno Schwriy

### JÓIA

Núcleo	Horário	Local	Mesários
Unidade	08,00 às 18,00	Sede	Juarez A. Padilha, Ori- valdo Osni da Silva, Jor- ge Clayton Gonzales, Antônio Dirceu Sarturi
Cará	08,00 às 18,00	Clube	Pedro Solano de Moura, Calixto Zardin, Enoir F. Dalla Flora
São João da Bela Vista	08,00 às 18,00	Escola	Ernesto Strada, Ermin- do Sechi
São Pedro	08,00 às 18,00	Posto	Oneide Burtet, Sadi Fontana, Valdir Sarturi
Carajá Grande	08,00 às 12,00	Escola Libindo Viana	Vitêlio Ceolin, João Ferreira Mendes, Valên- cio Becker Sobrinho
São João Mirim	14,00 às 18,00	Escola	Protásio Escobar, João Ferreira da Silva
Potrerinhos	08,00 às 12,00	Escola	Jorge Clayton Gonzales Valente Gonzales
São José	14,00 às 18,00	CTC	Ebani J. Kraemer, Leandro Cerezer, Go- mercindo Bernardi
Santo Antônio	08,00 às 12,00	Escola	José Atháides Concei- ção, João F. Prestes
Coronel Lima	14,00 às 18,00	Escola	Honorário Burtet, Ol- miro Britz
São Roque	08,00 às 12,00	Escola	Onório Bernardi, Aqi- lino Strada, Aquiles Della Flora

### C. BICAÇO

Núcleo	Horário	Local	Mesários
Unidade	08,00 às 18,00	Escritório da Unidade	Valdir Gobbi, José Nil- ton Salete, Alcenio João Hermel, Erich Breunig
Unidade	08,00 às 18,00	Supermercado da unidade	Pedro Bizarelo, Álvaro Rutili, Irani dos Santos Amaral, Paulo Rigodan- zo
Esquina Mend	08,00 às 08,40	Escola	Gomercindo Sallet, Al- ceu Bastos dos Santos
Sítio Briatto	08,40 às 09,30	Escola	Waldomiro Borges
Turvinho	09,30 às 10,30	Escola	Abraão Siqueira dos San- tos, Honorato da Silva Campos
Vila São Pedro	10,30 às 12,00	Escola	Josué Bogado da Rosa, Luiz Osvaldo Souza Li- ma, Francisco Barbosa Prates
Canhada Funda	13,30 às 14,00	Escola	José Loureiro de Melo
Sítio Kerpel	14,00 às 15,00	Escola	Roberto Alberto Kuntzler, Santo Kerpel
Sítio Olivério	15,00 às 15,30	Escola	João Gregório Milanese
Esquina São João	08,00 às 10,00	Escola	Osvaldo Bandeira, Arão de Souza
Galpões	10,00 às 11,00	Escola	Wilson Saldanha Ribe- iro, Aniceto Berlezi
Sítio Mairoso	11,00 às 11,30	Escola	Jocelino Lütz de Barcel- los, Carlito Marques
Sítio Lütz	11,30 às 12,00	Escola	Oldemar Lutz de Bar- cellos
Esquina Evangélica	13,30 às 14,30	Escola	Manoel Urbano Mar- ques, João Carlos Milc- zarek
Portão Velho	14,30 às 15,00	Escola	José Irani Miotto
Estância Velha	15,00 às 16,00	Escola	Noé Alves da Cruz
Rincão dos Júlios	16,00 às 17,00	Escola	Milton Júlio Ribeiro
Redentora Sede	08,00 às 10,00	Sindicato	Erni Schünemann, Francisco W. Bridi
São Pio X	10,00 às 12,00	Salão Comunitário	Natalino Pezzini, Ade- miro Francisco Fava
Vista Alegre	13,30 às 14,30	Escola	Irineu Benjamin Giaco- mini
São Sebastião	14,30 às 15,30	Escola	Volmir Gonzatto
Braga	08,00 às 10,00	Sindicato	Teodosio Nicolau Bal- do, Ari Maffi
Braguinha	10,00 às 10,30	Escola	Germano Lorenzato
Água Branca	10,30 às 11,30	Escola	Egon Inácio Schwab
Sítio Santos	13,30 às 14,30	Escola	Júlio Borges dos Santos
Sítio Bombardeli	14,30 às 15,30	Escola	Luiz Aniceto P. Vicen- zi
Figueira	15,30 às 16,15	Escola	Eldor Schünemann, Waldemar Bolico Zi- mermann
Vila Salete	16,15 às 17,15	Escola	Orestes Didoné, Ernes- to Demiquelli

### D. PEDRITO

Local	Horário
Cotrijui	08,00 às 12,00 - 13,30 às 18,20
Hortigranjeiros	08,00 às 12,00 - 13,30 às 18,00
Sind. Empregadores Rurais	08,00 às 12,00 - 14,00 às 18,00
Sind. Empregados Rurais	08,00 às 12,00 - 14,00 às 18,00
Banco do Brasil S/A	09,00 às 11,00 - 13,00 às 16,00
Banco Itaú	09,00 às 11,00 - 13,00 às 16,00

Núcleos	Horário	Local
Ponche Verde	08,00 às 09,30	Suc. dos Moraes
Boliche da Pedra	10,30 às 11,30	Colégio
Ponche Verde	14,00 às 15,00	Alvorino Xibiaque
Ponche Verde	16,00 às 17,00	Colégio Obelisco
Vautier	08,30 às 09,30	Dr. Blanco
Sanga Preta	10,30 às 11,30	Antonio Garcia
Fontouras	14,00 às 15,00	Colégio
Bento Rengo	16,00 às 17,00	Gurizinho do Santo
Vacaiquá	08,30 às 09,30	Plínio Dias
Encruzilhada	10,30 às 11,30	Colégio
Caveiras	14,30 às 15,30	Colégio Ana Riet
Vacaiquá	16,30 às 17,30	Colégio (Manoel Espinosa)



IJUI

Núcleo	Horário	Local	Mesários
Linha 7 Leste (Floresta)	.08,00 às 12,00	Salão Paroquial	Selvino Wender e Nilo J. Tiecher
Aula Ijuicense	13,30 às 15,30	Centro Comunitário	Pancrácio N. Ceretta e Alberto Andriollo
Linha 4 Leste			
Parador	.16,00 às 18,00	Pavilhão da Igreja	Mário Dalmolin e Celso Goi
Linha 8 Floresta	.08,00 às 12,00	Centro Comunitário	Augusto José Denes, Ademir José Faustini
Linha 8 Leste	.13,30 às 15,30	Salão Kapke	Valdir Ledermann, Provenir Grohs
Linha 8 Leste	.16,00 às 18,00	Farroupilha	Egon Eickhoff, Ércio Eickhoff
Dr. Bozano	.08,00 às 10,00	Centro Comunitário	Antenor de L. Batista, Anatalino dos Santos
Linha 10 Leste	.10,00 às 12,00	Capela	Helmuth Wagner e José A. Boré
Boa Esperança	.13,30 às 15,30	Salão Paroquial	Dary Meggiolaro e Valdir Stolberg
Saltinho	.15,30 às 18,00	Centro Comunitário	Nicanor de Godoy e Nélcio Meinke
Vista Alegre	.08,00 às 10,00	Salão	Nelson Villani, Florentino Dal Forno
São Valentim	.10,00 às 12,00	Salão Paroquial	Virgílio Stochero, Vilson Bonfada
São Miguel	.14,00 às 16,00	Centro Comunitário	Leonildo Gabbi e Renato Cossetin
Rincão da Lage	.16,00 às 18,00	Centro Comunitário	Frederico Casali e João da Rosa
21 de Abril	.08,00 às 09,30	Escola	Arno Berno, Armino Seifert
Itaí	.10,00 às 12,00	Grupo Escolar	Avelino Duarte, Arno Berno
Col. Santo Antônio	.14,00 às 16,30	Clube Flamengo	A. Anselmo Meotti, Luiz Varaschini
Col. Santo Antônio	.16,30 às 18,00	Escola João Pessoa	Dante Boniatti, Joaquim Lorenzoni
Sede — manhã	.07,30 às 12,00	Recepção Central	Valdir Becker, Delmar Barriquello
tarde	.13,30 às 18,00	Recepção Central	Valdemar Michael e Santo Dezordi
Coronel Barros	.07,30 às 18,00	Mercado	Sadi Reimann, David Lorenzoni
Santa Lúcia	.07,30 às 18,00	Mercado	Silvino Bonfada e Anatalino dos Santos
Mauá — manhã	.07,30 às 12,00	Mercado	Valdo Brudna e Eumídio Jappe
tarde	.13,30 às 18,00	Mercado	Vilson Brudna e Augusto da Silva
Linha 6 Norte	.08,00 às 12,00	Mercado	Oswaldo Oster e Luiz Holzle
Irgang			
Linha 6 Norte	.16,00 às 18,00	Pavilhão da Igreja	Nelson Freitag e Arnildo Schreiber
Irgang			
Salto	.07,30 às 18,00	Mercado	Antônio Cossetin e Antônio Lena
Linha 8 Oeste	.08,00 às 09,00	Escola Ernesto Dorneles	Artur Kronenberger e Ivo Holzlechner
Esquina Dutra	.09,00 às 10,00	Pavilhão	Airton Maturana, Salustiano dos Santos
Linha 6 Oeste	.10,00 às 12,00	Escola	Arlindo Treter, Sadi Berno
Esq. Heidmann			
Linha 8 Oeste	.14,00 às 16,00	Pavilhão Comunitário	Arlindo Treter e Sardi Gallert
Linha 11 Oeste	.16,00 às 18,00	Lobo da Costa	Valdir Glass e Arlindo Treter
Rincão dos Goi	.08,00 às 11,30	Centro Comunitário	Valdir Tiecher, José Nogara
Alto da União	.14,00 às 18,00	Clube	Elmario Korb, Lindolfo Becker
Barreiro	.07,30 às 10,00	Escola	Antenor Vione, Siegfried Kraemer
Rincão Alvorada	.10,30 às 12,00	Escola	Antenor Vione, Siegfried Kraemer
Rincão Fabrim	.14,00 às 16,00	Salão Paroquial	Nelson Krysczum, Francisco Milani
Arroio das Antas	.16,00 às 18,00	Escola	Lotário Seibert, Lotério Picolli
Rincão do Tigre	.08,00 às 10,00	Centro Comunitário	Reinoldo Dobler e Reginaldo Soares
Linha Base Sul	.10,30 às 12,00	Escola	Gilberto Brum e Orlando Thomas
Rincão da Ponte	.14,00 às 15,30	Escola Faxinal	João C. N. Martins, Joceli S. Noronha
Aracy Serves	.16,00 às 18,00	Centro Comunitário	Reinoldo Dorn e Helmut Serves
Piratini	.08,00 às 09,30	Escola	Ilo Buch, Valdir Schulz
Linha 9 Norte	.10,00 às 11,30	Escola Augusto Pestana	Arnildo Heck, Osmar Mattner
Linha 11 Norte	.14,00 às 15,30	Escola	Arno Beck, Arnaldo de Lima
Chorão	.16,00 às 18,00	Salão Paroquial	Albino Kosloski, Ervino Karlinski
Povoado Santana	.07,30 às 11,30	Salão Paroquial	João Makoski, Ramão Kopezinski
Linha 4 Leste	.14,00 às 15,30	Pedro Álvares Cabral	Mário Jacoboski, Lindolfo Heck
Linha 6 Leste	.16,00 às 18,00	Salão 12 de Outubro	Erni Prauchner, Helmut Guth

T. PORTELA

Núcleos	Horário	Local	Mesários
Alto Azul	.08,00 às 09,00	Pavilhão	
Barra do Fortuna	.09,00 às 10,00	Escola	
KM 12	.10,00 às 11,00	Pavilhão	
Daltro Filho	.11,00 às 12,00	Pavilhão	
Esquina Cardoso	.13,00 às 14,00	Escola	Nilson Calgaro
São Marcos	.14,00 às 15,00	Pavilhão	Ludovino Splendor
KM 5	.15,00 às 16,00	Pavilhão	
Linha Glória	.16,00 às 17,30	Pavilhão	
Três Marcos	.08,00 às 10,00	Pavilhão	
Linha Lebre	.10,00 às 11,00	Pavilhão	Lorivaldo da Rocha
Dois Marcos	.11,00 às 14,00	Pavilhão	
Cotovelo do Parizinho	.14,00 às 16,30	Pavilhão	Edmundo Gotardi
Barra Bonita	.16,00 às 17,00	Escola	
Lajeado Leão	.08,00 às 09,00	Pavilhão	
Linha São Luiz	.09,00 às 10,00	Pavilhão	Aléssio Fontaniva
São Pedro	.10,00 às 12,00	Clube	Alberto Herdemann
Lajeado Librino	.14,00 às 15,00	Pavilhão	João Teló
Belo Horizonte	.15,00 às 16,30	Pavilhão	Olmiro Callai
Santa Fé	.16,30 às 18,00	Pavilhão	
Jaboticaba	.08,00 às 09,30	Pavilhão	
Jaboriti	.09,30 às 10,30	Pavilhão	
Esquina Jaboticaba	.10,30 às 12,00	Pavilhão	João Santos da Luz
Flor da Serra	.13,00 às 14,00	Escola	Antonio Silvestre
Capoeira Grande	.14,00 às 15,30	Salão	
Escola S. Jorge	.15,30 às 16,00	Escola	
Tiradentes	.16,00 às 17,30	Pavilhão	
Bom Plano	.08,00 às 09,00	Salão	
Linha Tigre	.09,30 às 11,00	Escola	
Barra do Guarita	.11,00 às 12,00	Escola	Guilherme J. Kossmann
Saltinho do Guarita	.13,30 às 14,30	Escola	Nilo Picinini
Linha Progresso	.14,30 às 15,30	Escola	
Linha São Miguel	.15,30 às 16,30	Salão	
Linha Bonita	.16,30 às 17,30	Escola	
Lagoa Bonita	.08,00 às 09,30	Pavilhão	
Capitel Santo Antônio	.09,30 às 10,30	Escola	
Linha da Paz	.10,30 às 11,30	Escola	Xisto Micolino
Barreiro	.13,00 às 15,00	Pavilhão	Adilio Zatti
Vista Gaúcha	.15,00 às 17,00	Clube	
São Sebastião	.17,00 às 19,00	Clube	
N. Sra. de Lurdes	.08,00 às 09,00		
Alto C. de Farias	.09,00 às 10,00	Escola	
Alto Alegre	.10,00 às 11,00	Salão	Mario Paludo
Gamelinhas	.11,00 às 12,00	Igreja	Orlando F. Vicenzi
N. Sra. Saúde	.13,30 às 15,00	Pavilhão	Arnoldo Schowanz
Braço Forte	.15,00 às 16,30	Salão	Nelson Breunig
Perpétuo Socorro	.16,30 às 17,30	Clube	
N. Sra. Medianeira	.17,30 às 18,30	Escola	
Desimigrados	.08,00 às 10,00	Pavilhão	
Centro Novo	.10,00 às 12,00	Pavilhão	Vilson Manfroi
Linha Jaques	.14,00 às 15,00	Escola	Aloze Piasecki
Barra Grande	.15,00 às 16,00	Pavilhão	Celso Fontaniva
Alto Bela Vista	.17,00 às 18,00	Pavilhão	Dorvalino Guido Soligo
Esquina Santa Rosa	.08,00 às 09,00	Escola	
Linha Concórdia	.09,00 às 10,00	Pavilhão	Luiz Parizotto
Alto Colorada	.10,00 às 11,00	Pavilhão	Daniel Haboski
Esquina Colorada	.11,00 às 14,00	Pavilhão	Eugênio Reimann
Cedro Mercado	.14,00 às 16,00	Salão	Miguel A. Pereira
Esquina Pinhalzinho	.16,00 às 18,00	Pavilhão	
Esquina Ouro	.08,00 às 09,00	Pavilhão	
Linha S. Paulo	.09,00 às 10,30	Pavilhão	Willy Artur Hardt
Linha Bonita	.11,00 às 12,00	Escola	Emilio João Valter
Coxilha Ouro	.13,30 às 15,30	Clube	
Água Fria	.16,00 às 17,00	Salão	
Lajeado Mangueirão	.17,00 às 18,00	Salão	
Bela Vista	.08,00 às 09,00	Salão	
Sítio Gabriel	.09,00 às 14,00	Mercado	Anélio Pelizan
Colônia Nova	.14,00 às 16,00	Pavilhão	Albano Hermann
Irapuá	.16,00 às 18,00	Salão São Roque	
Derrubadas	.08,00 às 18,00	Mercado	Natanael Rigo, Eugênio Bagega
Tronqueiras	.08,00 às 18,00	Mercado	Bernardo Figur, Oswaldo Knecht
Miraguaí	.08,00 às 18,00	Mercado	Mário Terres, Sillas Menezes
Sede	.07,15 às 18,20	Escritório	Albino Sehepp, Luiz Bassani
STR Tenente Portela	.08,00 às 18,00	Sede	Nelson Coldebella, Benjamin Schawantz

CHIAPETTA

Núcleo	Horário	Local	Mesários
Unidade	08,00 às 18,00	Supermercado da Unidade	Celso Maboni, Antônio Boiarski Lopes
Sindicato dos Trabalhadores Rurais	08,00 às 18,00	Sede do Sindicato	Lauro Fritzen, Waldir Eickhoff
Rincão dos Stradas	.08,00 às 10,00	Escola	Protásio Lottermann
Linha São José	.10,00 às 12,00	CTG	Alfredo Blass (acompanharão as urnas de Rincão dos Stradas até Linha Modesta)
Vila Nova	.13,00 às 14,45	Escola	Carli José Weber, Joel Antonio G. Estopilha (acompanharão as urnas de São Luiz até As Brancas)
Rincão da Lage	.15,00 às 16,45	Escola	
Linha Modesta	.17,00 às 18,00	Escola	
São Luiz — Sto Augusto	.08,00 às 10,00		
São Judas	.10,00 às 12,00	Salão Comunitário	
Linha Maurício Cardoso	.13,00 às 15,00	Escola	
As Brancas	.15,00 às 17,00	Escola Rural	
As Brancas	.17,00 às 18,00	Escola Municipal	

# A bonificação das culturas de inverno

Quase todas as culturas de inverno, com exceção apenas do tremoço doce, trouxeram algum retorno aos produtores de semente da região. Os valores de bonificação, creditados na conta do associado/produtor desde 10 de agosto, foram definidos pelo Conselho Geral de Produtores de Semente da Regional Pioneira numa reunião realizada no final do mês de julho.

O Francisco Tenório Falcão Pereira, coordenador da área de Produção de Sementes da Cotrijuí e mais o Luís Juliani, responsável pelo setor de custos do Departamento Agrotécnico da Cooperativa, foram os encarregados de explicar todos os números que envolveram os valores de bonificação, discutidos e aprovados pelo Conselho. Segundo o Francisco, os valores de bonificação pagos aos produtores de sementes de trigo, só não atingiram percentuais mais elevados em razão da pouca saída da semente. Toda a bonificação que está sendo paga aos produtores é proveniente da receita obtida com a comercialização dos 86.595 sacos de semente de trigo. Os outros 51.342 sacos, de um total de 137.937 sacos de sementes aprovados em análise, não foram comercializados e portanto, não apresentaram nenhuma receita.

## Cr\$ 100 MILHÕES PARA O TRIGO

Cerca de Cr\$ 237 milhões estão sendo rateados entre produtores de semente de trigo, colza, cevada, linhaça, aveias, centeio, azevém. Desse total em dinheiro, Cr\$ 100 milhões começam a ser divididos entre os 561 produtores de sementes de trigo da região, significando uma bonificação de Cr\$ 725,00 por cada saco de 50 quilos de semente atestada. Essa bonificação final vem complementar o adiantamento de Cr\$ 706,00, pago por ocasião da entrega da produção, totalizando na ocasião um montante de Cr\$ 1.526.148,64,19. Atualizado para 30 de junho de 84, esse valor totaliza Cr\$ 275.011.985,27, ou Cr\$ 1.273,57 por saco de produto bruto. O Luís Juliani lembra que é preciso considerar que o valor de liquidação do produto não está computado.

Os três produtores de semente de colza da região estão dividindo os Cr\$ 6.196.160,00 obtidos com a comercialização do produto atestado. O retorno ficou em torno de Cr\$ 136,00 por quilo. O adiantamento dado ao produtor por ocasião da entrega do pro-

duto foi de Cr\$ 16,67 por quilo, que corresponde hoje, de acordo com os cálculos do Luís Juliani, a Cr\$ 22,36 por quilo. Na liquidação a colza recebeu um preço médio de Cr\$ 384,00 por quilo.

## O TREMOÇO NÃO DEIXOU RETORNO

A quantidade de semente de tremoço doce entregue na Cotrijuí foi quase insignificante, não chegando a atingir cinco mil quilos. Como o interesse pelo tremoço vem caindo, a comercialização da sua semente também anda restrita. Por essa razão, os produtores de semente vão ficar apenas com o adiantamento de Cr\$ 120,00 por quilo pagos na ocasião da entrega.

A linhaça teve um retorno de Cr\$ 4.739.500,00, rateada entre os 25 produtores. A bonificação é de Cr\$ 35,00 por quilo. Os produtores de semente de linhaça, a exemplo dos demais, também receberam um adiantamento de Cr\$ 16,67 por quilo e mais o preço de liquidação. Para os produtores de semente de cevada está sendo rateado um total de Cr\$ 10.085.550,00, o que significa mais Cr\$ 86,00 por quilo. O adiantamento foi de Cr\$ 10,00 por quilo, valor que hoje corresponde a Cr\$ 13,41, e ainda mais o preço de liquidação.

## O RESULTADO DAS FORRAGEIRAS

Os produtores de semente de forrageiras de inverno estão recebendo um total de Cr\$ 106.699.600,00. Esse valor está sendo pago em função dos resultados de comercialização das sementes de aveia, azevém, centeio, ervilhaca, trevo vesiculoso Yuchi e trevo subterrâneo.

Para o caso das aveias, a bonificação foi calculada separadamente entre as seguintes classes: aveias pretas, aveias brancas e amarelas e aveias básicas. Segundo o José Luís Costa Kessler, coordenador da área de produção de semente de forrageira da Cotrijuí, o cálculo foi feito em separado pelo fato de que houve uma comercialização muito boa das aveias pretas para fora do Estado. Já as aveias brancas e amarelas tradicionais (Coronado, Suregrain e 1.095 A), não apresentaram resultado como semente em face do total desinteresse dos agricultores por estas variedades.

O cálculo para definir a bonificação das aveias básicas teve como base o resultado apresentado pelas variedades (linhagens) mais procuradas e ainda pela valorização como comércio daquelas que não foram vendi-

das.

O azevém também apresentou um bom resultado em função da comercialização feita para fora do Estado. Não fosse essa comercialização, o José Luís garante que o prejuízo poderia ter sido grande, já que a venda para associados foi bastante reduzida. O bom resultado

alcançado pelo centeio foi em função das vendas como semente e também pelo seu valor como "produto comércio", bastante valorizado em razão de escassez do produto.

A ervilhaca e os trevos também apresentaram resultados satisfatórios em função da boa procura por parte dos associa-

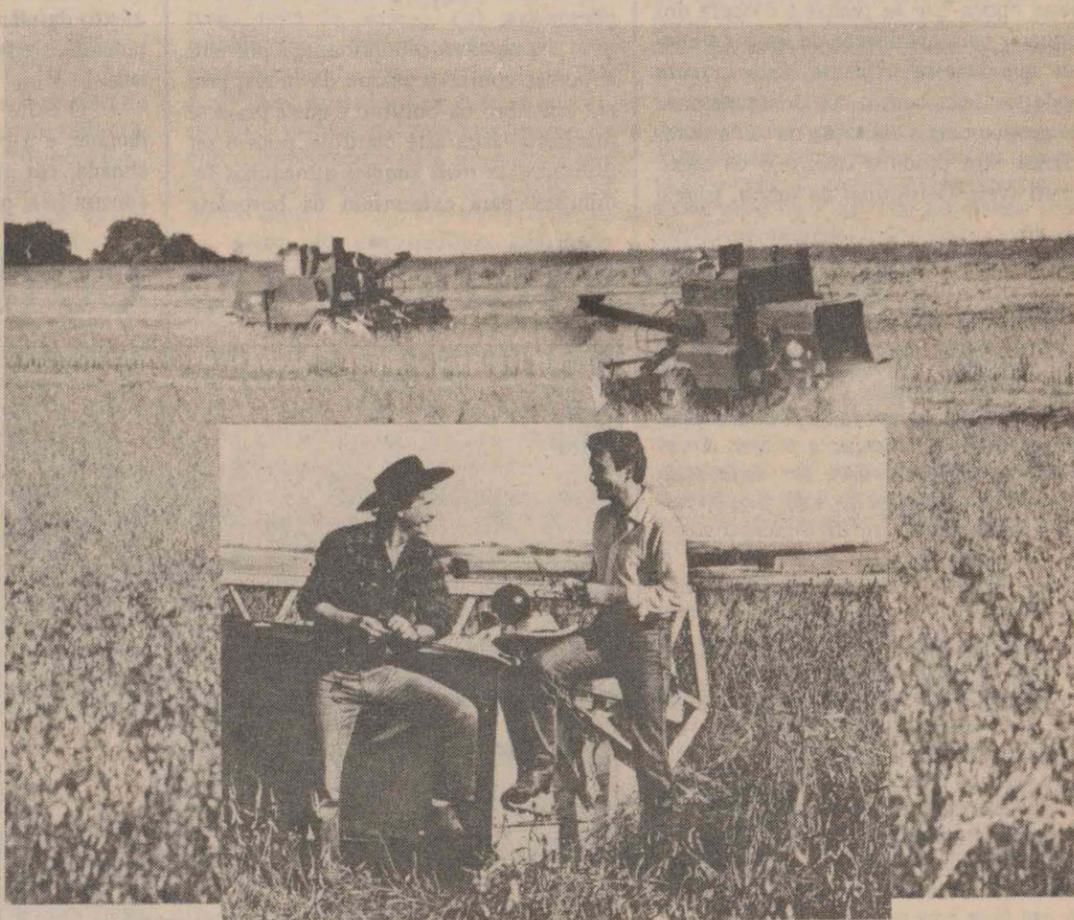
dos. Nos trevos destaca-se o resultado obtido com o trevo subterrâneo. Uma experiência de produção, pioneira no país, foi realizada numa pequena área (três mil metros quadrados) na propriedade de Romeu Graeff, associado da Unidade de Santo Augusto, com excelentes resultados.

Quadro demonstrativo dos valores de bonificação e devolução do Furural a serem pagos pelas sementes de forrageiras de inverno

ESPÉCIE	VALOR DA BONIFICAÇÃO Cr\$	QUANTIDADE Cr\$	Cr\$/kg
Aveia preta	66.051.000,00	733.900	90,00
Aveias brancas e amarelas	15.710.400,00 1.259.025,00	392.760 83.935 *	40,00 15,00
Aveias Básicas CTC 207, UPF 4 e UPF 3	7.322.625,00	97.635	75,00
Demais linhagens	2.526.425,00	45.935	55,00
Centeio	364.000,00 137.500,00	3.250 2.500 *	112,00 55,00
Azevém	8.824.200,00	147.070	60,00
Ervilhaca	3.907.350,00	26.049	150,00
Trevo Yuchi	487.550,00	995	490,00
Trevo Subterrâneo Clare	106.500,00	71	1.500,00

\* Refere-se as quantidades não aprovadas como semente e que estão recebendo bonificação em função da valorização do estoque como "produto comércio".

## PROGRAMA SAFRA DUPLA PARA O PRODUTOR.



## TERRA FÉRTIL PARA O SEU DINHEIRO RENDER SAFRA DUPLA.

Aplique o lucro de sua colheita no Sulbrasileiro. Sempre as melhores opções de investimento, com taxas de mercado de grande rentabilidade e a garantia do maior Banco privado do Extremo Sul.

**SULBRASILEIRO**  
BANCO SUL BRASILEIRO S.A.  
É COISA NOSSA.

Promoção Propaganda

# A época em que o pomar mais exige cuidados

A formação de pomares está cada vez mais entusiasmando os produtores da Região Pioneira. Prova disso foi a participação de centenas de pessoas durante a 3ª Semana Especial de Fruticultura, promovida pelo Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, no Centro de Treinamento, em Augusto Pestana, em julho. Associados de todas as unidades da Pioneira foram ao CTC, onde receberam orientação sobre a formação e manejo de pomares, nessa época em que se concentra a maior parte das práticas nesta área.

É agora, entre julho e agosto, que devem ser feitos o plantio, a adubação com fósforo e potássio e as podas de formação ou rejuvenescimento. Os técnicos abordaram em detalhes cada um desses assuntos, mas foi a poda, que teve demonstrações práticas, o que mais chamou a atenção. Muita gente terminou descobrindo, durante as palestras, que os cuidados com um pomar envolvem práticas bem simples mas desconhecidas por boa parte dos que se dedicam à atividade.

Os cítricos (laranja, limão, bergamota, lima e outros), que ocupam geralmente os maiores espaços nos pomares da Região, não exigem muito manejo. Mas é nessa época que se realiza a limpeza dos troncos, para eliminação de fungos e insetos que atacam a planta. Esta limpeza pode ser feita com o uso de uma escova de aço, ou com a aplicação da calda sulfocálcica, um produto caseiro e de baixo custo (veja Cotrijornal de junho, página

17). Os cítricos devem ser podados apenas no primeiro e no segundo ano, sendo que nos anos seguintes apenas se retira os ramos secos ou mal distribuídos.

## FIGUEIRA

A poda de produção é praticamente desnecessária nos cítricos, mas importante para outras plantas, como a figueira. A figueira carrega nos ramos novos, e a planta se dá bem com poda curta, ao contrário de muitas outras, como observa o agrônomo Hélio Pohlmann, que coordenou a Semana da Fruticultura. Além da poda, outra prática comum nessa época é o controle preventivo da broca dos ponteiros, uma lagarta que perfura as brotações novas.

Nesse caso, o importante é prevenir o pomar contra o ataque da broca, pois em setembro ou outubro é que a praga se manifesta. Para este controle, podem ser utilizadas as mais simples armadilhas luminosas, para extermínio da borboleta



A poda da macieira: os galhos devem ficar quase em posição horizontal

que resulta dessa broca. O tratamento das árvores atacadas exige o uso de produtos químicos, com orientação técnica.

## MACIEIRA

Outra planta em que a poda também é importante é a macieira, que exige clima frio mas pode ser cultivada com bons resultados, desde que se dê tratamento adequado. A poda de formação da macieira deve ser feita com a intenção de se deixar os ramos quase em linha horizontal, bem deitados. Este procedimento deve ser observado também quando das podas de frutificação. Assim, segundo Pohlmann, se diminui o crescimento da planta, a seiva circula mais lentamente e a formação de flores é estimulada.

O corte dos ramos deve ser feito na metade, e a parte que fica deve ficar inclinada, em direção ao chão. Para que se consiga isso, podem ser utilizados barban-

te e estacas, que prenderão os galhos. Esta prática aumenta também a emissão de ramos internos e o enfolhamento da árvore. Mas a dobra dos ramos não precisa ser feita todo o ano. Quando a macieira já estiver bem formada, será preciso apenas o desponde dos galhos.

## PESSEGUEIRO

O pessegueiro e a ameixeira são igualmente plantas que se beneficiam bastante da poda de formação. Estas árvores emite galhos altos e retos, e isso faz com que a planta seja pouco produtiva. Nesse caso, a poda de formação, nos primeiro e segundo anos, deve ser feita com o corte de menos da metade do galho. Um corte que deixe o galho muito curto fará com que o crescimento seja estimulado, e na vertical, para cima. O pessegueiro e a ameixeira produzem nos ramos formados no ano anterior, e não na brotação nova, como é o caso da figueira.

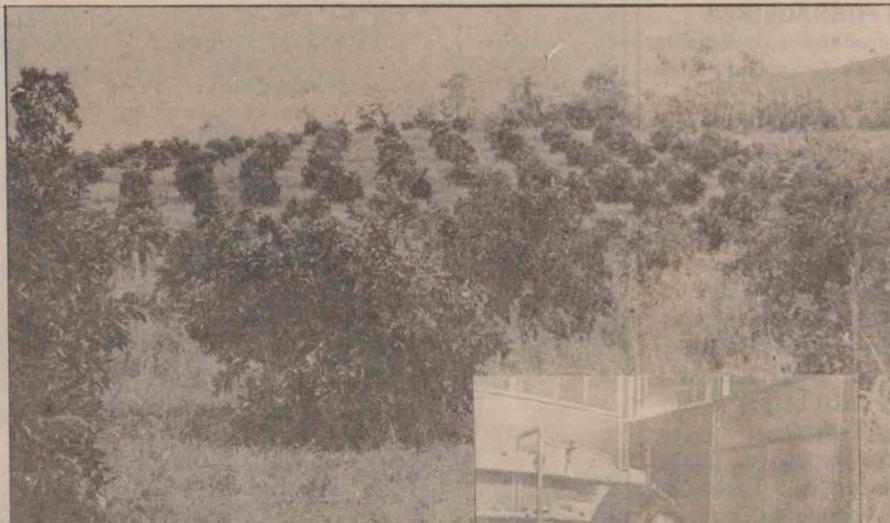
## A importância do cultivo intercalado

Há quem pense que um pomar terá bom desenvolvimento apenas com o manejo que se faz na época da poda e através do controle de doenças e pragas. Antes disso, no entanto, deve ser dada toda atenção às condições do solo, pois da fertilidade da terra é que dependerá o sucesso de outras práticas, enfim de todo o pomar. Por isso, é importante que o solo seja bem cuidado, para que se evite a erosão e, com isso, o enfraquecimento das plantas.

Uma área sem cobertura vegetal terá, facilmente, a terra lavada, e a erosão pode comprometer todo o pomar. O técnico agrícola Cláudio Gonchoroski, observa que esta cobertura pode ser conseguida de várias formas, com restos de palha de soja, com capim elefante e até mesmo as folhas que caem das árvores. O pomar pode até ficar com uma aparência não muito boa, com esta cobertura, mas isso é bem melhor do que deixar a área totalmente limpa, sem nenhuma vegetação.

### INTERCALADO

Mas o melhor mesmo, para que o solo seja preservado, é o cultivo intercalado, ou seja, o plantio especialmente de leguminosas, entre as linhas do pomar. Além de estar cuidando da conservação da área, o produtor ocupará assim um espaço que ficaria ocioso, sem utilização. E a opção mais recomendada é o trevo branco, uma forrageira perene, mais persisten-



Vegetação protege o solo contra erosão

te, que se adapta bem nestes casos. Também podem ser plantadas a ervilhaca, soja, batata, feijão e outras espécies de porte baixo.

Um detalhe importante é o de que as plantas de verão, como a soja, devem ser cultivadas entre as linhas, de preferência somente até o segundo ano, após a implantação do pomar. Isso porque, quando as frutíferas começam a se desenvolver, o pomar não pode ter a concorrência de outras plantas, nos meses mais quentes, para que possa contar com toda a umidade e os nutrientes do solo.

Por isso, o trevo branco é uma boa



Cláudio Gonchoroski

alternativa, pois se desenvolve no inverno, assim como a ervilhaca, deixando uma boa quantidade de massa verde no verão. Essas leguminosas incorporam nitrogênio

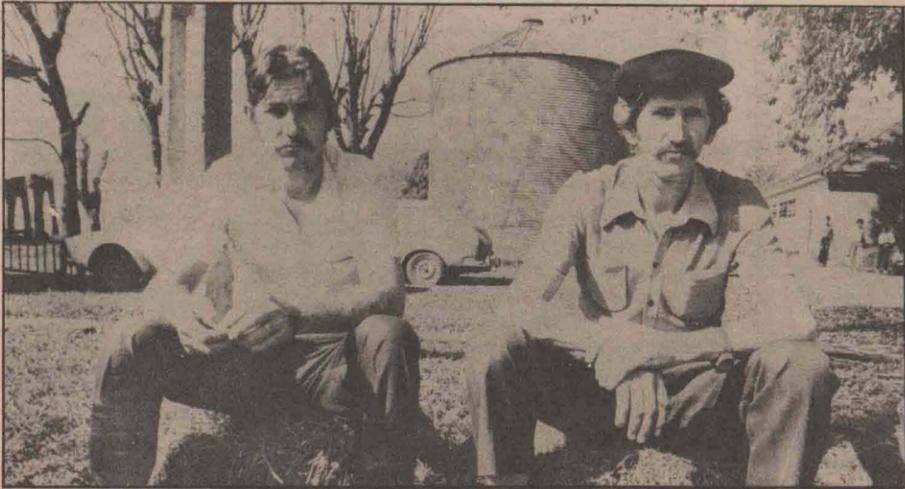
à terra, contribuindo para a fertilidade da área. O plantio deve acontecer nos meses de março e abril, após a correção do solo com calcário e fósforo. Com dois a três quilos de trevo branco, que deve ter a semente inoculada, o produtor forma um hectare. No caso da ervilhaca, são necessários uns 30 quilos de semente por hectare.

### MANUAL

O preparo da área pode ser feito, de preferência, com o uso de animais, e no plantio também deve ser evitado o uso de máquinas pesadas. A semeadura manual é a mais indicada, porque assim o pomar não correrá o risco de sofrer prejuízos com o corte de raízes ou galhos. Cláudio ressalta que a área do plantio intercalar deve, ano a ano, ser reduzida, em função exatamente do crescimento dos galhos e das raízes. Ele observa que o tamanho da copa de uma frutífera corresponde quase sempre ao tamanho das raízes, que crescem na mesma proporção.

O trevo e a ervilhaca podem ser utilizados como feno ou para a produção de sementes. Estas e as outras plantas que podem ser cultivadas entre as linhas cumprem com duas funções no pomar. O plantio evita que a terra fique descoberta, impedindo a erosão. Depois, a massa verde servirá, ao mesmo tempo, como protetora do solo e como adubação, ajudando na manutenção dos nutrientes.

# A experiência do produtor



Vicente e Celito: fazendo e errando, para aprender na prática

Os irmãos Celito Batista e Vicente Antonio Dallabrida, de Ajuricaba, estão errando e aprendendo na lida com pomares há uns quatro anos. Eles já formaram três áreas com frutíferas, e não se constroem ao admitir que cometeram muitas falhas, desde o plantio até a poda das mudas. Afinal, pior do que errar é não se arriscar numa lida como esta, e ficar dependendo de frutas compradas na cidade ou cedidas por vizinhos.

"Tem gente que depente dos outros para conseguir um limão até para uma caipirinha, e mesmo tendo onde plantar", afirma Celito. Os dois trabalham numa granja com 500 hectares, de propriedade de José Viecilli, em Esquina Umbu. Ali, eles formaram, uns quatro anos atrás, um pomar com 40 mudas de laranjeiras, bergamoteiras, ameixeiras e pereiras, além de outras espécies. Mas inventaram de plantar em covas bem fundas, e as mudas não se desenvolveram.

Além de errar quando da abertura das covas, depois eles passaram grade na área, sufocando ainda mais as plantas. No ano passado, os irmãos Dallabrida voltaram a plantar outras 100 mudas, evitando as falhas cometidas antes, e até plantaram trevo entre as linhas. "O trevo também ajuda no controle dos inços", afirma Vicente, que há três anos formou outro pomar, com 300 mudas, desta vez em 16 hectares próprios. Este pomar conta igualmente com trevo, plantado este ano, pois o solo já estava sendo atingido pela erosão,

## PODA

Vicente achou interessante as orientações sobre a poda, pois ele vinha errando também no controle do crescimento dos galhos de pés de pereira. "Agora — diz ele — eu sei por que uns galhos carregavam bem, e outros ficavam quase sem nada". Vicente descobriu que quanto menor for o tamanho do galho podado, menos ele irá crescer para cima. A copa ficará mais cheia, com os galhos crescendo na horizontal, e isso faz com que a árvore fique mais "carregada", produz mais.

Celito e Vicente formaram os pomares pensando em garantir o consumo próprio, mas esperam também contar com algumas sobras para vender. Para outros produtores, como o seu Gabriel Eusebio Kosztrzepa, a fruticultura foi iniciada como atividade econômica. Há quatro anos ele decidiu investir na formação de um pomar com 1.400 mudas de várias espécies (citros, ameixa, pera, pêssego, figo, nogueira e maçã, entre outras), que ocupam 3 hectares de uma área total de 6,6 hectares, na Linha 3 Norte, em Ijuí.

"Eu pretendia me dedicar a uma atividade que fugisse da lavoura tradicional da região, e decidi pela formação do pomar, apesar de ter poucos conhecimentos sobre fruticultura", relembra seu Gabriel. Assim como ocorreu com os irmãos Dallabrida, ele admite que foi errando e aprendendo. Além de contar com assistência técnica, seu Gabriel recorreu muito a manuais, e pesquisou bastante. Hoje, ele se considera bem informado.



Gabriel: é preciso estar atualizado

## EROSÃO

Na mesma área, há gado, aves e suínos, que asseguram boa parte da adubação necessária ao pomar, onde nada é queimado, "nem mesmo os inços". É claro que o controle das invasoras é feito regularmente, mas o que seu Gabriel quer dizer é que há uma preocupação com a cobertura do solo, com a boa quantidade de vegetação. O controle da erosão é feito com o uso de bagaço de cana, "que também acaba se transformando em adubo". Ele foi ao curso no CTC para conhecer, principalmente, os experimentos com o plantio intercalar, pois ainda não plantou nada entre as linhas. Em setembro ou outubro, o pomar dará a primeira safra de pêssego, que poderia ser colhida em 83, mas foi frustrada por uma geada que deixou um prejuízo de uns Cr\$ 2 milhões. Apesar dos problemas que enfrentou, seu Gabriel está convencido de que o investimento dará retornos, e que o dinheiro aplicado será recuperado em pouco tempo.

Para ele, a fruticultura vem merecendo tanta atenção na região, que Ijuí já poderia pensar em ter sua própria agroindústria, o que estimularia ainda mais a atividade. Aos que pretendem investir nesta área, ele faz uma observação que vale como conselho: "É preciso acompanhar de perto o desenvolvimento de um pomar. O acompanhamento deve ser sistemático. E o fruticultor deve também procurar se informar, pois o sucesso do pomar dependerá muito dos seus conhecimentos".

## Informações para os estreadantes

A maioria dos produtores que vem acompanhando cursos e treinamentos sobre fruticultura já lida há mais tempo com pomar e tem alguma experiência. Mas outros ainda desconhecem muitas informações, que constam de um guia de práticas, elaborado pelo Departamento Agrotécnico. Estas são algumas das orientações para fruticultores estreadantes:

- Um pomar deve ser implantado em área onde não aconteça encharcamento, e o plantio acontece depois de uma análise do solo. Uma terra bem corrigida e com bom índice de fertilidade favorece também o cultivo intercalar, no meio das linhas, que será decisivo para conservação deste solo.

- O sol é importante para um pomar. A localização deve levar em conta a exposição das árvores ao sol, principalmente pela manhã. Isso quer dizer que deve ser evitada a sombra no lado leste/norte do pomar. Para uma família de 5 pessoas, um pomar com 30 a 40 plantas variadas pode ser suficiente.

- A cova para o plantio deve ter uma boca quadrada com 50 centímetros em cada lado, e também 50 centímetros de profundidade. Nesta cova irão uns 20 quilos de esterco e mais 0,5 kg de fosfato natural. Em terra que tenha sido lavrada, apenas se levanta um camalhão em curva de nível, abrindo-se a cova com o uso de uma enxada. Usa-se igualmente adubo orgânico e fosfato natural.

- As mudas não podem ser plantadas com raízes quebradas ou machucadas. Estas devem ser cortadas, pois sem isso será favorecido o surgimento de doenças. A muda deve ficar na cova na mesma profundidade que estava no viveiro. Uma estaca ao lado da planta irá evitar danos provocados pelo vento.

- O espaço entre uma planta e outra é importante, pois elas não podem ficar muito amontoadas. O ideal é o espaçamento 6 x 4 metros para a maioria das frutíferas. As árvores de grande porte, como a pereira e a nogueira, podem ter espaçamento de 8 metros. Entre as linhas, o espaço ideal é de 6 metros, para as de pequeno porte, e de 8 metros para as de grande porte.

## COTRIJUI: HÁ 27 ANOS AO NOSSO LADO PARA O QUE DER E VIER.

Quem trabalha na agricultura sabe que pode contar com a Cotrijui para plantar, colher e comercializar, porque ela está sempre ao seu lado, dando assistência técnica, facilitando crédito, insumos, armazenando seus grãos e mantendo lojas e supermercados, com preços acessíveis aos seus associados.



**COTRIJUI**

# Uma Feira de poucos negócios

A décima Feira do Gado Leiteiro de Ijuí realizado em conjunto com a primeira Feira Agropecuária no período de 18 a 23 de julho, no Parque Municipal de Exposições Assis Brasil, caracterizou-se por ser uma feira de poucos negócios. De um total de pouco mais de 230 animais inscritos, entre gado de leite e gado de corte, apenas 49 foram vendidos.

As vendas, segundo o Valdir Gröff, inspetor zootécnico da Secretaria de Agricultura e que também atua junto ao departamento técnico da Cotrijuí, refletiram apenas uma situação de crise que está aí. Coloca a Feira de Ijuí nos mesmos níveis das demais realizadas no Estado, com poucas vendas, em função da retração geral que vem acontecendo pela falta de crédito. "O produtor que está vendendo não quer fazer negócios sem a cobertura de crédito. O comprador, por sua vez, além de não possuir recursos suficientes, leva medo das altas taxas de juros", diz o veterinário.

A grande novidade deste ano e também a responsável pelo maior volume de negócios foi indiscutivelmente, na opinião do Valdir, a primeira Feira de produtos agropecuários, que envolveu animais de outras raças, cavalos e até máquinas. "Se não fosse a Feira Agropecuária, o movimento geral teria sido ainda menor", explica o Valdir, lembrando que a região de Ijuí já está com o seu rebanho de gado leiteiro praticamente definido. "O produtor da região quer apenas repassar os animais excedentes da propriedade. Ele não vai lá para formar plantel."

Foram comercializados 49 animais, totalizando um volume geral de Cr\$ 53.090.000,00. O preço médio pago por animal foi de Cr\$ 1.083.469,39. Cr\$ . . 2.500.000,00 foi o maior preço alcançado por um animal da raça holandesa e Cr\$ 3.000.000,00 por um animal da raça charoleisa.

## FALTA DINHEIRO

Wandir Edgar Krüger foi um dos expositores da região que sentiu na pele o aperto de dinheiro dos compradores. Até o final da Feira ainda não tinha conseguido fechar negócio de venda para nenhuma das seis vacas de raça holandesa que estava

colocando a venda. "Compradores existem, disse ele, mas ninguém tem dinheiro e o preço que o pessoal está oferecendo não compensa qualquer negócio". Wandir, que queria apenas renovar seu plantel, preferiu levar os animais de volta para casa do que negociar por qualquer preço. Para não sair de "mãos abanando" da Feira, comprou uma novilha, da mesma raça, "para dar força ao plantel, embora o leite de momento, esteja sendo um péssimo negócio".

A escassez de negócios, segundo o Wandir, é consequência da falta de dinheiro dos compradores e do medo dos juros dos financiamentos. "Os bancos estavam dando cobertura financeira para aquisição de animais, mas por estes juros que andam por aí, poucos compradores arriscam a tomar dinheiro emprestado. Compradores não faltaram. Faltou mesmo foi dinheiro. E também preço justos".

O Nelson Furstenau, expositor de Cachoeira do Sul ainda não tinha visto em Ijuí uma Feira tão fraca em negócios como a deste ano. Dos 21 animais leiteiros que trouxe, conseguiu vender apenas oito e não estava vendo perspectivas de futuros negócios.

Também para o Nelson, as vendas só não foram maiores por causa da descapitalização do produtor de leite. Percebeu que houve interesse na aquisição de animais, mas os negócios fechados foram pequenos.

## O DESÂNIMO É GERAL

Para o seu Avelino Scarton, produtor de Augusto Pestana e um dos poucos que conseguiu negociar a maior parte dos animais colocados a venda, a Feira refletiu apenas a situação atual, que é de total desânimo, tanto por parte dos compradores como dos vendedores. "O preço do leite influenciou na comercialização dos animais. Pegar financiamento para comprar uma vaca não vale a pena, porque o produtor vai morrer pagando juros", lembrou. Acredita que se o preço do leite estivesse num nível mais compensador, o produtor até iria arriscar a investir mais na atividade. "O pessoal anda arisco", disse por fim seu Avelino, que só conseguiu vender seus animais porque fechou negócio num prazo de 90 dias.



Scarton: influência do leite



Apenas 49 animais foram vendidos durante a Feira



Furstenau: poucos negócios



Krüger: aperto de dinheiro

# TROCA-SE ERVAS DANINHAS POR SOJA.

FAZEMOS QUALQUER NEGÓCIO:  
NO PLANTIO CONVENCIONAL  
PRÉ-PLANTIO INCORPORADO  
E PRÉ-EMERGÊNCIA  
NO PLANTIO DIRETO  
MANEJO E APLICAÇÃO PRINCIPAL

TRATAR COM  
**LEXONE**  
NA SUA COOPERATIVA  
OU REVENDEDOR MAIS PROXIMO.

**DU PONT**  
MARCA REGISTRADA

SIGA CORRETAMENTE AS INSTRUÇÕES DO RÓTULO.

# O exemplo que vem do Paraná

As saídas individuais, para conservação do solo, aos poucos estão sendo deixadas de lado em algumas regiões onde, nos últimos anos, a monocultura predominou. Isso é o que está acontecendo em Toledo e outros municípios do oeste do Paraná, onde muitos produtores vêm dando um exemplo de trabalho comunitário. Ali, o solo tem recebido, desde 1980, uma atenção que não vinha merecendo há bastante tempo, através do Projeto de Microbacias, que envolve agricultores, técnicos, cooperativas, órgãos oficiais e outros setores.

O Projeto tem chamado a atenção de pesquisadores e agricultores de outras regiões, e motivou, no final de julho, a viagem de três integrantes do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí a Toledo. O agrônomo Léo Goi e os técnicos agrícolas Cláudio Gonchoroski, de Ijuí, e Aníto José Feliciano dos Santos, de Augusto Pestana, foram conhecer de perto o trabalho, acompanhados do agrônomo Rivaldo Dhein, especialista em solos, que vem colaborando com a Cotrijuí nesta área.

A primeira impressão, tirada desta visita, é bastante favorável ao que vem sendo feito, mas é claro que nem tudo o que acontece na região de Toledo poderá ser aplicado em outras zonas produtoras, pois cada uma tem, afinal, suas características. O Projeto dos paranaenses tem como base o princípio de que o solo deve ser recuperado ou preservado a partir de iniciativas comunitárias. E isso é o que realmente acontece, também em outros municípios do oeste do Estado, e não só em Toledo.

## MINIFÚNDIO

A região concentra pequenas propriedades, e tem quase as mesmas características da zona da soja do Rio Grande do Sul, com predominância das lavouras de soja, trigo e milho. Ao perceberem que a destruturação do solo havia chegado aos seus limites, os produtores, com o assessoramento de técnicos e outros profis-

sionais, trataram de buscar uma saída. Esta alternativa conta hoje com o apoio do governo estadual, que se dispôs a contribuir com pesquisa, material e recursos financeiros.

As áreas foram divididas em microbacias, que consideram extensões de terra como um todo, sem levar em conta os limites de cada propriedade. Assim, as práticas são comuns a todos os produtores, e se iniciam com construção de terraços desde o alto das coxilhas até o lugar mais baixo. Estes terraços têm a forma de espiral em nível, ou seja, vão fazendo o contorno circular de cada topo, passando de uma propriedade a outra em linha contínua, como se a área fosse apenas uma propriedade.

## TERRAÇOS

Pois são esses terraços que mais chamam a atenção, entre os resultados das práticas utilizadas, exatamente por não serem muito comuns. Eles têm uma base de mais ou menos uns três metros, e chegam a até dois metros e meio de altura. São construídos com o uso de tratores de esteira, que movimentam grandes volumes de terra, e passaram a ser conhecidos pelos paranaenses como "munrundus". Pelos técnicos, são denominados de terraços de absorção lenta.

Léo Goi e Cláudio Gonchoroski explicam que esses terraços são construídos para absorver a água, e não para que ela escorra até as partes mais baixas. Com o grande volume de terra erguido nas curvas, a água é retida, e não chega nem mesmo à margem das estradas. O que acontece é o contrário: a enxurrada das estradas é levada para dentro das lavouras e absorvida pelos terraços.

## BENEFÍCIOS

Os benefícios são muitos: os riachos não recebem a terra levada pela erosão, não há perda dos nutrientes do solo e a lavoura retém a umidade por mais tempo. Este detalhe, de que a água é retida e não escorrida para partes mais baixas, é ressal-



Os grandes terraços são construídos por tratores de esteira...



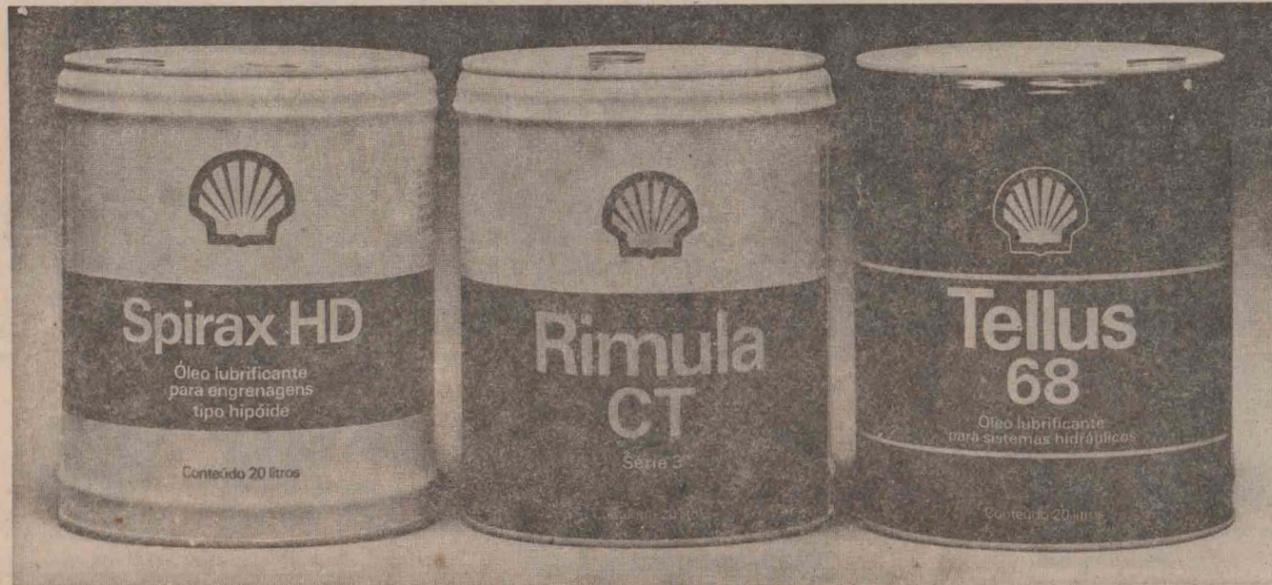
... e passam de uma propriedade a outra, em nível, até a parte mais baixa

tado pelos técnicos. Vale lembrar também que a construção dos terraços é apenas parte do que vem sendo feito, pois outras práticas, como rotação de culturas, melhor manejo do solo e plantio direto, fazem parte do projeto, além do reflorestamento nas nascentes e margens dos rios.

Os produtores da região estão, ao mesmo tempo, buscando reduzir o uso de defensivos agrícolas e a contaminação dos riachos por produtos químicos. É claro

que o projeto tem pontos polêmicos, e entre estes o fato de que os grandes terraços irão aos poucos sendo rebaixados pela ação do tempo, e certamente ficarão menores dentro de alguns anos. Mas o importante, segundo o pessoal da Cotrijuí, é que existe uma iniciativa comunitária, uma disposição para encontrar soluções. E este é o grande exemplo que os paranaenses transmitem a produtores e técnicos de outras regiões.

## Os óleos de quem conhece máquinas agrícolas. Você e a Shell.



Todo agricultor sabe que deve tratar bem as máquinas, como se trata a terra. Porque a terra depende delas para produzir. Rimula é o óleo da Shell que ajuda você a colher mais soja, milho, algodão, café. E ajuda a preservar seu patrimônio. Rimula dá melhor desempenho para as máquinas, protege o motor e prolonga sua vida por muitas e muitas colheitas.



Você pode confiar

# Um livro sobre cooperativismo

“Elementos de Cooperativismo e Administração Rural”, livro organizado pelo professor Francisco Adelar Baggio, presidente da Fidene/Unijuí, com a participação da Assoeste (Associação Educacional do Oeste do Paraná) e ainda da Cooperativa Central Regional Iguaçu Ltda – Cotriguaçu –, se constitui em mais um subsídio a ser utilizado no encaminhamento dos debates sobre assuntos do meio agrícola.

Os textos produzidos entre os anos de 1982 e 1983 pelos professores do Centro de Estudos Sociais e Econômicos da Fundação, Francisco Adelar Baggio, Antônio José Grison, Argemiro Luiz Brum, Dinarte Belato, Mário Osório Marques, Severino Batista Verza, Telmo Rudi Frantz e David Basso, escritos num linguajar bastante acessível, têm sido amplamente utilizados durante os treinamentos de professores rurais e técnicos que trabalham diretamente em cooperativas e extensão rural na região Oeste do Paraná. O trabalho com professores e técnico e que deu origem aos textos que hoje compõe o livro, faz parte do programa de Comunicação e Educação de Cooperativas, aprovado pela Assoeste, Cotriguaçu e Projeto Especial Multinacional de Educação MEC/OEA e que ficou sob a coordenação da Fidene.

Conhecedora de todo o trabalho e da experiência da Fidene junto aos produtores rurais da região Noroeste do Rio Grande do Sul, a Assoeste convidou a Fundação para desenvolver um trabalho educacional naquela região. A arrancada inicial aconteceu em 1982, quan-

do a Fidene coordenou o Seminário de Desenvolvimento Regional, realizado na cidade de Cascavel. O próprio Movimento para o Desenvolvimento Regional do Oeste do Paraná é um trabalho que envolve diferentes setores da população local, girando em torno da discussão

de assuntos considerados prioritários, como conservação de solos e recuperação da memória popular na região.

## INTEGRAÇÃO E PARTICIPAÇÃO

Na primeira parte o livro fala do cooperativismo como

um processo de integração e participação consciente, tanto por parte dos associados, como dos dirigentes e funcionários. Na segunda parte, os professores abordam assuntos relacionados com o processo de modernização da agropecuária e do complexo agroindustrial.



**EXTRA**

# Parabéns aos fortes do milho.

## Usando PRIMEXTRA vocês ganharam produtividade



## comodidade



**CIBA-GEIGY**  
DIV. AGROQUÍMICA



**COTRIEXPORT –  
CORRETORA DE  
SEGUROS LTDA.**

INVESTIMENTO EM SEGURO, SEJA INCÊNCIO, VEÍCULOS, ROUBO, VIDA, ACIDENTES PESSOAIS E OUTROS, REPRESENTA TRANQUILIDADE CONTRA AS INCERTEZAS DO DIA-A-DIA.

Em Ijuí: Rua das Chácaras 1513 – fone: 332-1914 ou 332-3765 ramal 364  
Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342 5º andar – fone: 21-08-09

# Técnicos e produtores buscam as alternativas

O Departamento Agrotécnico da Cotrijuí volta a debater com os produtores da Região Pioneira, as perspectivas para a lavoura, desta vez enfocando as culturas de verão. Assuntos técnicos, como conservação do solo, vêm sendo debatidos junto com questões econômicas, como os custos de produção, e inclusive uma abordagem política da situação da agricultura, num seminário iniciado dia 7 de agosto, em Coronel Barros, Ijuí, e que se estenderá até o dia 31, com um total de 15 reuniões.

O seminário pretende, segundo o diretor do departamento, Renato Borges de Medeiros, ampliar a discussão que já acontece entre técnicos e produtores, em torno das possíveis saídas para a agricultura. "Os momentos de crise devem oportunizar também essa troca de idéias e servem de teste para nossa criatividade", observa o agrônomo. É claro que não será apenas com boas idéias que o quadro geral para a agricultura, pouco favorável hoje, será alterado. Mas a discussão levará ao entendimento do que acontece ao redor, e estimulará a busca de alternativas.

Nas reuniões, essa tem sido

a preocupação dos técnicos e outros profissionais da Cooperativa, que procuram levar a informação ao produtor e ouvir do associado suas opiniões. Está cada vez mais claro hoje, segundo Renato, que as incertezas com relação ao cultivo da soja, por exemplo, se manifestam num contexto muito amplo, em que fica evidente o jogo de força do poder econômico. Assim é que os países mais pobres são, quase sempre, os mais prejudicados.

## DEMANDA

Nesse seminário também é dada atenção às questões internas, como a relação entre produção e consumo. A realidade hoje mostra que as alternativas, para diversificação da produção, enfrentam muitas limitações, e entre estas a capacidade de compra do consumidor brasileiro. A população, com poder aquisitivo achatado — lembra Renato — não tem acesso ao que se produz, e quase todos os projetos visando o aumento da oferta de alimentos para consumo interno esbarram nesse obstáculo.

Não será por isso, no entanto, que se deixará de perseguir um modelo de agricultura que propicie ganhos ao produtor

e garanta, do outro lado, o acesso da população ao que é produzido. Essa visão ampla da situação enfrentada pelo setor primário, e pela economia como um todo, pode ser esclarecedora de muita coisa até então considerada confusa. Nas reuniões, o pessoal tem procurado mostrar, recorrendo a números e outros dados, que a visão de tudo isso deve ser a mais abrangente possível.

Agora, na segunda quinzena de agosto, o seminário terá continuidade em Ijuí e nas demais unidades, conforme este programa: dia 15, a partir das 13h30min, em Vila Salto; dia 16, em Povoado Santana; dia 17, em Santo Augusto, na Escola Cenequista Padre Anchieta; dia 22, em Vila Floresta, em Ijuí (todos com início às 13h30min); dia 23, em Ajuricaba, às 8h30min; dia 24, Coronel Bicaco, às 14 horas; dia 28, Chiapetta, às 8h30min; dia 29, Jóia, às 8h30min; dia 30, em Tenente Portela, também às 8h30min; e no dia 31 em Augusto Pestana, a partir das 13h30min. Os encontros que acontecem a partir do dia 23, em Ajuricaba e nas demais unidades serão realizados sempre nas sedes da Afucotri.

# À espera da safra dos Estados Unidos

O comportamento do mercado da soja a nível externo e para o produtor irá depender, a curto prazo, das estimativas sobre a safra norte-americana, como mostra a análise abaixo, feita pelo coordenador da área de comercialização da Cotrijuí na Região Pioneira, Ênio Weber, no dia 11 de agosto:

Tivemos nas últimas semanas um mercado bastante estável, sem maiores oscilações na Bolsa de Chicago. Isso foi motivado pela absoluta falta de notícias que pudessem "mexer" com o mercado. Os aumentos de preços verificados a nível de produtor devem-se basicamente a

variações cambiais (reajuste do dólar) no período. A Bolsa de Chicago está praticamente baseada na nova safra americana, que deverá ter sua colheita iniciada dentro de 40 a 60 dias.

Essa safra, até o presente momento, é considerada normal. Apesar das altas temperaturas registradas nos últimos dias, a situação é amenizada com pequenas precipitações. Existe uma grande expectativa em torno do volume da safra norte-americana, cujos números deverão ser oportunamente divulgados. Tivemos também nos últimos dias compras de pequenas quantidades de óleo realizadas pela Índia.

## SORTEIO DE FURADEIRAS TIGRE



Lindolfo Becker Sobrinho, de Ijuí, quando recebia sua furadeira de Júlio Medeiros, chefe da Loja de Ferragens em Ijuí

As lojas Cotrijuí, através de sua seção de ferragens, realizaram em julho, em Ijuí, o sorteio de 14 furadeiras da marca Tigre entre produtores associados da Região Pioneira, como parte da promoção de vendas de 70 motos-serras Haupt. Foram sorteados os seguintes produtores, que receberam suas furadeiras na data dedicada ao colono, dia 25 de julho: Lindolfo Becker Sobrinho, Antonio Aires Sarturi Coró, Alfredo Treter, Luiz Fridricheski, Dario Schirmer e Rinaldo José Bazzan, todos de Ijuí; Jorge Anesi e Mauri Meoke, de Augusto Pestana; Albino Schepp e Guilherme Camini, de Tenente Portela; Lauro Olívio Begrow, de Santo Augusto; Lucídio José Felipe e Edvino Eberhardt, de Ajuricaba; e Inocêncio Goulart Barcelos, de Coronel Bicaco.



**LOJAS  
COTRIJUI**

**Agricultor é esse homem que todos os dias faz o milagre da multiplicação.**

**IPIRANGA**

28 de julho. Dia do Agricultor. Homenagem da Ipiranga a todos os agricultores e Cooperativas Agropecuárias do País.

# A mulher assumindo sua luta

**Os avanços e as conquistas que a mulher teve a partir de 1976. Porque aconteceram esses avanços.**

A mulher, assim como toda a família rural, sempre teve uma participação direta ou indireta na produção da lavoura. Essa participação é direta na medida em que ela contribui com a mão-de-obra para os serviços de produção diversificada. Ou então, é indireta quando a mulher se envolve com questões administrativas da propriedade, como por exemplo, na definição do quê, como e para que produzir.

Aos poucos a mulher está deixando de ficar comprometida apenas com os afazeres domésticos da propriedade, mas também se envolvendo com outras questões, como a sua própria valorização como trabalhadora rural, para desta forma ser reconhecida perante a lei. Também tem se notado, principalmente nas atividades desenvolvidas nos núcleos de esposas e filhas de associados, uma preocupação muito grande com relação a administração da economia familiar.

A mulher não só contribuiria nos rumos da agricultura através da instituição representada diretamente, como em todo um processo de desenvolvimento social, econômico e político dos fatos e da vida, discutindo, propondo e participando dos acontecimentos. Tendo claro estes fatos, desenvolveu-se na Cotrijuí, a partir de 1976, pelo Departamento de Comunicação e Educação, um trabalho com a mulher — esposa e filha de associados —. O objetivo é envolver a família como um todo no processo cooperativo, tanto no sentido econômico como social e político. Esse trabalho vem acontecendo nas oito Unidades da Região Pioneira: Ijuí, Ajuricaba, Augusto Pestana, Chiapetta, Coronel Bicaco, Santo Augusto, Tenente Portela e Jóia, totalizando em torno de 80 núcleos. Só neste primeiro semestre de 1984, participaram de reuniões e outras atividades, 4.963 esposas e filhas de associados.

Certamente que a partir do momento que a mulher tomar consciência de que também é uma agricultora e não apenas doméstica, ela estará começando a formar

uma consciência de classe agrícola, influenciando muito mais nas discussões e soluções que hoje se busca para a agricultura. Essa consciência já começa a aparecer, principalmente naquelas mulheres que costumam participar mais ativamente das discussões em reuniões, das atividades comunitárias, dos encontros de lideranças e principalmente, dos Encontros de Integração de núcleos Cooperativados da Região Pioneira. Nesses encontros tem se observado que a mulher rural (esposa ou filha de associado), ou a associada sabe muito bem o que quer.

## Os resultados desse trabalho

A participação e a contribuição dos núcleos de esposas e filhas de associados no processo Cotrijuí é visível através do envolvimento e da participação da mulher em várias atividades desenvolvidas junto ao quadro social. Como exemplos práticos podemos citar os casos de participações em cursos técnicos, como o de piscicultura, fruticultura, horticultura e até em visitas ao Centro de Treinamento.

Outros fatos também tem se concretizado através da organização e participação dos núcleos cooperativos de esposa e filhas de associados, como por exemplo, a realização anual da Feira de Produtos Colonial, projetos de Saúde Comunitária, formação de Centros de Enfermagem em comunidades do interior de Ijuí e Ajuricaba.

Ainda tem sido registrada a participação da mulher em reuniões de Representantes eleitos do quadro social, do Conselho de Produtores de leite. Em qualquer uma destas reuniões, a mulher tem se manifestado, com direito não apenas de voz, mas também de voto.

Sempre achamos que voto deve ser discutido, analisado e decidido em família, onde o associado ou a sua esposa (a matrícula) fará uso do voto. Esse procedimento vem acontecendo como experiência desde 1979, registrando um avanço significativo no espaço de participação da mulher na Cotrijuí. Porém, para a incorporação desse procedimento ao Estatuto, acreditamos que existem alguns entraves.



Cresce a participação da mulher na região

ves. É justamente neste momento que se faz necessário um posicionamento claro e objetivo da mulher rural no quadro social da Cotrijuí.

## Perspectivas na Região quanto a participação da mulher.

Todo o trabalho no sentido de conscientizar a mulher, será levado adiante pelo próprio núcleo ou então, à medida em que as discussões forem encaminhadas juntamente com outras Instituições, como os Sindicatos, por exemplo.

Tem se notado que as perspectivas do trabalho com a mulher (esposa e filha de associado) ou a associada é boa. A tendência que se tem notado é de que a mulher começa a assumir mais uma luta que é da própria mulher, dentro do seu espaço na família, na comunidade, no sindicato, na cooperativa, na sociedade.

Atualmente o trabalho não se restringe apenas a nível de Cotrijuí. Existem muitos sindicatos rurais dando força, apoio aos fatos que lhes dizem respeito. Várias cooperativas no Estado estão organizando o trabalho das mulheres. É importante salientar também, dentro deste contexto, o trabalho que a Cotrimaio está iniciando conjuntamente com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Três de Maio

e outros municípios de sua área de ação. O Departamento de Comunicação e Educação da Cotrijuí esteve representado, juntamente com uma líder dos núcleos cooperativos de Augusto Pestana, no 1º Seminário de Mulheres da Cotrimaio, realizado nos dias 25, 26 e 27 de julho. Consideramos as conclusões do Seminário muito importantes, porque as participantes decidiram organizar-se por núcleos. Onde ainda não existirem núcleos, será feito um trabalho de conscientização, organização. Para o próximo ano, em julho, acontecerá um novo Seminário objetivando a troca de experiências e uma avaliação da caminhada.

O importante disso tudo é que as mulheres do quadro social da Cotrijuí não estão lutando sozinhas. Já existem muitas mulheres querendo ser valorizadas como pessoa humana, atuantes e capazes de constituir um mundo mais humano e justo, assim como um sistema cooperativista voltado sempre aos interesses dos associados e da sua família. É a "mulher pessoa" dando a sua parcela de contribuição dentro do contexto atual.

Departamento de Comunicação e Educação Cotrijuí

## Centro de Saúde em Barro Preto

As reivindicações de um Plano de Saúde para as comunidades de Pinhal e Barro Preto em Ajuricaba, eram antigas e por muito tempo o assunto andou sendo discutido e analisado nas reuniões de núcleos cooperativos. Foi justamente a partir de um levantamento feito em 1982 por estagiários de enfermagem e bolsistas da Cotrijuí, que o Plano de Saúde começou a sair do papel e tornar-se uma realidade. Hoje as duas comunidades já contam com o Centro Rural de Atendimento de Saúde, instalado recentemente na localidade de Barro Preto.

A inauguração do Centro de Saúde aconteceu no dia 17 de julho, justamente num domingo em que a comunidade realizava uma festa popular. A solenidade de inauguração foi coordenada pela líder do núcleo cooperativado de Barro Preto, a

dona Sílvia Rodrigues. Prestigiando o acontecimento, o presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva destacou a necessidade do produtor ter a seu lado uma organização forte e da qual possa participar de suas decisões. Elogiou a iniciativa da comunidade em se organizar e reivindicar a aplicação na área de saúde, da verba proveniente do Funnural, da qual 25 por cento fica retida pela Cooperativa. A coordenadora do Departamento de Comunicação e Educação da Cotrijuí, Noemi Huth, destacou a importância do trabalho na área de saúde preventiva e ainda ressaltou a caminhada da comunidade até conseguir atingir os objetivos propostos.

Falaram em nome da comunidade durante as festividades de inauguração, o presidente da Comissão de Saúde, profes-

sor Orlando Rubert, o conselheiro Leonides Dallabrida e o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ajuricaba, Luiz Otonelli. Também prestigiaram a inauguração, José Constantino Dalmas, gerente da Unidade de Ajuricaba e o médico Roberto Garcia.

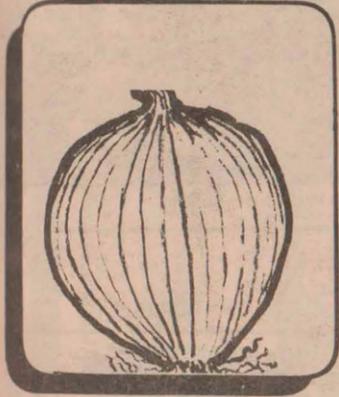
O Centro Rural de Atendimento de Saúde conta com o trabalho da atendente de enfermagem Ione Lúci e de voluntários de saúde das comunidades de Barro Preto (Timbozal, Formigueiro e 1º de Maio). Todas às quartas-feiras, a comunidade conta com a participação e colaboração da enfermeira Cledis Sangiovo Otonelli e do médico Roberto Leite Garcia.

Cledis Maria Sangiovo Otonelli  
Comissão de Saúde



O Centro de Atendimento já-está funcionando

# LAVOURA DO MÊS



**CEBOLA**

As áreas com cebola transplantada estão com ótimo desenvolvimento, com sanidade muito boa e dando perspectivas de boa produtividade.

As áreas semeadas no local definitivo estão um pouco prejudicadas em consequência das chuvas, que provocaram o surgimento de uma camada compactada que dificulta a emergência e o crescimento das plantas de um modo geral. Neste caso não há solução fácil, pois em função do modo de plantio, as capinas são dificultadas, mas mesmo assim é importante que se consiga com uma enxadinha provocar um pequeno revolvimento de terra.

As doenças e pragas são motivo permanente de alerta por parte dos produtores. Quando observarem sua ocorrência, devem buscar informações junto ao Departamento Técnico.

## LENTILHA

As lavouras de lentilha no geral estão satisfatórias, estando as plantas ainda pequenas e o crescimento neste período é lento. A recomendação inicial de não se usar áreas muito férteis

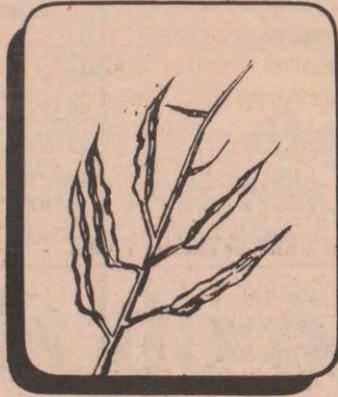
## RECOMENDAÇÕES

● Ainda é tempo de plantar eucalipto. Existem mudas disponíveis nas Unidades da Cooperativa.

● As aplicações de calda sulfocálcica na videira, neste período, é uma prática que melhora a sanidade geral das plantas e seu desenvolvimento.

era exatamente com o objetivo de evitar o crescimento muito rápido das plantas na fase inicial. O desenvolvimento de muita massa verde na lentilha não é recomendável, pois provoca muito acamamento, surgimento de doenças, refletindo-se na diminuição da produção.

A aplicação de Nitrogênio (Uréia ou Sulfato de Amônio) não é uma prática recomendada para esta cultura, mas se o associado julgar necessária sua aplicação convém antes discutir o assunto com o técnico da região para melhor esclarecimento.

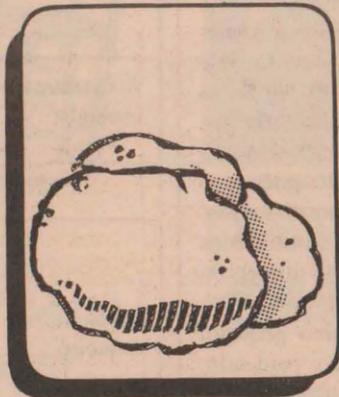


**ERVILHA**

As áreas cultivadas com ervilhas destinadas ao consumo verde ou para debulhar estão se desenvolvendo bem, apesar das chuvas ocorridas no período.

O que se tem observado em algumas lavouras é a

presença de mosquinhas que raspam a superfície das folhas, retirando a parte verde, ficando as folhas com partes brancas, como se fosse oídio; mas observando melhor nota-se que não é doença. As ervilhas com flores brancas — que normalmente produzem vagens para debulhas — já estão em florescimento e pelo comportamento das lavouras até esta data, estima-se que a produtividade possa ser satisfatória.

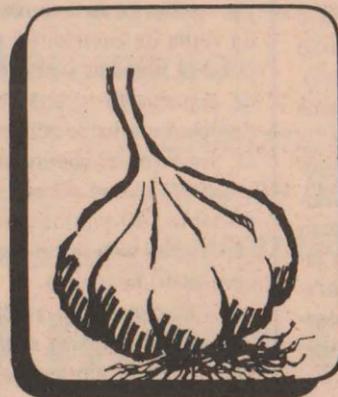


**BATATA**

A informação da edição anterior sobre disponibilidade de batata semente de boa qualidade é agora confirmada. A cooperativa procurou obter semente exclusivamente das variedades que se mostraram muito produtivas no ano anterior.

A batata para obter emergência e crescimento uniforme deve ser plantada com boa brotação. A brota-

ção da batata ocorre naturalmente quanto aumenta a temperatura na primavera. As plantas de agosto e início de setembro exigem que se force a brotação dos tubérculos, o que pode ser feito pelo abafamento com palha por um período de mais ou menos 3 semanas ou pelo uso de um brotador. Esse brotador é uma pastilha que se dissolve na água e se mergulha as batatas por 5 minutos; deixa-se secar e novamente é ensacado. Após 10 e 15 dias desta operação a batata deverá estar bem brotada e terá condições de dar um bom stand de lavoura.



**ALHO**

As lavouras de alho Portela têm sido motivo de preocupação para muitos associados em função do crescimento lento e por estar ainda de porte baixo. O alho Portela é tardio, portanto, é normal que ainda

não esteja muito desenvolvido. Recomenda-se que se tenha muito cuidado com eventuais aplicações de uréia para estimular o seu crescimento. Muito vigor pode fazer com que a planta desenvolva a folhagem e forme cabeças (bulbos) pequenos. Em função do engrossamento do talo (pseudo caule) pode-se obter plantas com pouca resistência a chuvas e umidade, prejudicando completamente o valor comercial do produto.

As pragas comuns do alho, até esta época, não se tem manifestado. Mesmo as doenças também não tem sido motivo de preocupação até o presente.

## HORTALIÇAS DIVERSAS

As hortas estão com bom desenvolvimento e em plena produção. A época é oportuna para semear tomate e pepino em local abrigado e protegido do frio. O tomate e o pepino semeados agora em sacos de papel ou copinhos, permitem colheitas no cedo com pouca incidência de pragas e moléstias, portanto, um produto muito mais saudável.

O repolho, rabanete, rúcula e outras hortaliças também podem ser semeadas nesta época.

## QUADRO DE ÉPOCAS DE SEMEADURA/VARIETADES/ÁREA

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Repolho			12 m <sup>2</sup> Coração de Boi e Matzukase				12 m <sup>2</sup> Matzukase, Chumbinho				12 m <sup>2</sup> Matzukase, Chumbinho	
Couve			12 m <sup>2</sup> Manteiga				12 m <sup>2</sup> Manteiga					
Rabanete	4 m <sup>2</sup> Saxa, Redondo vermelho		4 m <sup>2</sup> Saxa, Redondo vermelho		4 m <sup>2</sup> Saxa, Redondo vermelho		4 m <sup>2</sup> Saxa, Redondo vermelho		4 m <sup>2</sup> Saxa, Redondo vermelho		4 m <sup>2</sup> Saxa, Redondo vermelho	
Rúcula	6 m <sup>2</sup> Cultivada			6 m <sup>2</sup> Cultivada			6 m <sup>2</sup> Cultivada			6 m <sup>2</sup> Cultivada		
Cenoura			18 m <sup>2</sup> Nantes						18 m <sup>2</sup> Kuroda			
Alface	12 m <sup>2</sup> Kagraner e Maravilha verão		12 m <sup>2</sup> Boston Branca e Rainha Mai		12 m <sup>2</sup> Boston Branca e Rainha Mai		12 m <sup>2</sup> Boston Branca e Rainha Mai		12 m <sup>2</sup> Kagraner e Maravilha verão		12 m <sup>2</sup> Kagraner e Maravilha verão	
Beterraba			18 m <sup>2</sup> Tall Top						18 m <sup>2</sup> Tall Top			
Tomate	50 plantas Yokota							50 plantas Kada, P. Gig.				
Pepino	50 plantas Wisconsin							50 plantas Wisconsin			50 pl. Ginca	
Cebola			2.000 plantas Baia Periforme	2.000 plantas Baia Periforme								

COLHEITA DO MÊS: (para quem segue as sugestões do plantio do quadro acima): Rabanete, Rúcula, Alface, Cenoura, Repolho e Beterraba

# Menos verba de custeio para o pequeno produtor

Os novos Valores Básicos de Custeio e as alterações na área de crédito rural aprovados recentemente pelo Conselho Monetário Nacional e ainda a ser referendados pelo Banco Central vieram apenas confirmar as especulações: o dinheiro a ser aplicado na agricultura anda curto. (Ver matéria na página 7). Quem saiu prejudicado com as mudanças foi o pequeno produtor, que a partir desta safra, se persistirem os percentuais divulgados, contará com menos recursos para a formação da sua lavoura. Também ficou claro que a intenção das autoridades governamentais ligadas à área agrícola é de procurar, cada vez mais desatrelar o produtor do sistema de financiamento, aumentando a participação com recursos próprios no custeio das lavouras.

Os Valores Básicos de Custeio, embora tenham recebido reajustes mais elevados que na safra anterior, ainda ficaram distantes dos custos de formação da lavoura. A média de reajustes, se comparado com os valores fixados no ano passado, ficou em torno de 270 por cento, isso considerando apenas as culturas mais importantes, como o arroz, o milho, o feijão, o algodão e a soja. O percentual de adiantamento será de 80 por cento para os pequenos produtores e 60 por cento para os grandes.

## MAIS APERTO

As mudanças nos percentuais de empréstimos vão caracterizar maior aperto para o produtor. Com menos recursos do governo para formar a sua lavoura de verão, o produtor que não dispôr de recursos próprios, terá de buscar dinheiro a juros de mercado. E o pequeno produtor, que até a safra anterior tinha direito a 90 por cento da verba de custeio, de agora em diante terá que contentar-se com 80 por cento — caso seja produtor de arroz, feijão, milho e sorgo. O grande produtor é que realmente saiu beneficiado com as mudanças, pois a partir da próxima safra, passa a contar com 60 por cento do VBC e não mais com os 40 por cento que vinha percebendo.

## MUDANÇA NAS FAIXAS

As principais alterações definidas pelo Conselho Monetário Nacional dizem respeito às faixas de financiamento e aos percentuais de adiantamento da verba de custeio. Estas mudanças caíram como uma ducha de água fria na cabeça dos produtores, principalmente daqueles que estão enquadrados como pequenos produtores e que nesta safra vão contar com

menos dinheiro para custear suas lavouras. Com a redução de três para duas as categorias de produtores, para efeito de fixação dos limites de adiantamento de crédito, desapareceu a figura do médio produtor. De agora em diante todo produtor é classificado como pequeno ou grande. Não existe mais a faixa intermediária.

As margens de financiamentos também mudaram. O pequeno produtor que até então vinha recebendo 90 por cento do VBC, passa agora a perceber 80 por cento. O grande que recebia apenas 40 por cento passa a receber 60 por cento da verba de custeio. Os produtores de soja ou de algodão — produtos considerados de exportação — terão níveis diferenciados para efeito de adiantamento do VBC. O produtor enquadrado como pequeno receberá apenas 60 por cento, perdendo, portanto, 30 pontos percentuais em relação a safra anterior e o grande permanece com os 40 por cento.

Por enquanto ainda não foram definidos os critérios a serem utilizados nas novas classificações, mas já se sabe que os estudos estão em fase bem adiantada. Ainda não se sabe quantos médios produtores serão transformados em pequenos e nem quantos pequenos passarão para a categoria de grandes produtores. Até a safra anterior o limite de classificação vinha sendo feito em Maior Valor de Referência — MVR —. Até 600 MVRs, o produtor era considerado pequeno; de 600 a 3.000 MVRs, era classificado como médio e acima de 3.000 MVRs, grande produtor.

O Conselho Monetário tratou ainda de garantir a correção monetária dos recursos próprios aplicados na lavoura, dentro do Proagro. Em outras safras o seguro agrícola garantia apenas o equivalente aos recursos tomados pelos produtores dentro da rubrica de crédito rural, mas de agora em diante, passará a garantir a cobertura dos recursos próprios aplicados, com correção monetária. O adicional também deverá ser cobrado com correção monetária. O cálculo será feito em função do valor de crédito contratado, considerando o número de indenizações já abonadas e do percentual de garantia de opção do próprio produtor.

## DISTANTE DOS CUSTOS REAIS

Embora os VBCs tenham sido corrigidos com percentuais mais elevados que em safras anteriores, eles ainda basearam-se em valores bastante defasados e distantes dos custos reais de formação de uma lavoura. Um exemplo bem prático é o



O custeio para soja teve reajuste de 281%



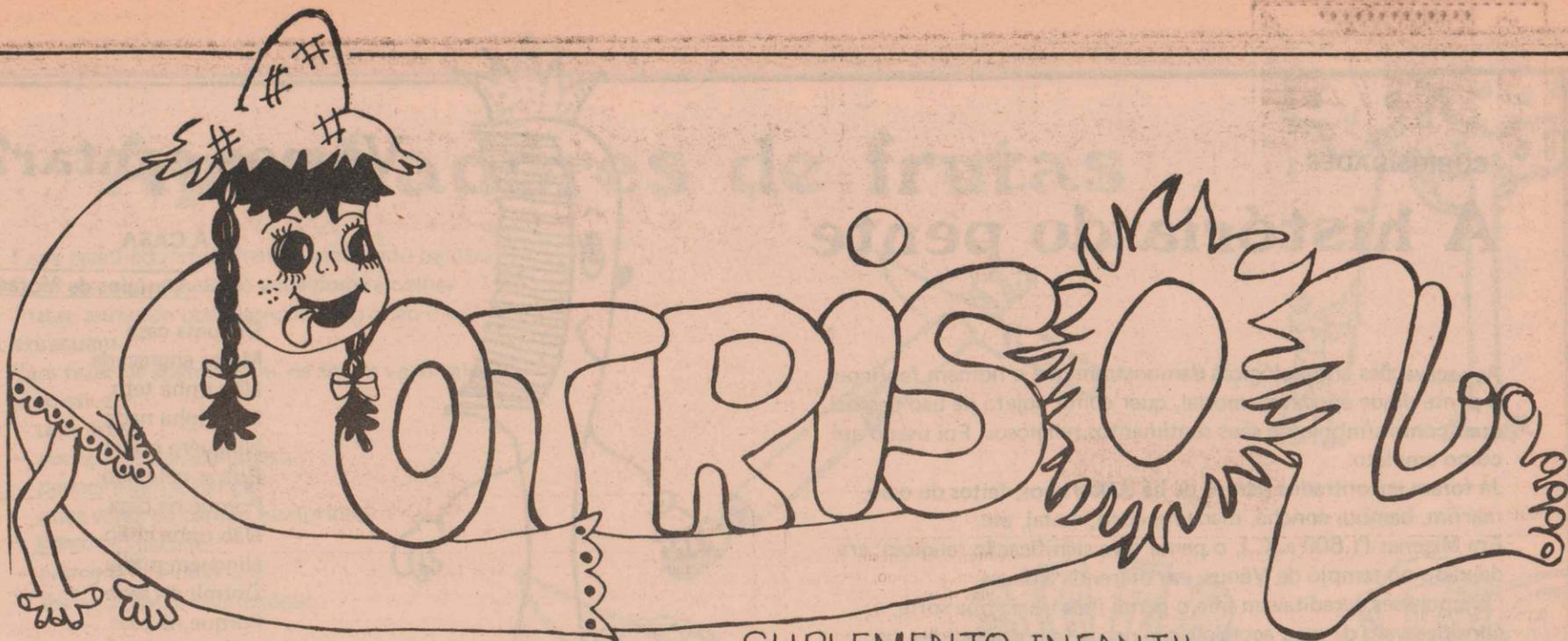
... e o do milho de 265%

PRODUTO	FAIXA DE PRODUTIVIDADE Kg/ha	VBC		
		Cr\$/ha		
Arroz irrigado mecanicamente	até 3.000	751.000,00		
	3.001 a 3.600	870.000,00		
	3.601 a 4.200	971.000,00		
	4.201 a 5.000	1.106.000,00		
	acima de 5.000	1.155.000,00		
Arroz irrigado natural	até 3.000	597.000,00		
	3.001 a 3.600	659.000,00		
	3.601 a 4.200	725.000,00		
	4.201 a 5.000	813.000,00		
	acima de 5.000	862.000,00		
Arroz de sequeiro	até 1.000	Área de toco	Região da Sudan	Demais Regiões
	1.001 a 1.300	131.000,00	231.000,00	206.000,00
	1.301 a 1.600	150.000,00	310.000,00	274.000,00
	1.601 a 1.900	207.000,00	397.000,00	356.000,00
	acima de 1.900	263.000,00	497.000,00	445.000,00
Feijão	até 400	127.000,00		
	401 a 600	283.000,00		
	601 a 800	345.000,00		
	801 a 1.000	450.000,00		
	acima de 1.000	575.000,00		
Milho	até 900	108.000,00		
	901 a 1.300	154.000,00		
	1.301 a 1.700	218.000,00		
	1.701 a 2.100	265.000,00		
	2.101 a 2.500	309.000,00		
	2.501 a 3.000	370.000,00		
	3.001 a 3.500	406.000,00		
	3.501 a 4.000	472.000,00		
	4.001 a 5.000	547.000,00		
	acima de 5.000	633.000,00		
Soja	até 1.250	280.000,00		
	1.251 a 1.500	304.000,00		
	1.501 a 1.750	374.000,00		
	1.751 a 2.000	407.000,00		
	2.001 a 2.400	475.000,00		
	acima de 2.400	500.000,00		

custo de formação da lavoura de soja, que de 83 para cá teve um crescimento de 322 por cento. O VBC necessário para a lavoura de soja, considerando um levantamento feito pelo Luís Juliani do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí (Ver Cotrijornal do mês de junho), seria de Cr\$ . . 522.636,98, por hectare, para uma produtividade média de 30 sacos por hectare. Para esta mesma faixa de produtividade, no entanto, o governo vai liberar apenas Cr\$ 407.000,00, para formação de uma lavoura, o que representa um reajuste de 281 por cento em relação ao VBC da sa-

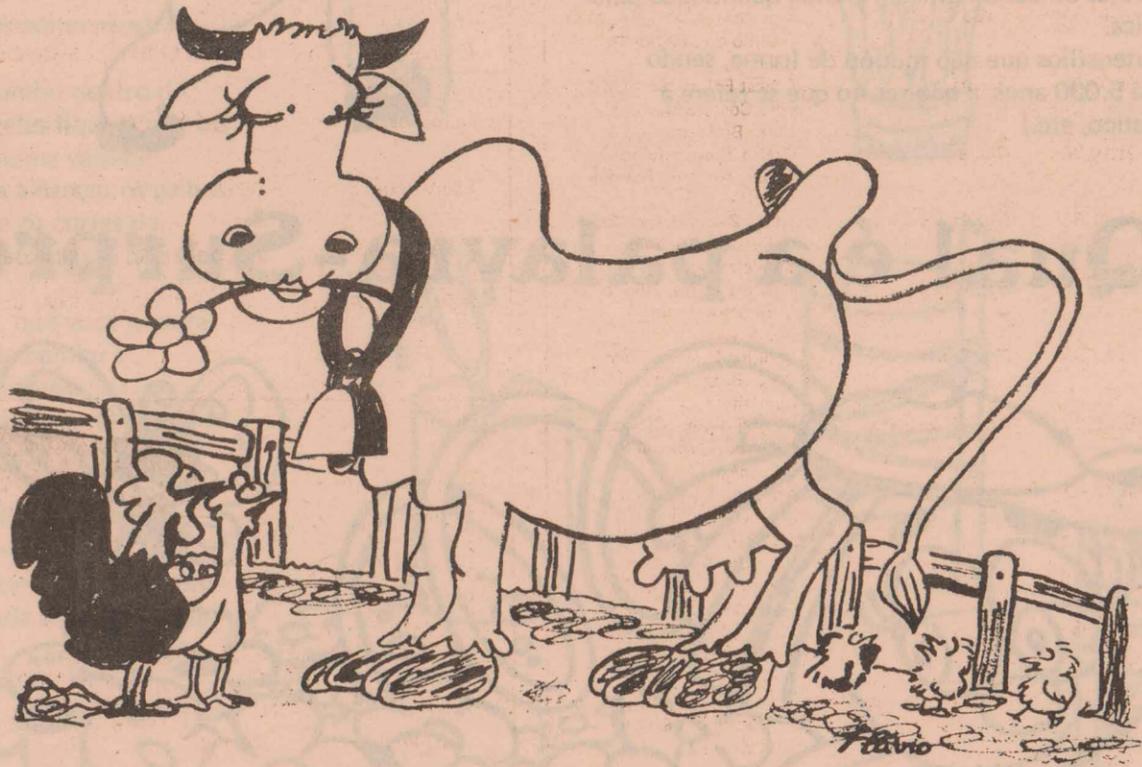
fra passada. O reajuste necessário, segundo os cálculos levantados na Cotrijuí, seria de 390 por cento.

Para o milho, na faixa de 3.001 a 3.500 quilos por hectare, o VBC a ser liberado pelo governo é de Cr\$ 406.000,00, com um reajuste de 265 por cento em relação a safra anterior, enquanto que o necessário, conforme os cálculos da Cotrijuí, seria de Cr\$ 530.148,00. Para o feijão, na faixa de produtividade de 801 a 1.000 quilos por hectare, o VBC será de Cr\$ 450.000,00.



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI



## Novidade na fazenda

O galo cantou três vezes. O dia amanheceu e a vaquinha Rafaela já deu o seu leite. São dois baldes cheinhos todos os dias. Agora ela está no pasto junto com as suas amigas: Cheirosa, Margarida, Beterraba, Espanhola. . . Puxa, são tantas. . . Elas pastam pra lá e prá cá, comendo grandes touceiras de capim melado que deixam seus estômagos forradinhos. Rafaela é uma das mais alegres das vacas. Aliás, era. Alguma coisa anda acontecendo com ela. A primeira a notar foi a Beterraba. Rafaela já

não come tanto. Passa os dias na sombra de uma grande mangueira, olhando para não se sabe onde. Seu Epitácio, o dono da fazenda, estranhou. Rafaela já não brincava com os pintinhos da galinha Juju, não andava toda desengonçada a balançar sua sineta, não dava carreiras nos moleques que puxavam o seu rabo e muito menos lambia a cabeça do galo Hermínio. Não teve dúvidas. Chamou o veterinário. Doutor Fernando olhou bem no fundo dos olhinhos, antes tão

alegrinhos da Rafaela e apalpou a sua barriga. Era o que ele suspeitava. Rafaela ia ser mamãe! A notícia correu logo toda a fazenda. O Pai - o touro Marajá - não cabia em si de tão contente que estava. Hoje quem passar pela fazenda do seu Epitácio, vai notar um bezerro que é a cara da Rafaela e o jeitão pomposo do Marajá. É o Arquimedes. O filho do casal mais coruja da Fazenda.

Flávio -- Folha de São Paulo.

CURIOSIDADES

# A história do pente

As escavações arqueológicas demonstram que o homem fabricou o pente desde época imemorial, quer como objeto de uso pessoal, quer como símbolo de seus sentimentos religiosos. Foi usado até como amuleto.

Já foram encontrados pentes de há 9.000 anos, feitos de osso, marfim, bambu, concha, madeira, côco, metal, etc.

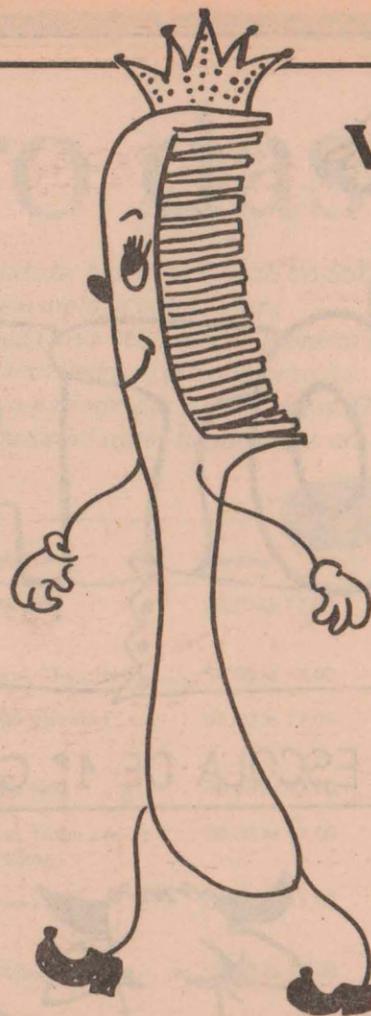
Em Micenas (1.600 a. C.), o pente teve significação religiosa: era deixado no templo de Vênus, em oferenda à deusa.

Os japoneses acreditavam que o pente lhes trazia boa sorte, e consideravam de mau agouro a sua perda (nas despedidas, os viajantes eram presenteados com um pente).

As mulheres malaias ainda recentemente tinham o hábito de guardar 20 ou 30 pentes como talismã: um para cada enfermidade.

Na Europa, o pente chegou a alcançar alto preço, figurando até em testamentos. Os piratas os adquiriam em grande quantidade para vendê-los na América.

É um dos poucos utensílios que não mudou de forma, sendo fabricados como há 5.000 anos, a não ser no que se refere à matéria-prima (plástico, etc.)



## Vamos cantar?

A CASA

Vinícius de Moraes

Era uma casa  
Muito engraçada  
Não tinha teto  
Não tinha nada  
Ninguém podia  
Entrar nela não  
Porque na casa  
Não tinha chão  
Ninguém podia  
Dormir na rede  
Porque na casa  
Não tinha parede  
Ninguém podia  
Fazer pipi  
Porque pinico  
Não tinha ali  
Mas era feita  
Com muito esmero  
Na Rua dos Bobos  
Número Zero.

## Qual é a palavra-Surpresa?

2	4	7	8	5	3	4	6	8
P	L	U	C	C	P	O	B	A
5	8	3	2	4	7	8	3	5
A	C	A	1	C	R	H	L	R
4	2	5	6	8	3	2	4	7
O	A	R	O	O	H	N	M	S
8	3	7	4	6	5	7	8	6
R	A	I	O	N	I	N	R	E
2	4	8	5	3	8	4	6	4
O	T	I	N	9	N	I	C	V
7	5	6	8	4	7	3	8	5
H	H	A	H	A	O	O	O	O

No quadro de letras e números você vai descobrir uma palavra-surpresa. Para saber, faça assim: Se seu nome tem mais que 6 letras, retire 3 delas. Se tem menos, adicione 3 e veja quanto deu. Então, com todas as letras que acompanham esse número, no quadro acima, você terá formado uma palavra-surpresa.

Solução:  
8 - cachorrinho  
5 - carrinho, 6 - boneca, 7 - ursinho  
2 - piano, 3 - palhaço, 4 - locomotiva

# Apanhadores de frutas

Faça apanhadores de frutas, utilizando bambu. Com esses apanhadores você poderá colher frutas, evitando que elas caiam no chão e se estraguem.

Para fazer os apanhadores de frutas você vai precisar de:

- uma faca
- pedaço de bambu grosso
- pedacinhos de bambu
- duas varas de bambu compridas
- pregos e martelo
- arame fino e uma lata
- tesouro para cortar chapas

Como fazer:

1 - Pegue um pedaço de bambu grosso com 3 nós, corte fora o nó da parte de cima e o da parte de baixo.

2 - Com a faca corte a parte de cima do bambu em seis ou oito partes como mostra a figura.

3 - Prenda pedacinhos de bambu dentro de cada parte cortada para que elas fiquem abertas

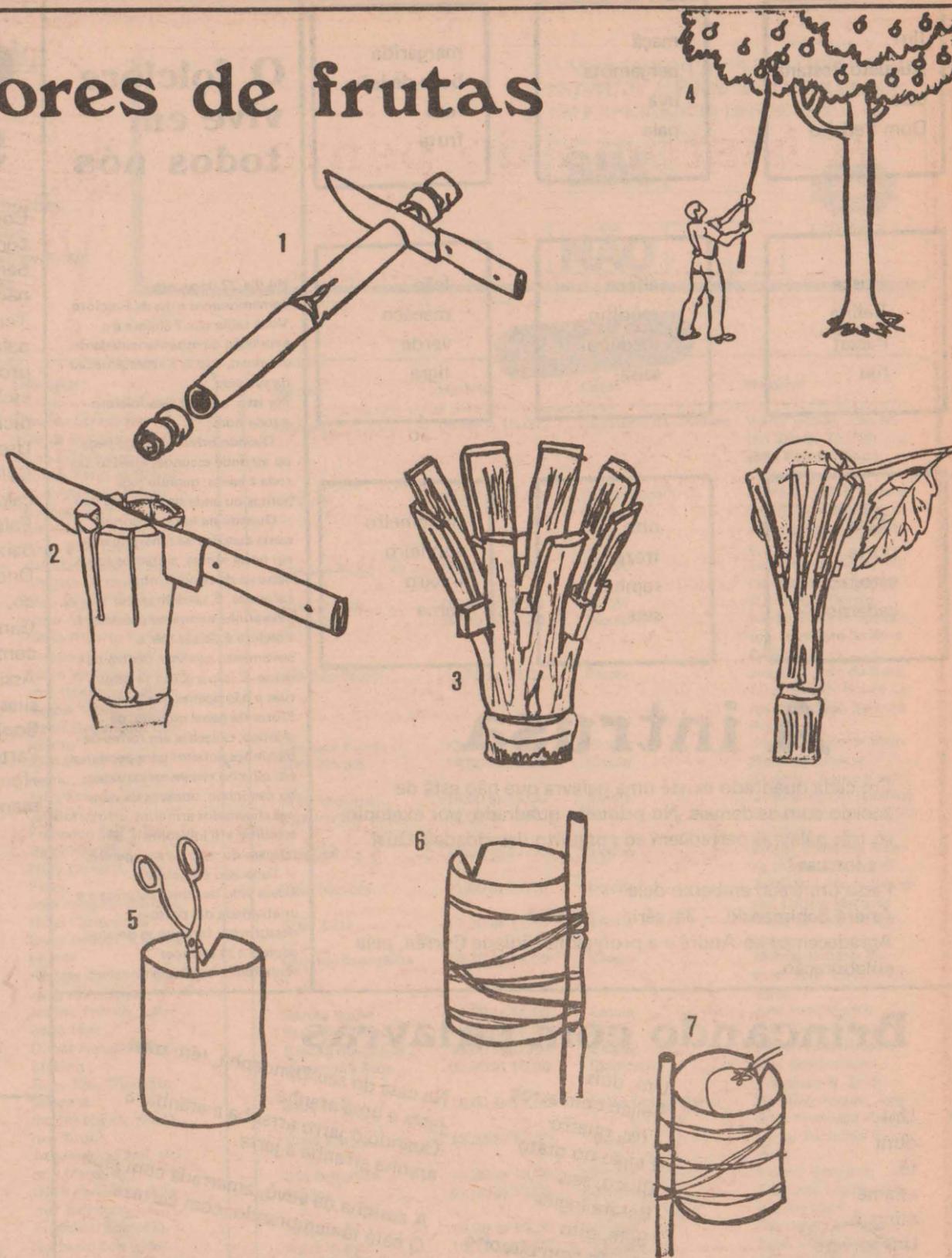
4 - Prenda este apanhador numa vara de bambu longa, para que possa alcançar os galhos mais altos da árvore. Encaixe os cortes do apanhador no talo da fruta e torça até que ela se solte.

Há outro tipo de apanhador, que você poderá fazer pegando a outra vara de bambu e prendendo a lata numa das pontas.

5 - Faça com a tesoura para cortar chapas um corte em forma de "V" na parte de cima da lata.

6 - Com os pregos, o martelo e o arame fino, prenda a lata na vara de bambu.

7 - Ao usar o apanhador alcance o galho com o corte da lata e depois sacuda a vara. A fruta cairá dentro da lata.

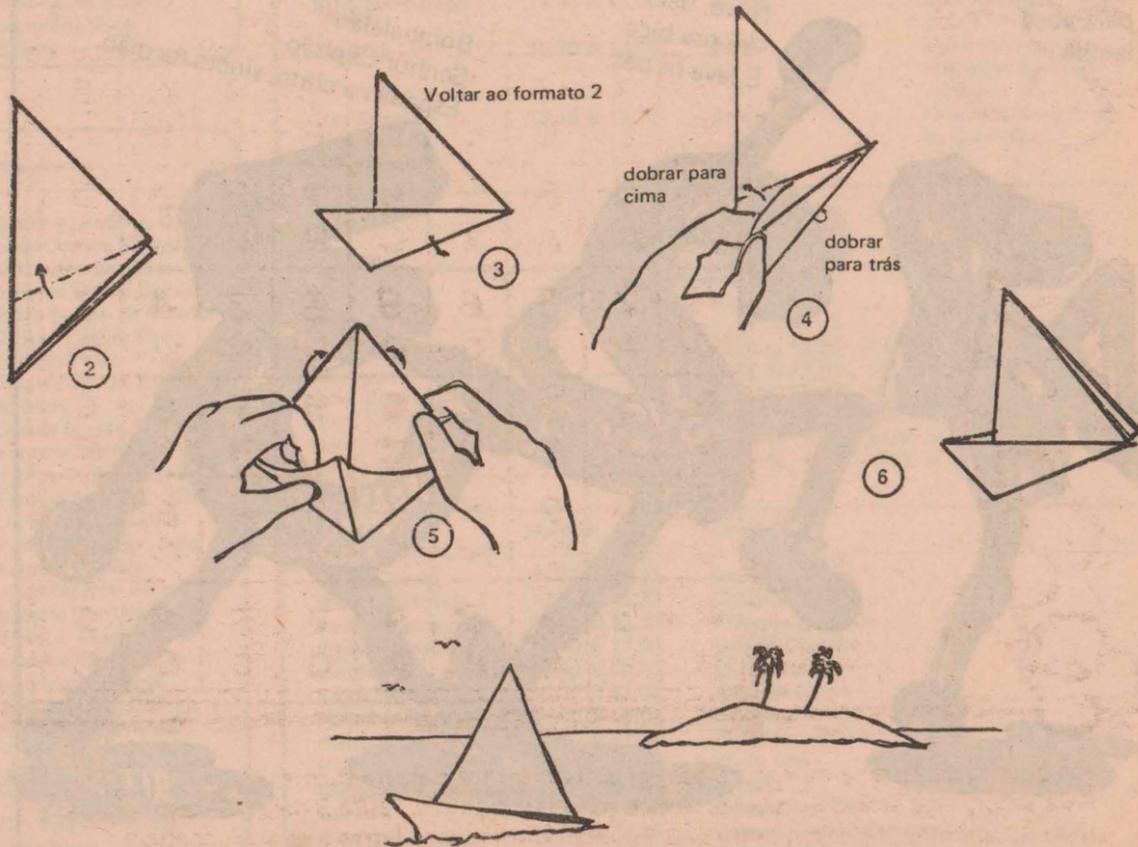
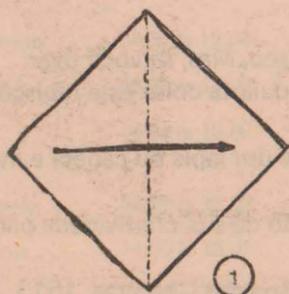


Coleção: Cada Cabeça é um mundo... nº 11 (MOBRAL)

# Fazendo brinquedos

BARCO

Todo dia é dia de brincar. Vamos fazer nossos próprios brinquedos. Nossa sugestão é um barquinho de papel.



Ijuí  
Augusto Pestana  
casa  
Dom Pedrito

maçã  
bergamota  
uva  
pala

margarida  
boca-de-leão  
rosa  
fruta

Fusca  
Belina  
Passat  
rua

alface  
repolho  
madeira  
salsa

leão  
macaco  
verde  
tigre

lápiz  
porta  
estojo  
caderno

oito  
treze  
rainha  
sete

marceneiro  
funileiro  
lixeiro  
cama

## A intrusa

Em cada quadrado existe uma palavra que não está de acordo com as demais. No primeiro quadrado, por exemplo, só três palavras pertencem ao conjunto das cidades. Qual é a intrusa?

Passa um traço embaixo dela.

André Schimanski -- 3a. série -- da EFA

Agradecemos ao André e a professora Lidiane Corrêa, pela colaboração.

## O folclore vive em todos nós

No dia 22 de agosto comemoramos o dia do Folclore. Você sabia que Folclore é a expressão da espontaneidade de um povo, isto é, a representação da sua vida.

Por isso, a gente vive folclore a toda hora:

— Quando brinca de pega-pega ou escondê-esconde; quando faz roda e canta; quando joga bolitas ou anda de perna de pau.

— Quando na hora de dormir canta canções de ninar; quando em noite junina, soltamos fogos debaixo de bandeirinhas coloridas. É também pular amarelinha e empinar pandorgas.

Folclore é deixar sair o sentimento que vive dentro da gente. E isso a gente vê pelas ruas e não apenas nos livros.

Flores de papel crepom, de plástico, bolachas em forma de bichinhos, enfeites para pendurar em espelho retrovisor de carro ou caminhão, bonecas de pano nas chaves dos armários, acreditar em lobisomem, em homem do saco ou saci pererê.

— Tudo isso é folclore.

Nossa vida fica mais colorida e a criatividade das pessoas desabrocha, fazendo as pessoas adultas e as crianças sonharem... e viverem.

## Como é que se escreve?

Coxinha de galinha, ou cochinha?  
Sempre aparece a dúvida, não é?

Tente completar as palavras. Se precisar, procure novos esclarecimentos, no dicionário.

Use x ou ch  
Colher para servir sopas ou caldos: con...a

Falar em voz bem baixinho: co...i...ar

Onde dormem os cavalos: co...eira

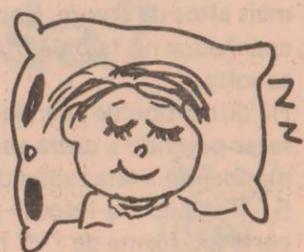
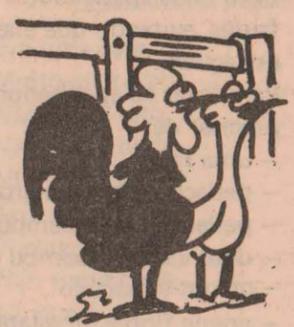
Gamela onde se coloca comida de animais: co...o

Assim os gaúchos chamam suas colinas: co...ilhas

Soninho gostoso: co...ilo

Parte de perna: co...a

Homem que anda mancando: co...o



Respostas: concha, cochinhar, cocheira, cocho, coxilha, cochilo, coxa, coxo.

## Brincando com palavras

Uni  
duni  
tê,  
salamê  
minguê  
Um sorvete  
"colorete"  
para você  
lambê

Um, dois  
Feijão com arroz  
Três, quatro  
Feijão no prato  
Cinco, seis  
Batata inglês  
Sete, oito  
Feijão com biscoito  
Nove, dez  
Vai pra bica  
E lava os pés.

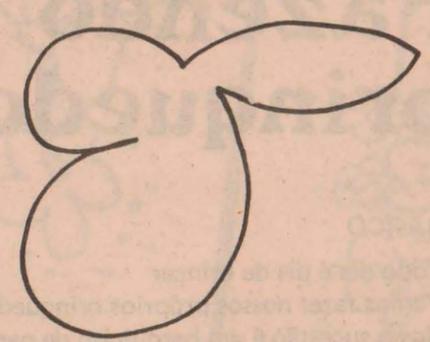
Na casa do seu Dandanha, tem uma jarra e uma aranha.  
Quando o jarro arranha a aranha, a aranha arranha a jarra.

A casinha da vovó, amarrada com cipó.  
O café tá demorando, com certeza falta pó.

Bombalalão  
Senhor Capitão  
Espada na cinta, sineta na mão.



## A criança desenha



Apenas um rabisco. Mas, se você tiver imaginação, em quanta coisa esse rabisco pode se transformar.

Vamos lá. Pegue um lápis ou caneta e invente, alguma coisa.

Envie o resultado de sua criatividade para o Cotrisol.

O Endereço é: Rua das Chácaras, 1513.